LAGRIMAS ABENÇOADAS

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO

EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO, EDITOR,

Rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1878

LAGRIMAS ABENÇOADAS

LAGRIMAS ABENÇOADAS

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO
EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO, EDITOR,
Rua dos Caldeireiros, 18 e 20
1878

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
Rua Ferreira Borges, 31

A QUEM LER

Que a felicidade é possivel sobre a terra: tal é o pensamento d'este romance.

Que a felicidade, confessada pela consciencia, é a unica verdadeira: quizera eu poder provar, assim como posso sentir.

Que a felicidade vem a preço de lagrimas, como a consolação do salvamento a preço das agonias do naufragio: é um paradoxo, talvez, para os que não conhecem a verdadeira felicidade, nem choraram as lagrimas abençoadas da resignação.

Este romance é religioso na essencia. Escreve-se ahi muitas vezes a palavra Deus. Evitam-se as imagens do deleite, o pasto de ociosos, gastos do coração, e fallidos da alma. Os que buscam no romance qualquer cousa que não sirva de nada para o espirito, não leiam este.

Eu espero achar entendimentos que m'o recebam, e corações que m'o agradeçam.

Vereis ahi uma mulher, que não é uma chimera. Imaginei-a, primeiro, e encontrei-a fóra da imaginação, depois.

Maria, linda creatura da terra, é a rainha de dois diademas: um no céo: os anjos, seus irmãos, tecem-lh'o das flores, que ella rega no mundo com as suas lagrimas. Outro na terra: é a soberania da virtude, respeitada, embora não comprehendida, pelos homens, que lhe acurvam o joelho.

Eu sou um d'estes.

E o meu romance é uma palavra d'esse cantico de louvor, que o espirito não póde revelar aos que, no seu caminho, não parariam a comprehender-lh'o.

Meditemos este assumpto.

Ha ahi n'esse mundo material uma decidida negação para acompanhar o espirito nas suas elevações. Eu sei-o.

Um ou outro homem encosta a face á mão, abraça os horizontes com uma vista scismadora, afina a harpa da sua alma pela toada sonorosa dos pinhaes; compõe das notas lugubres da tempestade a harmonia tetrica, em que a divindade falla aos homens; e exalta-se, e desfigura-se, e poetisa, e parece não querer nada de commum com a fraca natureza humana. É o sentimental.

O sentimentalismo sem a religião, é uma mentira.

O que ahi vae de phantastico e espiritualista nos affectos, é uma exigencia da época, é um encargo que a mocidade se impôz, é a precisão de variar. Diga-se tudo: é a moda.

Não porque a vida seja feliz, e a natureza do homem precise inventar amarguras, para que a felicidade o não enoje;

Não porque o espirito, extenuado em sensualidades, procure, no ideal, respirar o elemento de vida, que lhe é proprio:

É porque as felicidades, saboreadas n'estes tempos, não deixam no coração motivo para um hymno. O homem, que não póde apagar na mente a faisca do genio, que lhe desceu ao berço, ou mata a inspiração na orgia, ou abysma-se com ella por féretros e ossadas, até materialisal-a nas fórmas repugnantes de uma dor monstruosa.

E, se assim não fizer, o seu alaúde não tem sons, e o genio fallece-lhe de impotencia. Mas o poeta quer este titulo; cantor, quer a grinalda das flores em troca da corôa de espinhos: é preciso cantar.

Se lhe pedisseis, em vez de horrores, uma poesia banhada de luz celeste, em que os mil reflexos de cima fossem as virtudes possiveis no mundo...

Se lhe pedisseis, em vez da pagina sempre negra da sua vida, as alvissimas alegrias de uma virgem, que, a fugir de um mundo, que se lhe pinta ingrato á sua alma candida, se refugia aos pés de Maria, rainha das Virgens, a pedir-lhe o céo, como repouso inviolavel da innocencia...

Se lhe pedisseis a doçura das lagrimas da pobre, que aconchega seus filhos em um envoltorio de andrajos, e ajoelha depois, entregando-os á Providencia, para que, ao amanhecer, não sejam muito repetidos os seus gritos de fome...

Pedi.

O poeta ha de dizer-vos que a luz do céo é esse oceano de luz, que banha a terra, quando as arvores florescem, e as aves saudam ao alvorecer de um sol esplendido.

Ha de fallar-vos da virgem, arfando esperanças no seio immaculado, mas esperanças todas d'aqui, todas embalsamadas pelo incensorio das paixões terrenas.

O pobre, esse que vale bem a pena de uma poesia, de uma pagina de romance, é sempre a victima da má organisação social, e de uma mentirosa economia politica. Vêl-o-heis invectivar o rico com toda a iracundia de uma inoffensiva estrophe; mas o pobre, que continúa nas palhas da miseria, esse não recebe uma consolação em nome do futuro, do céo, e das promessas de Jesus Christo. É sempre o pobre recrutado para as fileiras que guerreiam o rico.

Eu pensei, uma vez, na vastidão de assumptos sobre que o sceptro do talento estende o seu imperio. Chamando á reminiscencia o acervo de leituras recreativas, que fiz, durante alguns annos, entrevi nos meus tempos nebulosos o muito tempo consumido, os muitos volumes folheados, e não poderei classificar-vos, em synopse de ideias, uma só que me prestasse ao espirito, ou ao coração, ou á cabeça.

Aprendi o desengano no romance, antes que a sociedade m'o désse.

Libei na poesia do seculo a mentira, antes que o coração contaminado m'a inspirasse.

Aborreci-me de mim e das minhas leituras, como se o livro e a poesia fossem um sarcasmo para quem, nas más horas, lhe mendiga espairecimentos para o espirito.

Vislumbravam-me no escuro das minhas ideias religiosas uns clarões pallidos do que o romance e a poesia deveriam ser para adoçarem muitos infortunios. Mas,

LAGRIMAS ABENÇOADAS

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO
EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO, EDITOR,
Rua dos Caldeireiros, 18 e 20
1878

LAGRIMAS ABENÇOADAS

LAGRIMAS ABENÇOADAS

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO

EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO, EDITOR,

Rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1878

zei que estes olhos não sintam tão cêdo o travo das lagrimas, que chora sua mãe! Piedade para todos nós!... amparo para meu marido... compaixão para todas as mães atribuladas, que, n'este momento, vos pedem, como eu, a vida de seus maridos...»

E era esta a oração, que os suspiros não poderam cortar. Assim simples e angustiada, confirmava a verdade de uma grande dor que não escolhe palavras, nem se atavia das pompas do estylo. Quem orou em um d'estes lances, sublimes no tormento, pela explosão da agonia com que se refugiam no céo, comprehenderá o cunho pungente, marcando a mais insignificante d'essas palavras, que proferiam os labios febrís da mulher consternada entre seus filhos.

E, depois, a mãe de Maria foi deitar sua filha, e, acalentando-a, estremecia ás vezes, como se os accessos de uma convulsão não a deixassem aquietar-se ao lado do seu anjo. É que a cada trom remoto da artilheria, nas linhas de Lisboa, aquella afflicta esposa de um homem de guerra sentia o véo da viuvez descer-lhe na face, e o luto da orphandade envolver aquellas cinco existencias, para nunca mais se mostrarem no mundo com direito a serem amadas por alguem. E os outros quatro meninos aconchegavam-se no regaço d'ella; fitavam-a, como os passageiros de um barco em perigo fitam o semblante do homem a quem se confiaram; e, no chôro, modelado pelos gemidos de sua mãe, compunham uma consonancia de vagidos, e brados, e soluços. Quando assim se soffre, a indifferença do Eterno seria um desengano para os infelizes que se acolhem ao abrigo das suas misericordias... Não haveria Deus: a justiça divina seria uma astucia humana.

A oração é um respiradouro do espirito, quando a mão da desventura o comprime até lhe abafar a derradeira esperança na terra. A oração não tem nada com este mundo. Pedir a justiça do céo para as injustiças da terra é renunciar a toda a vingança, é pedir a felicidade de nossos inimigos, porque Deus é misericordioso, e não precisa de fulminar o poderoso para vingar o fraco. Orar é caír de joelhos, e muitas vezes não articular dois

sons de uma súpplica: é não atinar com a linguagem de fallar a Deus, porque a sciencia do mal, exclusiva do homem, só inspira ao desgraçado expressões para que os homens o comprehendam. Aquella mãe afflicta, quando orou, orava assim. Seu marido com o peito na frente de um regimento era o alvo das balas inimigas. Na sua frente um outro coronel, escravo das suas convicções, da sua honra talvez, e pae de familia tambem, ouvia o zumbir da metralha, como halito da morte a afflar-lhe os cabellos. Mas a mãe de Maria pedia por ambos; e, quando a oração assim é feita, o espirito de Deus está nos labios do que ora.

Enxuga as tuas lagrimas, sorve as de teus filhos com teus beijos, mãe e esposa, que o pae d'essas crianças, o homem que traz no coração os alentos de que te sustentas no mundo, não ha de a bala ou a espada cortar-lhe os vinculos a que prendeste a tua melindrosa existencia.

Não ha de, que teu marido entrou na guerra de irmãos com o coração enlutado, como em arena fratricida, e, ao ouvir o som rispido da trombeta que mandava morrer matando, muitas vezes eleva ao Senhor o espirito atribulado, supplicando-lhe a reconciliação dos portuguezes.

Não ha de, que, nas vesperas angustiosas de uma peleja, teu piedoso marido, refugiando-se dos cabos de guerra que tripudiam e blasphemam, farejando o sangue da carnagem do dia seguinte, ergue as mãos ao Senhor, supplicando-lhe que aceite no regaço da sua misericordia uma viuva desvalida, filhinhos desamparados, aos quaes a mão do vencedor não estenderá mão esmoler, seja qual for o triumphante.

Não ha de, atribulada mãe e esposa, porque as paixões clamorosas dos impios não ensurdecem o céo aos rogos de um justo, que lava com lagrimas cada gotta de sangue de irmão que lhe salpica a farda.

Expande o teu coração opprimido no seio de Deus, dolorida mãe.

Deixa rugir lá fóra o phrenesi dos odios civis, e acolhe-te, mulher cortada de agonias, acolhe-te ao refugio

da religião, respira ahi em lagrimas a oppressão, que os meigos carinhos de teus filhos não podem consolar-te.

Ao mesmo tempo que oras no meio d'elles, o coração do teu esposo comtigo se ala para a região serena da paz e bemaventurança eterna. Sois duas almas puras que se encontraram na terra, juntas ascendem a Deus na oração, juntas hão de compartir as amarguras da pobreza, juntas hão de receber a corôa triumphal no dia marcado á recompensa dos que choram na terra.

Assim lhe segredava o anjo da resignação alentos que a faziam confiar no regresso de seu marido. Rodeada de seus filhos, a esposa do coronel fantasiava com Maria as venturas, que, ainda na pobreza, podem deliciar corações enriquecidos pelos dons da amizade. Maria, tão joven e innocentinha, comprehendia as alegrias de sua mãe, e respondia a ellas festejando a volta de seu pae, como se elle viesse já caminhando a indemnisar-se dos trabalhos no gôso da paz, no amor santo da familia, nas donosas alegrias de uma obscuridade feliz.

Mas estas esperanças eram a cada hora desvanecidas pelas más novas que vinham do campo da batalha. O sobresalto da pobre mãe era constantemente despertado aos trons da artilheria que jogava nas linhas de Lisboa.

VI

O coronel... (já não era coronel) o homem da honra e da coragem amanheceu um dia á porta de sua mulher. Trazia nas faces aquella magreza livida, que o sôpro das batalhas e o enervamento da fome estampam no rosto do vencedor e do vencido. Vencido era elle. Não trazia espada, que a pozera, não aos pés do vencedor, mas sobre a acta de uma capitulação, que deixára ao bravo a consciencia da sua intrepidez. Nem uma lagrima lhe escapou involuntaria dos olhos quando, exautorado e desvalido, se collocou entre os derradeiros thesouros que lhe restavam: sua esposa e seus cinco filhos. Esses,

sim, eram d'elle, eram de seu coração, como a virtude, emanação de Deus, é quasi sempre o unico patrimonio do virtuoso.

E é por isso que não houveram lagrimas, que assombrassem n'aquelles labios o jubilo do sorriso. É por isso que paes e filhos caíram de joelhos; e, no silencio de seus corações, Deus sabè a acção de graças, que lhe subira aos pés de seu throno n'aquellas extaticas elevações de alegria reconhecida.

Ao levantarem-se abraçaram-se uma e muitas vezes; e quando as palavras venceram a suffocação da surpreza, uma só voz, a de todos, exclamou:

«Somos muito felizes! Bemdito seja Deus!»

VII

Caír de elevada jerarchia, quando os braços da religião não amparam o infeliz na quéda, deve ser morrer!

Altearmo-nos a despeito de muitos, que não podem voejar tanto acima, é provocar-lhes a inveja. Olhal-os em baixo, quando nos cospem o fel da inveja, deve ser-lhes o maior dos castigos; mas, se d'ahi a mão de Deus nos atira ao raso dos invejosos, se a desgraça nos marca, no meio d'elles, um circulo onde rodar com o pêso de affrontas, que a nossa arrogancia enfardára... tal vida é a preexistencia do inferno.

Ha tres remedios para alliviar angustias de tal lance:

A resignação;

O cynismo;

O suicidio.

A resignação não é só o amparo d'aquelle que resvala no precipicio das honras d'este mundo; é mais: a resignação não deixa caír o homem, que olha sempre, com temor, o despenhadeiro, em que de ao pé de si se abysmaram colossos, e ruiram edificios fundados sobre areia. Levantado pela Providencia, o homem, que teme a Deus, não se julga no vertice das glorias, posto ahi pela mão

do destino. Quem lhe promette o dia de ámanhã, vinculado aos acontecimentos de hoje? Quem lhe diz hoje que a taça do seu mel ha de ámanhã trasbordar de lagrimas? Quem afiança á aguia, dominadora dos espaços, que, de mais alto, o açor se libra para abatel-a nas urzes?

E, quando a nuvem do infortunio escurece aquellas alegrias, que formavam o cortejo da nossa riqueza: — quando a sociedade nos retira os contentamentos, vendidos pelo ouro, que perdemos... quem é esse destino que accusamos? onde existe essa mentirosa fatalidade que nos humilhou? onde encontraremos o primeiro acaso, que nos felicitára, e o segundo, que nos empobrecera? Não ha lagrimas que suavisem as ferocidades da *nossa sina*, nem ameaças que a forcem a desmentir-se? Será obrigatorio o punhal ou o veneno, porque *estava escripto o meu suicidio?!...*

A providencia é a acção da Divindade.

O grande da terra julgára-se grande na terra pela providencia. Era um magestoso edificio aos olhos da humanidade, e fragil barro entre as mãos de Deus. Quando o sôpro da desventura lhe assolou as columnas, o grande, só, e proscripto das ovações, *em que elle fora o menos laureado*, era ainda o grande na desgraça, na esperança, na humildade, na renúncia, e na confiança.

Esperava... o tumulo, e antes d'elle um saldo de contas com o mundo, onde o rico deixa debitos enormes a solver.

Humilhava-se diante de Deus, que o abatera, não como um cego destino, mas como um decreto, sanccionado no céo, cumprido na terra, e explicado no dia das tremendas explicações dos mysterios, incomprehensiveis aqui. Humilhava-se diante dos homens que nunca humilhára; diante d'aquelles, que poderam abandonal-o, mas não escarnecel-o pelo seu passado orgulho.

Renunciára quantas prerogativas o seu ouro lhe dera na sociedade; quantas pompas lhe saíam ao encontro na sua estrada de flores; quantas esperanças idealisára, que mais o engrandecessem, na perspectiva do mundo, sem adulterar as mercês do Creador.

Confiava na humildade da oração, no pão de cada dia,

no repouso providencial de cada noite, porque no mundo nenhuma existencia vira abandonada, nem a da ave que se levanta com a aurora, e louva ao Creador, e vae procurar o alimento, que não deixou de vespera.

VIII

Não é assim o cynico.

Herdára um thesouro que seus paes lhe prepararam; e preparára elle em seu coração todos os elementos para augmental-o.

Que o ouro augmenta, quando é lançado no cadinho da perversidade. E o coração, ferido de avareza, é um segundo thesouro para quem herdou o primeiro. O mais efficaz instrumento da caridade, o ouro, nas mãos do avaro, conver-te-se em ferro de dois gumes: um que lhe entra no proprio coração, o outro no coração que lhe pede um obulo.

É assim o cynico.

Em cada degráu da sua escala de grandeza espirrava o sangue das faces que calcava. Entre elle, e um circulo de victimas, que o rodearam, fascinadas pelo brilho da sua auréola, erguia-se o anteparo da irreligião.

Quem lhe dera o sorriso feroz fora a impiedade.

Quem lhe alimentára as ancias de cevar-se em gôsos, adubados em lagrimas e sangue, fora a impiedade.

Quem lhe segredára os derradeiros segredos do crime, para que o enojo de crimes repetidos lhe não esfriasse o amor sordido da vida, fora a impiedade.

Quem lhe dissera que no tumulo para dentro não ha pobres para repellir, nem corôas de virgem para desfolhar, nem faces lacrimosas para cuspir, nem amigos para vender a inimigos, fora a impiedade.

IX

E, depois, a mão de Deus despenhou o cynico.

No tremedal, onde caíra, roeram-o os vermes dos cadaveres que elle fizera.

E riu-se.

Cobriram-o os improperios, e os sarcasmos de tantos, que elle enxovalhára, sacudindo-lhes ás faces a lama das ruas com as rodas do seu carro insultuoso.

E riu-se.

Teve de aceitar uma esmola, que, por escarneo, lhe lançou ao chapéo um d'aquelles que lh'a pedira, em vão, anciado de fome.

E riu-se.

Bateu á porta de seus creados, que medravam nas prodigalidades do amo: pediu um bocado de pão, e responderam-lhe de dentro com uma gargalhada.

E riu-se.

Este é o cynico.

E quando lhe aconselharam o suicidio, riu-se, e riu até morrer, porque a morte do cynico é uma risada na blasphemia.

X

Lamentae o suicida, porque a sua ultima hora foi uma lucta horrivel entre a desesperação, a incerteza, e, talvez, a saudade.

Ao ver-se pobre no mundo, considerou-se o homem sem vida social; mas a vida physica, onde as frechas do desprezo lhe rasgavam até o coração, era-lhe uma algema insoffrivel a maneatal-o ao poste da vergonha.

Feliz pelo destino, ou desgraçado pela fatalidade, o Lucifer, despenhado d'este céo da terra, que a impie-

dade lhe deu, optou pelo tumulo entre duas ideias: pobreza, e impotencia.

Impotente para vencer a sociedade, que lhe não restituia o seu ouro, o desesperado, aborrecendo a morte tanto como a vida, crava-se um punhal, que nem elle sabe se o vinga dos homens, se o deita no tumulo, se o sacrifica á justiça de Deus.

O atheu pensára longas horas antes de erguer-se o patibulo; mas, nos seus ultimos instantes, não era philosopho: era um algoz.

A desesperação enervára-lhe o entendimento, e robustecera-lhe o braço.

O cutelo, no braço do algoz, não tem nada com o espirito. Um e outro são machinas de morte.

XI

E o coronel ***, e sua esposa, e seus filhinhos eram christãos. E oravam na desgraça, e sorriam no infortunio, e esperavam.

Esperança, filha dos céos! eterno cantico dos anjos!... bemdita sejas tu.

XII

E, quantas vezes, acarinhados pelas brandas lisonjas de uma esperança, nos possuimos d'aquelle inoffensivo orgulho de felicidade, e tão perto nos persuadimos que ella vem com toda a formosura real de um bello sonho? E quando assim nos apressamos ao encontro d'essa linda chimera, gerada nas entranhas do infortunio, não será tão triste deparar-se-nos uma nova desgraça?

Muito triste. É uma luz que se apaga. Um horizonte que se fecha. Uma colheita de lagrimas na seara das esperanças.

E o sorrir da resignação, e o levantar das mãos em fervente amor de Deus, é a mais grandiosa attitude na desgraça. O infeliz é então um rei no throno das angustias. O manto de retalhos tem a magestade da purpura. Ignacio, o mendigo de Monserrate, é maior que o gentilhomem de Loyola.

XIII

O coronel soffria muito; porque, a par do grupo querido de esposa e filhos, nunca de seus olhos se afastava o aspecto da penuria.

Á escuridade da indigencia não chega a luz do amor: deixar fallar os poetas.

Ha sentimentos de miseria que os sentimentos da gloria não podem eclipsar. A felicidade tem exaltações intermittentes de jubilo. Mas a desgraça pensa sempre, falla sempre; vela á cabeceira do infeliz; desperta-o com o aguilhão de um sonho máu; desmente-lhe as illusões; ri-lhe a cada esperança; embrutece-o; retrahe-lhe as expansões do espirito.

Onde a desgraça emmudece com a consciencia do penitente, que se levanta dos pés do ministro dos perdões, é na presença da cruz.

O coronel orava um dia com sua familia. Maria balbuciava as mesmas palavras do pae, e parecia, com os olhos fixos n'elle, tomar-lh'as dos labios como um beijo, e um segredo de muita felicidade na muita desventura.

A sua oração era a dadiva do Christo: era aquella que pendera dos labios divinos do Mestre como orvalho para todos os ardores, como balsamo para todas as chagas, como herança de amor para todas as gerações de ingratos.

Era esta a sua oração:

«Padre nosso, que estaes no céo, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade...»

XIV

Alguem procurava o coronel. Amigo ou inimigo? O homem da honra nunca se nega. O que fora christão antes de politico, e pedira a Deus a paz de seus irmãos, antes de mostrar-lhes, ao sol das batalhas, o lampejo de uma espada escrava da obrigação, esse póde ser exautorado de titulos ás grandezas, de direito ao trabalho, de pão e de liberdade, mas o opprobrio não o desanima, nem o envergonha.

A valentia moral não tem capitolios na sociedade immorigerada; mas tem-os na consciencia do proprio que a experimenta. Um homem assim, decaído do que fora, apresenta-se altivo de certa soberania, que parece um triumpho, ultraje dos oppressores.

O coronel, se tivesse a receber as felicitações *vendidas* á sua patente de general, talvez não consentisse que tão depressa fosse aberta a sua porta.

Abriram-a.

O homem que entrára, sem dar o nome, era uma figura que, sem articular palavra, impunha silencio aos que o recebiam. Trajava pobremente.

Quem buscasse um modelo para a estatua da imagem do infortunio, achal-o-hia n'aquelle homem.

E, sorrindo, offerecia a mão ao coronel, que viera, chamado por sua esposa, a contemplal-o rodeado dos filhos, que pareciam perguntar-lhe quem era o estranho hospede.

Aquelle silencio, precursor de lagrimas, não podia conter muitos minutos corações anciosos.

—Quem é o senhor?—perguntou o coronel.

—Quem sou eu?!—respondeu o desconhecido—Trinta annos de clausura, e alguns mezes de trabalhos desfiguram a face de um irmão!...

O coronel correra aos braços do hospede. Maria, organisação melindrosa, que presentia já os calefrios de um enthusiasmo juvenil, estremecia d'aquelle tremor nervo-

so, em que as lagrimas de alegria denunciam alma vehemente, apaixonada por tudo que é grandioso. Sua mãe tomava a mão de seu cunhado entre as suas, que pareciam erguidas em graças ao Altissimo. As outras crianças volteavam alegres em redor do grupo, e figuravam outros tantos anjos a solemnisarem aquella festa na tristeza, e aquelle jubiloso alvoroço do sangue, quando o espirito se confrangia na dor.

XV

Frei Antonio dos Anjos fora um oraculo de sciencia, e um exemplo de santidade no seu mosteiro. Filho de paes opulentos, de virtudes, herança de avós, corajosos de braço e espirito, o seu patrimonio de resignação não podera a politica espoliadora apregoal-o na praça. Afeito a encaminhar, com mão segura, pelas margens do abysmo, os que a dor extraviára, o monge amparava-se na altura da dignidade de martyr. No centro d'aquella familia, quem mais paz e alegria saboreava no coração era elle. Elle, sim, que trinta annos havia despíra as galas do mundo, e envergára o habito que desfigura as fórmas do corpo, e as feições da alma. Elle, sim, que trinta annos vivera pobre d'aquelle ouro que afervora a adoração das multidões; e, então expulso da sua enxerga, e do seu refeitorio, não geme a falta de um ouro, que nunca possuira.

XVI

— Quereis a historia dos meus trabalhos, não é verdade? — perguntava o monge, com sua sobrinha Maria sentada nos joelhos, e com dois dos outros abraçados.

— Sim, sim, queremos — respondeu Maria com estranha vivacidade.

— Não — replicou o coronel — não recordes penas que te não alliviam o receio de outras maiores...

— Não é assim... — tornou frei Antonio — As afflicções, que se recordam com serenidade, parecem zombar das afflicções por vir...

— Conte, conte... meu tio — instou Maria com muita doçura, dando á voz a terna inflexão de uma súpplica.

E frei Antonio, alegre como se contára aprazíveis lances da fortuna, contou assim o transito doloroso dos ultimos mezes da sua vida:

— Viver trinta annos, vendo todos os dias o leito onde se espera morrer, e a sepultura onde o repouso do corpo continuará, foi a minha vida do mosteiro. Ao lado d'esse leito, e d'essa sepultura, vigia quasi sempre o espirito, porque na terra nem ao justo é permittida completa tranquillidade. Vigiar, é entregar ao espirito a guarda do coração; é pôr os olhos em Deus, alongal-os ao mundo da esperança, enxugar-lhes o pranto por homens, que o desprezam, e o desprezam porque o não comprehendem. A vigilia de um monge tem, ás vezes, dores, que ninguem póde imaginal-as, sem sentir-se abrazado do santo interesse da humanidade, que se espedaça.

«Não me viste saír da casa do nosso pae, meu irmão!... Eras criancinha, e do collo de nossa mãe me déste um beijo, que me fez chorar, porque era o ultimo, que me davas com labios de innocencia. Nunca mais te vi; mas essas lagrimas, que te vejo agora, são as de meu irmão... é impossivel que o não sejam. Sabias tu que eu existia?

— Sabia, mas ha doze annos que não tive novas tuas — respondeu o coronel.

— Ha doze annos... é verdade... Ha doze annos que frei Antonio dos Anjos descera a um tumulo... O espirito vivia... mas o espirito do penitente, vinculado pela expiação á imagem do seu crime, quebra os vinculos do sangue, se os tem no mundo.

A voz do padre balbuciava estas ultimas palavras, cortadas de pausas, que trahiam a sua serenidade contrafeita.

Seguiram-se o silencio, e a anciedade.

Frei Antonio, á custa de um grande sacrificio e de uma penosa recordação, explicou a seu irmão o estranho silencio de doze annos.

Doze annos tinham sido o praso em que as noites eram veladas pelo remorso do homem, que tentára uma vez quebrar a alliança que fizera com a renúncia de todos os gôsos terrenos. Doze annos de purificação para quem se manchára, um minuto, na rebeldia aos estatutos da sua ordem, fora um grande praso, uma longa expiação, um zelo suicida, talvez!

É que os homens não o comprehendem. Doze annos de crimes, e um momento de remorso... isso sim, que se não em todos os criminosos, em alguns, pelo menos, é verosimil e explicavel.

Esses prodigios explica-os facilmente a philosophia materialista: não é o remorso, nem os gemidos do bem torturado pelo mal, nem o temor de Deus: é a organisação com seus mysterios. Mysterios na escola da materia, onde a natureza, positiva e carnal, é tudo! Como é que da seiva do erro se nutrem viçosas as vergonteas da verdade? As luzes faiscam do seio das trevas. Ha maximas preciosas que brilham ao clarão dos incendios philosophicos.

XVII

Frei Antonio continuou:

Entro pobre em tua casa, meu irmão; porém a desgraça é uma riqueza, quando com ella suavisamos desgraças alheias. Contando-te as minhas amarguras não adoçarei as tuas?

—Deus—respondeu o coronel—suavisou-m'as antes de ti, meu irmão.

—Bemdito seja Deus!—tornou o padre—era essa resposta que eu pediria a Deus que te inspirasse!... pois bem... seja a minha historia um passatempo... Peregrinareis commigo n'estes infernos da terra, que os homens crearam. Aqui me tendes com a tunica, e com esparto

de Dante... Serei para vós o que foi o poeta para a humanidade... recrear-vos-hei...

O frade afastára as bandas do capote, a deixára ver o habito de S. Francisco. A magestade da sua postura excitára um calefrio respeitoso em todos, e elle mesmo, tocado pela consciencia do effeito religioso d'aquelle acto, não susteve a lagrima do enthusiasmo, que é sempre revelação de espiritos ardentes. Maria, alma tão cêdo estreiada na poesia da dor, cêdo principiára a enlevar-se n'aquelles transportes, que a tragedia excita em pessoas que vêem o theatro pelos olhos da innocencia, e não podem desmentir o que vêem pelos calculos frios da razão. Maria, pois, impressionára-se mais que seu pae e sua mãe da attitude pathetica de seu tio. Mais tarde confessou ella que sentíra dobrarem-se-lhe os joelhos, e de certo ajoelhára, se frei Antonio lhe não tomasse as mãosinhas, que pareciam ajustarem-se em adoração extatica.

Esta scena fora muda. O silencio é o desafogo das grandes emoções, que nos abafam o espirito, enturvando-nos a razão. Parece que a consciencia precisa digerir esses alimentos extraordinarios, que são a vida energica das almas flexiveis.

XVIII

Proseguiu o frade:

«Quando, ha quatro mezes, os religiosos de * * * viram aproximar-se a hora de entregar as suas cellas á revolução, ajuntaram-se para deliberarem sobre a sua vida, como homens que d'ahi a pouco não tinham posição alguma no mundo, que lhes valesse um bocado de pão. Alguns eram de casas remediadas, outros irmãos de fidalgos, sacrificados ao partido que lhes assegurava os seus privilegios; mas nenhum contava com asylo seguro no tecto paternal, porque o temor da perseguição fazia-nos pensar que eramos homens expulsos da familia e da sociedade. Entregamo-nos a Deus. E, depois, no

meio de nós estavam uns homens cobertos com o nosso habito, vivendo comnosco ha muitos annos, ajoelhando comnosco ao mesmo crucifixo, e comendo comnosco no mesmo refeitorio. Eram os nossos maiores inimigos. Velavam-nos desde matinas a completas; desde a oração commum do côro até ao ultimo padre-nosso rezado no isolamento da cella. Eram como os pretorianos de Nero syndicando os actos religiosos dos agapes de Christo. Chamavam-se liberaes, illustrados, e amigos dos homens. De Deus sabia eu que elles o não eram. Dos homens, cruel amizade era a sua, que precisava enfeitar o seu altar com o sangue de seus companheiros!

«Nos ultimos mezes da nossa communidade... deixae-me dizer-vos uma prophecia amarga: nos ultimos mezes das ordens religiosas em Portugal apresentaram-se aquelles padres ao prelado, e pediram a sua liberdade. Prevenindo alguma ligeira censura, em nome da regra do patriarcha, lembraram ao guardião que o punhal era a arma do homem livre, quando os algozes da humanidade não accediam aos augustos preceitos da razão natural.

«O prelado era um justo, que chegára aos oitenta annos, com os cilicios nos rins, vergando sob o peso de austeridade, alliviando quanto podia esse gravame dos hombros menos rijos dos seus subordinados. A morte, porém, era-lhe menos afflictiva que o pezar de uma tibieza de disciplina. A sua resposta foi simples:

«— Deixemos vir a mão da liberdade bater á porta do mosteiro, e seremos todos livres então. Uns, livres para morrer no desamparo. Outros, livres para viver de vergonha. Todos seremos livres. Emquanto a vós, meus irmãos, pedirei aos servos de Deus n'esta casa que peçam ao Senhor para vós as consolações e a prudencia, que não posso dar-vos. Retirae-vos, que sou chamado ao côro.

«Retiraram-se; mas, dois dias depois, ao amanhecer, foi aberta por violencia a portaria. Alguns homens d'alli saíram vestidos, e armados como guerrilheiros. O padre porteiro, que subira á cella do prelado a annunciar-lhe o acontecimento, encontrou um cadaver. Ao passar-lhe a mão pela face topou um crucifixo inclinado sobre o

seio. Ao agital-o, humedeceu as mãos no sangue que borrifára os lençoes. Gritou. Acudiram os monges. Em volta do seu leito ajoelharam homens que choravam. Não tinham outra súpplica, nem balbuciavam uma palavra. Um justo estava alli morto: mataram-o seus irmãos, em nome de uma liberdade, que não consentiu ao venerando ancião a liberdade de viver mais alguns dias.

—Era preciso matarem-o para fugirem?—perguntou Maria com os olhos turvos de lagrimas.

—Não seria preciso, minha filha, mas as chaves do mosteiro são entregues ao prelado; mataram-o, tirando-lh'as.

—Mas o crucifixo,—replicou ella—quem lh'o poria sobre a face?

—Foi o moribundo, a quem os assassinos deixaram tempo de pedir a Deus o perdão dos seus matadores.

—Que acontecimento tão triste, minha mãe!—exclamou assombrada a menina, tomando entre as suas as mãos de sua mãe. E continuou:—Eu não pensei que os homens podiam fazer isto!... Quem me dera o céo para meus paes, e meus irmãos!

—E para o tio padre, não, meu anjinho?

—Meu tio tem certo o céo, porque tem soffrido muito, não é verdade?

—Muito, minha menina; mas não é já bastante o que tenho soffrido?

—Penso que sim... Eu não sei ainda a sua vida, mas lembra-me que meu tio póde fazer que os homens sejam bons, dizendo-lhes historias que os façam ter dó dos que soffrem.

Olharam-se todos com admiração. É que Maria contava sete annos de idade; e alguns mezes de soffrimento. Predestinação!?...

XIX

—Ao anoitecer de um dia passado em orações e suffragios por alma do nosso chorado prelado—continuou

frei Antonio — ouviram-se tiros ao longe do mosteiro. Eramos quarenta e tantos os monges assombrados pelo terror não sei se da morte, se das injustiças da humanidade, a quem não offenderamos. A igreja, escura e silenciosa, afigurava-se-me um grande tumulo, e um doce repouso. Ajoelhei. Ajoelharam todos. E lembra-me com emoção o fervor d'aquellas preces murmuradas como a derradeira súpplica do que vae apparecer na presença de Deus. Os tiros avizinhavam-se, e o alarido, ao principio confuso, era já perto um grito distincto: *morram os frades! abaixo os ladrões!*

«Eram 23 de outubro de 1833. Que noite aquella, Santo Deus!...

«As balas ouviamol-as zumbir, e bater na parede da igreja, e nas vidraças do zimborio. Todos os servos empregados na casa vieram ajuntar-se ás nossas orações, acobertando-se com a protecção dos ministros de Deus, como debeis mulheres, em semelhante lance, buscando o invalido apoio de seus maridos. Nós não podiamos nada, quando á debilidade de nossas forças moraes ajuntavamos a resignação, o abandono de nossas vidas aos decretos da Providencia. Os paroxismos tinham sido longos e trabalhosos. Uma hora de preparação para receber a morte, que sentiamos avizinhar-se com a vozeria, e com os tiros, devera quebrantar-nos o espirito, aniquilando-nos lentamente a esperança.

— E não tinham esperança nenhuma? Deus não podia salval-os ainda? — perguntou Maria.

— Nós, minha filha, não pediamos a Deus a vida: pediamos-lhe a salvação, a vida da alma. A morte não nos atormentava: poderia a natureza estremecer em nós com o terror do ferro, que nol-a daria; mas o Eterno manda que o espirito proteja as fraquezas da materia. É muito grande a providencia do Altissimo! Quando a morte se nos apresenta como um decreto irresistivel, sentimo-nos tanto mais longe da terra, tanto mais perto da eternidade, quanto a esperança da vida nos foge, e o frio da morte se chega. O que seria a morte do impio, apegado á vida, se não fosse esta resignação providencial, este esquecimento proprio, este mortal entorpecimento do

corpo, antes que o espirito se desprenda das algemas, que parecem apertal-o mais na hora final?... Maria, tu entendeste-me?

— Penso que sim, meu tio. Deus quiz que a morte lhe parecesse um bem, em comparaçào do mal que estava soffrendo: não é assim?

— Sim, meu anjo. Deixa-me beijar-te, que és uma boa parte da indemnisação que a misericordia divina me dá pelos meus padecimentos.

XX

— O mosteiro estava cercado de povo, attrahido alli por um homem, que, depois de conspurcar uma patente no exercito realista, e avexar com despotismos os constitucionaes, viera buscar refugio entre nós.— Algumas balas bateram contra a porta principal da igreja, mas não poderam varal-a. Outras vinham, através das frestas, encravar-se nos altares. Uma, batendo na lampada do Santissimo Sacramento, apagou-a, espargindo os estilhaços de vidro sobre nossas cabeças. Não se ouvia uma exclamação de dentro, nem um ai afflictivo dos que alli rezavam ajoelhados, quando um d'entre nós proferiu em voz alta o acto de contrição. Então, sim, as lagrimas rebentaram de todos os olhos: o espirito resurgiu da prostração em que caíra, e as vozes harmonisaram em um murmurio profundo, arrebatado e magestoso como um *de profundis*.

«Os gritos de fóra eram ameaças de morte, sem excepção de pessoa, se não abrissem a portaria. Nenhum de nós abandonou a sua humilde postura de martyr. Sentimos que se arvoravam escadas ás janellas lateraes do templo: ouvimos um machado, cem machados lascando as portas. O ecco das pancadas, reboando pelas naves, tinha em si um não sei que de terrivel, que fazia arripiar os cabellos e gelar o coração!

«Rasgada uma fenda na porta, entraram alguns poucos que franquearam as portas á chusma de povo.

«Era noite alta. Não se via ahi um homem grave sobre quem pesasse a responsabilidade d'esta sacrilega violencia. O relogio do mosteiro dera onze horas, e nunca tão melancolico me pareceu o som d'aquelle bronze, que, havia quinhentos annos, chamava as turbas á oração, e n'aquelle instante assignalava a hora da carnificina dos ministros de Jesus Christo. O tropel d'aquella gente denunciava uma multidão grande. Sentimol-os aproximarem-se amotinados, gritando, uivando, rugindo, como tigres que partiram as grades da jaula, como possessos que deliram na sêde febril de sangue. E, topando-nos de joelhos, virados para Deus, e quietos como phantasmas immoveis, pararam. Reinou um silencio de minutos. O anjo bom d'aquelles homens calou-lhes por momentos o grito sanguinario. O pensamento do bem, a ideia de Deus passou-lhes pelo coração instantanea e fugitiva como a restia do sol por entre as nuvens torvas da tempestade. Os instrumentos do mal não podiam renunciar a sua missão. Cada um de nós sentiu a mão de um inimigo arrancal-o com violencia á sua immobilidade. Um grito deu alento a todos os gritos. *Morram!* era o mais distincto, era o bramido sinistramente harmonioso de muitas vozes. Senti algumas coronhadas de arma acurvarem-me a cabeça para as lageas do altar, salpicado do sangue que me resaltára do nariz e da bôca. Dos meus companheiros ouvi alguns gritos que me pareceram de estertor; e senti que alguns vinham arrastados.

«Não pude presenciar as agonias de meus irmãos misturadas com as minhas. Uma bayonetada, varando-me uma perna, fez-me perder os sentidos, e caír com a cabeça no degráu do altar de nossa Senhora, onde despertei depois.

XXI

—No altar de nossa Senhora... no altar de minha madrinha!...—exclamou Maria, com a face coberta de lagrimas—E, depois, meu tio—continuou ella—que lh'

succedeu, quando tornou a si? Não lhe fizeram mais algum mal?

—Os flagellos não tinham ainda principiado, minha querida menina. Tu verás que a dor de um golpe não punge tanto como o escarneo de uma affronta moral. Quando recobrei o sentimento, pedi a Deus que me fechasse os olhos, e logo em seguida lhe pedi perdão da minha súpplica. Comprehendi nos meus padecimentos a expiação dos crimes da humanidade, e a redempção dos meus peccados. Fui ahi trazido a pontapés, quando o sangue me escorria da ferida. Fizeram-me, e aos meus companheiros, servir canecas de vinho áquella gente, que se movia em ondas pelos dormitorios, bramindo na embriaguez do seu odio. Quando a custo me pude desviar do tumulto, comprimi com o meu lenço a ferida, e esperei ensejo de poder fugir para morrer em paz debaixo de algum tecto piedoso. Não pude. Ao amanhecer fomos levados á casa do noviciado, e fechados á chave com vigias á porta, para não tentarmos o arrombamento.

«Olhavamo-nos com uma especie de idiotismo doloroso. Não sabiamos palavras de consolação, porque a amargura era extrema em todos. Em tamanha afflicção tinhamos só a linguagem da afflicção: oravamos. E nem um só reclinou a cabeça no chão para adormecer a agonia. Parece que o travo da morte, assim demorada, adoçára o coração de tantos infelizes. Nunca eu senti em mim tão santa, tão divina a influencia do temor de Deus. Esperava amanhecer na eternidade, á luz da justiça eterna, e da misericordia do Summo Bem. A oração pelos meus inimigos era de um sabor indizivel, de um allivio intimo, que tanto mais se prende á creatura, quanto ella se resigna nas tribulações! Bemdito seja nosso Senhor Jesus Christo, que por cada afflicto reparte uma faisca d'aquelle incendio de caridade em que expirára na cruz, pedindo a seu Pae o perdão para seus matadores!»

Frei Antonio não podera, se quizesse, represar as lagrimas. A sua familia chorava, porque a voz convulsa, soturna, e sombria do padre, entrava no coração dos ouvintes, como as ultimas palavras do sacerdote no espirito do christão agonizante.

— O sol — proseguiu o padre — coava pelas frestas do noviciado uma restea pallida, que illuminava um crucifixo, esquecido pela populaça. Se cada um de nós fosse particularmente consultado em seu coração, no momento em que aquelle raio do sol nos alumiou, dissera a devoção fervente com que saudou a luz do céo, irradiando-se na effigie augusta do Creador do céo e da terra.

«Decorreu uma hora, sem que o silencio nos fosse quebrado por alguma voz. Julgamos abandonado o mosteiro como cidade viuva de seus filhos e espoliada das suas alfaias. Um de nós foi á porta escutar, e desmentiu as nossas conjecturas. Junto á porta resonavam profundamente os nossos guardas.

«Soaram nove horas, quando os primeiros eccos reboaram pelos dormitorios. Como atalaias nocturnas, os brados reproduziram-se, reforçaram-se e subiram ao alarido compacto, com que principiaram. Os vituperios vinham, como ondas sobrepostas, bater á porta do nosso carcere.

«A porta foi de improviso aberta. Mandaram-nos enfileirar. Cercaram-nos como a animaes estranhos, que movem a curiosidade. Emquanto eramos insultados por palavras de um outro menos soffrido e mais ultrajador, cuspiam-nos na face, e arrancavam-nos os cabellos. As mulheres, com as faces rubras do vinho, e com as linguas afiadas no sarcasmo villão e truanesco do seu officio, soltavam-nos aos ouvidos risadas ferozes, misturadas com empuxões que nos davam ao capello, e aos cordões do habito. Esta situação penosa e indizivel durou meia hora.

«Mandaram-nos saír, escoltados, e fazer alto no pateo do mosteiro. Ahi lançaram ao primeiro uma corda ao pescoço, que vinha encadeando um por um até ao derradeiro monge. Depois mandaram-nos curvar o pescoço tanto quanto fosse preciso para assentar uma albarda. Penduraram-nos algumas campainhas ao pescoço, e mandaram-nos andar.

«Caminhamos uma legua, e fizeram-nos parar para reconhecermos um cadaver que se dizia pertencer ao brigadeiro realista Pessoa. Era effectivamente o seu. Dias

antes estivera elle em nossa casa, já de retirada para a sua, visto que as forças sitiantes do Porto começavam a dispersar. Pedimós-lhe que se acautelasse, porque os seus máus feitos tinham excitado o odio e a vingança. Respondeu-nos que tinha um salvo-conducto na sua honra, e na sua consciencia pura. A sua consciencia não devia estar tranquilla... Este máu homem fora morto em uma ribanceira pedregosa, que nos ficava ao lado esquerdo da estrada.

«Caminhamos outra legua, e fomos mettidos em uma cadeia, onde mal nos podiamos mexer. As prisões do pescoço affligiam-nos muito; e a sentença de morte fora-nos lida quando entramos, no caso de quebrarmos a «arreata», como elles nos disseram.

«Não vos posso contar com miudeza que tormentos provamos, durante vinte dias que ahi vivemos. O frio, a fome, a insomnia, a falta de respiração, todas as privações que póde soffrer um homem, bemdito seja Deus, complicaram-se ahi... Que padecimentos! A piedade tremia de aproximar-se do nosso infortunio. Homens bem trajados apiedavam-se; mas temiam o povo esfarrapado. Algum bocado de pão vinha através de mil difficuldades, e, no ardor da sêde, as lagrimas serviam-nos de refrigerio aos labios queimados da febre.

«No fim de vinte dias foi-nos dada a liberdade, sob a condição de não caminharmos mais para o sul. A infracção d'esta lei implicava pena de morte. Pensavam que viriamos procurar o exercito do snr. D. Miguel. A condição era escusada para mim. Ministro de Deus, jurado á caridade e ás humiliações, o meu braço, consagrado á elevação da hostia, não levantaria o ferro contra homens, ou barbaros, ou portuguezes. Eu maldigo em nome de Deus os meus irmãos que borrifaram de sangue a tunica legada pelos apostolos. A arma do sacerdote é o coração votado a abrandar a justiça do Altissimo, que faz dos homens o instrumento de sua vingança contra homens. Se me chamassem ao mais perigoso de um combate para acalmar, em nome de Deus e da caridade, as iras sanguinarias dos partidos, eu cruzaria as balas, e as bayonetas travadas, corajoso, como um filho

da patria, e um sacerdote de Christo. Viria, meu irmão, viria ajoelhar-me na frente do teu regimento, e pedir-te, em nome da tua esposa e de teus filhos, que me deixasses fallar ao rei antes que mandasses voar a morte das espingardas dos teus soldados. (1)

«Estás anciosa pela continuação da historia, minha menina? Olhas tanto para mim!... Tens entristecido com as desventuras de teu pobre tio?

—E tenho chorado... o tio não vê?

—Vejo, vejo, menina. E sabias que no mundo haviam homens que fizessem assim padecer outros de quem não receberam alguma offensa?

—Pensei que não... Meu pae, e minha mãe, e meus irmãos são todos tão bons, tão meus amigos, tão dados uns com os outros... e eu não conhecia mais ninguem. E como é possivel ser-se assim tão cruel, diga-me, meu tio?

—Digo... direi, minha filha... mais tarde. Queres agora o fim da minha triste peregrinação até a casa de teus paes?

—A tua casa, meu irmão—atalhou o coronel.

—Sim, sim, a sua casa, meu caro irmão—disse a esposa do coronel.

—Pois não somos nós todos a mesma familia?!—perguntou Maria com um sorriso de candida alegria e admiração.

—Graças vos sejam dadas, meu Deus!—exclamou o padre.

---

(1) Se frei Antonio ampliasse um pouco mais estas suas reflexões muito judiciosas, invectivaria os frades que, fóra das linhas de Lisboa, despejavam fogo para os de dentro com uma coragem e disciplina digna de granadeiros da guarda imperial. Alguns d'esses estavam ahi provando pela prática as theorias vociferadas do pulpito, desde 1828 até 1832. Não foi mais que lançar um correame sobre o habito, e substituir ao som da palavra incendiaria o som do arcabuz homicida. Se não receiassemos desnaturalisar o romance, pondo na bôca de frei Antonio censuras inverosimeis aos da sua politica, se é que elle tinha alguma além da do Evangelho, seria elle o que nos poupasse o trabalho d'esta nota, para que se não diga que o auctor acoberta um pensamento hostil á liberdade, afeiando o quadro inevitavel, no conflicto d'ella com o despotismo em paroxismos. A leitores de má fé respondemos com a boa fé de imaginarmos, antes de começar o romance, que os não teriamos...

XXII

— Eramos vinte e dois homens abandonados á Providencia, sós com a nossa desgraça, sem futuro, e sem esperanças de alcançar um bocadinho de pão mendigado. Eis a nossa situação. Era forçoso separarmo-nos. Companheiros de noviciado, quasi amigos de infancia, condiscipulos, presos ao céo e ao sacrificio por um laço commum, afeitos a harmonisar as nossas vozes em acção de graças, a dobrar os joelhos no mesmo chão, a comermos á mesma mesa, a soffrermos ao mesmo tempo os flagellos que attrahiramos sobre nós, porque em todas as nossas frontes fora escripto o caracter indelevel de nossa humildade... eu não tento dizer-vos como foi amargo, como foi chorado aquelle adeus... *para sempre!* «Antes o martyrio, e que nos não apartem!» exclamava um, emquanto outro, debulhado em lagrimas nos braços de seus companheiros, pedia um tumulo para todos nós! Foi um lance cheio d'aquella nobre dor, que tanto honra o coração humano. O supplicio da separação d'aquella pequena sociedade, cujos membros, não cansados, não egoistas, amavam-se como virgens na esphera innocente dos seus amores de collegio... podereis vós comprehendel-o, meus amigos? Não: Deus quer que não! É sentir-se a morte, que parece deixar no coração um alento de vida para o tormento da saudade; mas aniquila todas as alegrias, todas as esperanças... que são a vida na terra.

«E separamo-nos!... que irresistivel imperio tem a desgraça, meus filhos! Recuavamos a cada passo para um novo adeus, para um novo gemido, convulso, apertado na garganta, como se a dor nos fosse prohibida. Este doloroso transe demorou-se muito. Alguem, condoído de nós, avisou-nos dos rumores que corriam a nosso respeito na villa proxima. Dizia-se que tencionavamos, reunidos, caminhar, para onde nos fosse possivel pegar em armas. A calumnia podia tudo então. O odio

foi fertil em pretextos... Ora o amor da vida fez calar o grito da saudade. Demos o ultimo adeus. O ultimo... foi o ultimo, meu Deus!... diz-me o coração que sim.

«Entrei em uma aldeia, onde fora prégar um anno antes. Pedi gasalhado na casa de um lavrador. Foi-me negado. Não instei. Fui á porta de um jornaleiro: achei-a franca. Era assim o seu coração, porque o pobre, sem vergonha nem pezar de o ser, tem uma alma cheia de bondade. Pedi-lhe umas palhas: deu-me a sua cama, a sua manta e o seu lençol de estopa. Não lhe pedi mais nada: mas o pobre deu-me o seu caldo, o seu pão amassado em suor, e o seu apresigo, producto das economias da semana para solemnisar o dia do descanso. E adormeci, abençoando o pão do pobre, emquanto elle, sentado ao lar, rezava o seu rosario, ou espertava a fogueira para me ser menos sensivel a pouca roupa da cama. O pobre será sempre o eleito, o ente privilegiado para as virtudes práticas do Evangelho. Jesus Christo adoçou-lhe o travo da penuria, dando-lhe ao espirito o antegosto das riquezas que enthesoura no céo.

«Adormeci.

«E alta noite fui acordado em sobresalto pelo meu hospede. Ouvi tiros. «Que é?» perguntei eu. «Não sei ao certo, senhor. Ha pedaço que ouço estes tiros, e estou com mêdo...» «Que venham ter comnosco?» perguntei eu. «Sim, senhor; mas eu vou ver o que é» respondeu o bom homem.

«Eu quiz contel-o; mas elle convenceu-me da segurança da sua empreza. Quando voltou, disse-me que tinham sido mortos dois frades do meu convento em casa de um tal lavrador. Imaginae o meu terror. Quiz saltar fóra da cama, trocar o meu habito por alguns farrapos, e fugir; mas o jornaleiro estorvou-me com boas razões. «A casa de um pobre, disse elle, é mais segura».—Não a perseguem as grandes desgraças, porque tambem a não procuram as grandes felicidades — disse eu na minha consciencia. Orei por alma dos meus infelizes amigos, se o seu martyrio não era expiação bastante de suas faltas.

«Amanheceu, e tive mais informações. Dizia-se que

dois monges desfigurados vieram bater á porta do lavrador que me tinha recusado a entrada. A porta fora-lhe aberta, porque ninguem de casa os conheceu ao principio. Recolhidos, foram logo conhecidos; mas era tal o seu contentamento, e a sua linguagem, que o lavrador adormeceu descansado com os seus dois hospedes, que, por mais de uma vez, declararam com arrogancia que já não eram frades. O lavrador não os comprehendeu. Mas, alta noite, uma guerrilha forçára a porta, entrára, e matára os dois desgraçados que tiveram a louca ousadia de resistir com bacamartes, depois de mallogradas as suas razões. Surprerdeu-me esta noticia! parecia-me um conto disparatado!

«O jornaleiro arranjou-me um fato semelhante ao seu. Desfigurei-me. Providencia de Deus! No instante em que me vestia, olhei para a ferida que recebera na perna, e encontrei-a quasi cicatrizada! É quando o atheu reconheceria o anjo do Senhor, pensando as chagas da alma e do corpo áquelles que o confessam!

«Saí. O quinteiro do lavrador estava a trasbordar de povo. Conheci que os cadaveres estavam no centro. Atravessei a multidão, até junto do carro onde os mortos estavam... recuei horrorisado! Senti precisão de gritar: «justiça de Deus!» mas cedi a um sentimento igualmente grande. Do meu coração saíu outro grito: «misericordia, meu Deus!»

«Informei-me. Estes dois infelizes caminhavam para suas casas, com o cofre das economias do convento. Eram os assassinos do venerando prelado...

«Aquelle sangue escrevera na face de taes homens uma lugubre sentença de punição. Quem seriam os instrumentos da vingança? Ignora-se.

«Meus amigos, erguei a Deus as mãos, e os corações. Oremos pelas almas dos meus desgraçados companheiros!»

E oraram de joelhos. Maria tremia, como de susto.

XXIII

— Não me demorei tempo algum n'esta aldeia — disse frei Antonio.— Pedi ao meu pobre bemfeitor que me guardasse o meu habito, e prometti pagar-lhe o seu, que elle me deu com lagrimas de contentamento.

«Caminhei, incognito, pedindo esmolas. Atravessei dez leguas para o norte, e assim assegurava cada vez mais a minha vida, não infringindo a condicional, de morte, se eu caminhasse para o sul.

O padre soltou aqui um sorriso de uma ironia inoffensiva, e continuou:

— Achei-me no valle de Aguiar, ermo de paz, e de tristeza santa. Cercado de montanhas pedregosas, a planicie abrange duas leguas, e perde-se na pittoresca Villa Pouca de Aguiar. Tão profundo foi o meu desalento quando ahi me vi, quanto depressa me afiz áquellas varzeas, e áquelle céo, que parece firmar-se nas cristas das montanhas.

— E como vivias ahi, Antonio?— perguntou o coronel.

—Vivia á sopa de um lavrador... Pasmas, meu irmão?

— Entristeço-me de ver a miseria a que póde descer um homem do teu nascimento.

— Do meu nascimento! — disse o padre, sorrindo — O que é o meu nascimento!... Essas jerarchias são filhas da nossa miseria; a desgraça não conhece o fidalgo nem o jornaleiro... Não me lamentes, meu irmão. O homem só reconhece a sua dignidade quando vive pelo trabalho do braço ou da intelligencia. Que maior nobreza querias tu que eu tivesse? Eu antes queria grangear assim nobremente o meu pão com o meu braço, e o coração, cheio de vontade. E pensas tu que a sociedade estaria corrupta pela jerarchia, se a ociosidade não estivesse em guerra constante com o trabalho? Medita, meu irmão, e verás que este paiz tinha excrescencias, que o obrigaram a deitar-se no doloroso leito de Procusto em que o ouvimos gemer... e gememos todos.

«Deixemos philosophias. A minha querida sobrinha quer que eu lhe diga como vivia...

— Isso já eu sei... era trabalhando...— atalhou Maria.

— Trabalhando, sim, por um salario de jornaleiro, e agradecendo ao Altissimo a robustez com que me dotára, sentindo-me até com forças para poder lançar mão da enxada, e roçar um carro de tojo. *Roçar um carro de tojo* é sentir a gente a cada instante a precisão de arrancar espinhos que se cravam nas mãos e nos pés. É ir com as gabelas ás costas empastal-as no carro, arfar de cansado, limpar com a manga de uma vestia de burel a face alagada de suor, carrear outra e outra gabela, durante um dia inteiro interrompido por uma hora do dia em que se come um caldo de couves, e umas batatas salpicadas de sal. Ajoelhava e pedia a Deus coragem, forças, e resignação: não lhe pedia melhor pão, nem melhor vida. Sabei que o temor de Deus é uma renúncia, que a materia do homem faz ao espirito, que é do Creador. A Providencia transfigura o infeliz, ao passo que o infortunio lhe vae mudando em dor as alegrias. E, senão, dizei-me: quem me obrigou a mim a occultar o nome que poderia alliviar-me de alguns rudes trabalhos de lavoura? Não poderia eu ser mestre de meninos? Não tenho eu o meu caracter de ministro do altar, e a minha pobre intelligencia para remediar em um pulpito o ministerio apostolico? Tinha, e vivia em terra que me daria protecção. E, comtudo, nunca me escasseou o alento para trabalho mais pesado, nunca me senti doente ao levantar-me da minha enxerga, antes de amanhecer, para vigiar os fructos, em que me estava garantido pela omnipotencia do Senhor o premio do meu trabalho. Os monges primitivos da minha ordem como é que viviam? Não cultivavam elles os seus campos, e não coziam os pannos da sua tunica? É que ainda então não viera o privilegio e a classe santificar a inercia do corpo em virtude da varia côr dos sangues. Santo Deus, como são pasmosos os caprichos que rebaixam a magestade do homem trabalhador, alteando ao fastigio do acatamento o ocioso por mercê de uma herança!...

XXIV

—Finda a guerra, expirava a condição da minha liberdade: caminhar sempre para o norte. Comecei a soffrer saudades da minha familia. O coração vaticinava-me que vós existieis. E, depois, a vontade era energica e irresistivel. Pareceu-me sobrehumano o estimulo. Despedi-me dos meus bemfeitores. Rodearam-me os filhos, e choramos todos. Trahi-me em algumas palavras que soltei. Arrebatou-me a poesia d'aquelle adeus. Fitaram-me com espanto: queriam pedir-me perdão... «de que, meus filhos?» perguntei-lhe eu. Deus permittiu que eu me desmentisse. Parti.

«Trilhei os passados vestigios da minha jornada. Paguei o vestido que o jornaleiro me vendera. Recebi o meu habito: bem o vêdes; mas o capote? perguntaes vós. O capote é a esmola de uma missa que devo ás almas do purgatorio. A fome estorvou-me o passo muitas vezes nas sessenta e cinco leguas que nos separavam. Á maneira do homicida, que foge á justiça dos homens, perdi-me por atalhos e devezas, que me dobraram o caminho. Os ultrajes vexaram-me, quando a fimbria do meu habito me denunciava. Algumas vezes tive em resposta, pedindo, uma ameaça, uma insolencia, um epitheto injurioso.

«Está fechada a minha Illiada de lagrimas. Deixae-me engrandecer até á valentia moral do bravo capitão de Homero. Os cabellos branquearam-se-me em tres mezes; mas venci a desgraça; porque nas mãos do Omnipotente fui instrumento de fortaleza.

«Meus amigos, não quero que a minha historia descaia em sermão. Eis-me comvosco. Somos todos pobres, não é assim?

—Ninguem é pobre, quando ama, meu irmão—respondeu a esposa do coronel.

—É uma grande verdade, minha irmã,—proseguiu o frade—o amor é uma luz que não deixa escurecer a

vida: é reflectida do astro eterno; irradia-se de Deus. E é verdade que me estimaes como vosso? Não vos obrigo á resposta. Deus quer indemnisar-me. Estes meninos são os queridos do Senhor: fallam pelos labios da innocencia: vê-se que me amam, e me querem, é assim, Maria?

—Muito, meu querido tio!—E abraçava-o com enthusiasmo e alegria, como se assim quizesse consolar os pezares do venerando velho. E abraçavam-o todos.

Frei Antonio dos Anjos, com seus sobrinhos nos braços, ajoelhou, exclamando:

—Graças vos sejam dadas, meu Deus! Déstes o amor em recompensa ao homem atribulado! Trouxestes o pobre velho pela mão ao seio da sua familia! Provaste-o em todas as amarguras, e não consentistes que o fragil barro fosse quebrado.

LIVRO SEGUNDO

I

Tinha custado muito sangue, esterilmente derramado, a solução de um problema, que, havia muitos seculos, a humanidade procurava resolver: a miseria. O processo escolhido em cada seculo para o mesmo resultado, tinha sido identico: a guerra ao rico, em nome do proletario. A unica situação real, que os homens podem consolidar no marulho fervente das suas utopias, é conciliar pelo soccorro-mutuo duas ideias que parece repellírem-se: a pobreza e a felicidade. Mas esta situação, que as escolas da philosophia materialista chamavam absurdo, realisa-se pelo dogma da associação, que é a traducção da fraternidade, que o christianismo afervora: é a felicidade do homem do trabalho sem attentar contra o rico. Tão sublime ideia, tão grandes factos tem-se operado em um grande centro, que, inspirado pór Deus, irradia uma luz evangelica por todos os homens.

Enlaçar em um abraço voluntario a pobreza e o contentamento, esposar estes dois predicados, que luctam rancorosamente no coração da humanidade, amigal-os, movel-os a dulcificarem-se, identifical-os para que o divorcio os não desligue em um repellão desesperado: tal prodigio, um consorcio assim só na prática do soccorro-mutuo pela associação póde operar-se, porque é a genuina traducção do Evangelho, que Jesus nos deixou recommendado.

O incredulo do christianismo e da associação ao passar na sua carruagem, assaltado de cuidados, pela porta do operario, sente-se affrontado pelas risadas alegres, que lá vão dentro d'aquelle sotão raso com o chão. Tal homem não possue o capital que mais felicidade produz.

Não sabe que a religião e o soccorro-mutuo são o incentivo do trabalho. Comprehende, apenas, que o trabalho é o capital unico do proletario. Julga elle que o artifice, alquebrado de vigor, no fim do dia, atira com o corpo ás palhas do repouso para mentir no somno aos flagellos do dia futuro. Não sabe que o amor em todo o tempo, em todas as idades, e em toda a hora do dia, é quasi um exclusivo do pobre. Não sabe que o artista é pae, é esposo, é christão, e possue um thesouro de affectos que o deixam á beira do tumulo para entrarem no seio de Deus, como paga de um emprestimo contrahido para adoçar as amarguras da terra. Não sabe que o soccorro-mutuo derivado do trabalho faz a tranquillidade do homem laborioso.

A familia do coronel... era como a familia do artista. Alli, a pobreza tinha sorrisos, a resignação um triumpho, e os desgraçados um exemplo. O coronel ensinava primeiras lettras. Frei Antonio dos Anjos ensinava latim. A esposa do coronel com quatro filhos entrançavam cordões para dragonas e penachos. Maria, aos oito annos, copiava musica, e fazia flores.

— O trabalho! meus filhos, o trabalho! — exclamava padre Antonio, estendendo em veneranda postura o braço sobre a mesa, em redor da qual uma familia alegremente saboreava um parco jantar.

Estariam elles esquecidos do seu passado? como poderam amoldar-se aquelles espiritos ás angustiadas urgencias, ao passadio mesquinho de operarios? A soberba da educação não se rebella contra a lei oppressiva da necessidade?

Não. O anjo de Deus viera sentar-se no limiar do infeliz, e o demonio do orgulho não pôde tramar as conspirações do ocio contra a familia laboriosa. Frei Antonio era o anjo dos alentos, da resignação e das esperanças. Venturas, que elle via no futuro, ninguem as via; mas acreditavam-as todos, porque as suas promessas tinham a unção da prophecia. E não era calculando eventualidades politicas, nem thronos arruinados, nem batalhas feridas no seio da patria, que frei Antonio aventurava promessas. D'onde a inspiração lhe vinha não

sabia elle dizel-o; mas o santo homem nunca se levantava dos pés da cruz, que não trouxesse aos seus uma palavra de esperança, um vaticinio mysterioso.

— É o céo que o tio nos promette...— dizia Maria, sorrindo para sua mãe, e recortando a folha de um lirio.

— E que melhor promessa, minha filha?— respondeu a mãe, sem levantar os olhos do seu trabalho.

— Queres dar a tua lição, menina?— perguntou frei Antonio, anediando os cabellos negros de Maria.

— Sim, meu tio, mas sem despegar do trabalho, porque tenho grande tarefa. Hoje ha de, permittindo Deus, ficar prompta esta flor: disse-o a mãe... senão... o tio bem sabe...

— Senão o que, minha filha?— perguntou a mãe.

— Senão...— tornou Maria, sorrindo com graciosa malicia — não merendo.

— O teu sorriso faz-me chorar...— disse a mãe, limpando os olhos, e violentamente sorrindo.

— Temos lagrimas? Ora vamos...— atalhou o padre, dando ás palavras um tom de risonha ameaça.

— Não, que minha mãe é assim! — tornou Maria — Não póde mesmo a gente fingir que é infeliz! Permitta Deus que todos se julguem tão venturosos como eu. Tenho pae que amo tanto, e mãe que mais não posso amar! sou tão feliz!... Minha mãe não podia ser tambem assim, se achasse a ventura no meu amor?!...

— Ó minha filha...— exclamou a mãe — Obrigas-me a pedir-te perdão... Castiga-me Deus pelos labios da innocencia... Sim... eu sou muito feliz...

E abraçou-a impetuosamente, como impellida por um amor que a transportava.

O coronel viera testemunhar este lance. Parou respeitosamente diante do grupo, em que avultava o padre levantando maquinalmente as mãos para o céo, jubiloso de um sorriso todo alegria, todo luz, que parece scintillar no semblante do justo. E o mais é que as lagrimas vieram solemnisar aquelles extremos de alegria! Choravam ambas, mãe e filha, com as almas afinadas pela mesma emoção, pelo mesmo enthusiasmo no amor.

Frei Antonio antevia a nova organisação economica e

social que ha de corrigir suavemente as velhas imperfeições da sociedade.

— Mãe, filha, e todos nós — dizia o coronel — seremos felizes com as vossas inspirações.

— O contrario seria um crime, meu irmão! — respondeu frei Antonio, tomando-as ambas, abraçadas ainda, entre os seus braços.

II

A vida d'esta familia correra assim tres annos. O dia de hoje, empregado em grangear a subsistencia do de ámanhã, promettia a mesma tranquillidade nos dias successivos. E assim passavam.

Frei Antonio era o mestre de Maria. A educação litteraria, que lhe dava, não era simples. Apaixonado pelos seus, e pelo esplendor da sua patria, frei Antonio affeiçoára o espirito de sua sobrinha aos moldes graves da poesia portugueza do seculo XVI. Fizera-a decorar a historia nos cantos das epopêas; afinára-lhe o gosto no arrebatamento d'aquelle genio, que deu lições de resignação aos desgraçados. Camões era mais que um poema decorado por Maria. A cada verso era interrompida, e o poema tornava-se, commentado pela eloquencia do padre, um fecundo manancial de moralidade. O sabio não se contentava com o amor exclusivo da sua litteratura. Frei Antonio amava alguns livros francezes, e os italianos de todos os seculos. Maria aos dez annos conhecia as duas linguas, e lia, nas horas vagas desoccupadas de noite, com percepção admiravel. As suas lições não interrompiam o trabalho das flores. Emquanto de entre os dedos lhe brotava a rosa, incendiavam-se-lhe as faces, lindas como a flor, pelo calor nervoso com que expunha episodios de historia, adaptados á sua intelligencia pelo estylo energico do seu tio. Seus irmãos, mais velhos que ella, porfiavam em imital-a, e sentiam-se feridos no amor proprio, quando a viam voar pelo mundo da intelligencia, defeso á sua. Maria era um prodigio —

dizia o pae: — era forçoso reprimil-a na audacia das suas dúvidas sobre motivos religiosos, porque frei Antonio com horror á superstição e fanatismo não tolerava senão a religião na sua maior pureza. Maria tinha uma razão, capaz de perder-se por muito energica — acrescentava o mestre.

Maria, aos doze annos, mostrava singular desenvolvimento de comprehensão. Não se lhe difficultavam as entidades ideaes da metaphysica, e leccionava seus irmãos na arte de pensar, como se ao seu espirito descessem do céo revelações das que encaminham a razão direita ao alvo das verdades eternas. O juizo, porém, essa faculdade, que não tem ainda o nome na sciencia do coração, esfriára-lhe o enthusiasmo, que, dois annos antes, lhe acalorava a infantil eloquencia. Havia tristeza na amostra do seu talento. Parecia violentar-se quando a estimulavam a revelar a sua opinião em objectos de sabedoria. Até não queria ser galardoada com applausos, e córava se a faziam inveja de seus irmãos. Pedia que a deixassem no seu officio de florista, dando-se por contente do pouco que sabia, pois pouco bastava a uma mulher, que não podia repousar a cabeça, e adormecer no seio da sciencia. A formosa artista tivera um piano, em que dedilhava os seus primeiros ensaios, quando seus paes o venderam. Tomára a peito um peso enorme de trabalho, esperando accumular dinheiro que lhe restituisse o seu piano; e conseguiu-o, quando o seu nome se fez celebre n'aquelle genero de enfeites, que a moda pagava caros.

Em casa do coronel * * *, até esta época, nunca se reuniram a um chá pessoas estranhas. Aquellas portas fecharam-se: o habito applaudiu essa deliberação forçada pelas circumstancias; e, quando estas mudaram, não foi levemente alterada a sábia economia, que tanto concorrera para a felicidade d'aquella familia.

Não obstante, o nome de D. Maria dos Prazeres não esquecia nos grandes circulos, nos salões do luxo e da moda. A esse nome estava vinculado o prestigio de uma familia illustre, nublada pelas tempestades politicas. Pintava-se com traços exagerados, talvez, a transição da opulencia para a miseria; faziam-se romances, mais ou

menos idealisados pelo gosto da época; contavam-se assombros de um genio que o infortunio acanhava, em forçada obscuridade. Ninguem vira de perto D. Maria dos Prazeres, ninguem a encontrára fóra da rua por onde ia á igreja; mancebos, porém, que precisavam interessar na sociedade, cansada de logares communs, diziam que a tinham ouvido um minuto, dois minutos, cinco minutos maravilhados da sua formosura, e pequenos diante da sua eloquencia.

III

O nome de frei Antonio dos Anjos vulgarisou-se com o de sua sobrinha. A ligação de mestre e discipula apregoava as duas pessoas com igual elogio.

Um fidalgo de Lisboa quiz conhecer o egresso. Achou-o semelhante aos gabos, que o engrandeciam. Honrou-o com attenções e obsequios, que occultavam um fim honesto. O fidalgo tinha um filho de dezoito annos, rebelde aos rudimentos das boas sciencias, mas em demasia versado n'esta alchymia do mundo, em que o libertino devora primeiro o cabedal da sua virtude, e sacrifica depois a virtude alheia, como o escravo infeliz d'aquelle prestigio queimava no cadinho a sua subsistencia, e seduzia depois os outros a empobrecerem-se.

Frei Antonio, instigado pela caridade que lhe impunha a salvação de um naufrago, aceitou a empreza, recusando a feliz perspectiva que devia remunerar-lhe o seu trabalho.

O padre considerou-se imprudente em annuir, quando viu a funesta impressão que tal noticia causou em sua sobrinha, particularmente. Roubarem-lhe o anjo da infancia, quando, adulta, mais carecia d'aquelle esteio a que o seu coração se acostumára, era penalisal-a com saudades inconsolaveis: era uma crueza, não de um estranho, mas de seu tio, que não tinha precisão de assoldadar-se ao pão alheio. Esta sua queixa, justificada com profunda tristeza, e contínuas lagrimas, pungia o coração

do velho até ao extremo de o lançar no leito da doença. Era irremediavel a promessa indiscreta: a palavra de honra, que lhe fora pedida pelo fidalgo: a obrigação que se impôz de arrancar á libertinagem, que dominava grande parte dos antigos fidalgos, um mancebo perdido.

Maria, quando viu adoecer seu tio, ministrou-lhe o balsamo da ferida. Ella mesma, repêsa de severidade do seu amor, pede-lhe que vá repartir com os necessitados o pão da sciencia e da virtude, que, tão farto, repartíra com ella.

— Era peccaminoso o meu egoismo!... — lhe diz — Não pude vencer-me! O meu coração é impetuoso. Meu tio não quiz remediar-me este defeito, reprimindo-me a dedicação com que, ha seis annos, correspondo á sua amizade. Ambos somos culpados; mas eu sou mais... Fui precipitada. Lembrei-me que era abandonada, por ser esquecida algumas horas no dia!... É forte criancice, não é, meu tio?

— Eu!... esquecer-te... minha filha!... — balbuciou o padre.

— Bem o disse eu!... É muito meu amigo... leva a minha imagem no seu coração para onde for... tem-me ao seu lado nas suas orações... responde ao meu coração, que lhe pergunta a adivinhação d'estes segredos, que eu tenho aqui, e só meu tio me adivinha... é tudo isto... sim, meu caro tio?

— Sim, tudo, minha menina.

— Oh meu tio! — continuou ella exaltada — não nos podemos separar. A intelligencia é um fio electrico. Ha vibrações na minha alma, que, se meu tio não as ouvisse, seriam perdidas, como as notas de uma harpa, tocada pelo vento em cima de um sepulchro deserto. Meu pae, e minha mãe, e meus irmãos, quero-os para o amor, quero-os para o coração, morro pela sua felicidade, se m'o exigirem; mas o meu espirito precisa de alimento, a minha intelligencia quer um pasto ideal, que não acho aqui, se meu tio me desampara. Não vê que foi um impulso providencial que o trouxe aqui, salvando-o de tantas mortes que lhe embaraçaram o caminho? Eu não tenho sido ingrata a Deus: ergo-lhe as mãos todos os dias,

reconhecida, humilde, mas venturosa de ter nascido sua sobrinha!... Não me faça persuadir que Deus olha com indifferença as minhas preces... ([1])

— Maria, — interrompeu o padre — tu não pensaste o que dirias antes de vir ao meu quarto!... Magoaram-me as tuas ultimas expressões... Não me pareceram tuas...

E Maria arquejava sem desafogo. Parecia não escutar o tio.

— Vem cá, minha filha, — continuou elle, estendendo-lhe a mão, com um sorriso affavel — vem cá. Que queres tu de mim? Não queres que eu vá fazer um bom filho e um bom cidadão?

— Vá, vá, meu tio! — exclamou ella com energia.

— Não achas tão sublime a missão confiada por Deus ao pobre velho, que não tem outra herança a legar-te, senão a memoria da sua beneficencia?

— Sim, sim... é o que ha superior a tudo... ao amor, á vida, á esperança... Sim, sim... dê-me esse irmão em crenças, veja-o subir para Deus, impellido pela sua palavra inspirada... eu pedirei por elle; trocaremos as nossas orações; elle pedirá por mim, porque a conversão de um perdido enche o céo de alegria, e faz exultar os anjos!... Elle ha de, inspirado pelo céo, comprehender, como nós já comprehendemos, desde que vivemos artistas, o que é o amor de Deus e a virtude do trabalho.

([1]) Nem sempre é inverosimil a linguagem figurada. Mais de um critico, a estas horas, se indispõe contra as hyperboles de Maria, aos quatorze annos tão espivitada! Pois creiam que não é justo o seu reparo. Se lhes eu tivesse dito que Maria convivera nas salas onde o lyrismo do coração não tem nada a fazer com a vida positivissima que lá se vive, em linguagem chan e desenflorada de figuras inuteis, tinham razão sobeja para dizerem que nunca por cá toparam d'estas donzellas-Ciceros ou donzellas-Gongoras, como quizerem. Attendam, porém, ao facto, se não teem a experiencia: mulher instruida, ou presumida de instrucção, se lhe falta o trato que precisa o estylo segundo as circumstancias, falla assim, e escreve assim. Aquella filha de Manoel de Sousa e D. Magdalena de Vilhena, que o immortal Garrett faz morrer de vergonha, em *Frei Luiz de Sousa*, era, com menos sete annos, muito mais espirituosa, e, se querem, mais desnatural. O inverosimil é algumas vezes verdadeiro, assim como

Le vrai peut quelque fois n'être pas vrai semblable.

(BOILEAU — *Art poet.*, c. III.)

IV

Frei Antonio mudou a sua residencia para casa do fidalgo. Alvaro da Silveira era o educando. São precisas algumas linhas do caracter d'este mancebo.

Nascera rico: primeira desgraça, quando um pae, herdeiro de opulencia e libertinagem, sente a precisão de transmittir a seu filho a herança, qual a recebera. Acalentado em berço de ouro, quando os primeiros annos lhe deram a convicção da sua individualidade, reclamou a sua emancipação dos carinhos maternos, que lhe eram pesados, e extremos do pae, que o enojavam por muito repetidos. O elogio acompanhava-o sempre em todas as suas tentativas de independencia. Quando de seis annos rasgou o *A, B, C,* na presença de um professor, que o contrariava, seus paes riram-se do galhardo heroismo da criança, e exultaram de vêl-o assim brioso em tão verdes annos. Quando aos oito annos o viram espancar a ama, que lhe prohibia apedrejar uns meninos pobres, que lhe pediam pão, disseram-lhe que era feia aquella acção em menino fidalgo, e deram-se os parabens, a occultas, de tão corajoso rasgo. Quando aos dez annos o ouviram pedir dinheiro para gastar em seus caprichos de criança, preliminares de lastimaveis depravações de mancebo, deram-lhe dinheiro com a condicional de não caír do cavallo, nem guiar o carrinho por passagens mal gradadas. Quando aos quinze annos.................

Seus paes atiraram-o ao tremedal de todos os vicios. Deixaram medrar a planta da má inclinação no clima proprio, n'aquella atmosphera de Lisboa, onde os miasmas da corrupção lavravam desde que alguma classe degenerou pela ociosidade, e pelos vicios da velha organisação social. A arvore lavrou raizes até onde seus paes não previram, por mais que amigos e estranhos lhes abalassem o coração d'aquelle profundo somno de um affecto criminoso. As immoralidades do filho estamparam um estigma de opprobrio nas faces dos paes. O jogo,

contrariedade unica e pungente, que na sociedade encontrava o libertino, arruinaria a fortuna de uma familia, de muitas familias opulentas, se Alvaro da Silveira não attendesse aos conselhos, ás primeiras admoestações de seu pae. Foram baldadas. Alvaro ouviu-as com enfado, com soberania, com desprezo, e satisfez a irritabilidade de sua má indole, conduzindo á porta de seu pae novos credores e novas vergonhas.

E, depois, a intelligencia d'este mancebo era um repositorio de todos os vicios, sem ao menos quinhoarem do ouropel da urbanidade, que parece ás vezes modificar a torpeza com que nos enojam em um licencioso, estupido e villão. Alvaro era grosseiro no crime. Indignava os muitos que lhe não eram somenos em dissolução, mas menos brutaes que elle. As pustulas n'aquelle cadaver mostravam-se ao clarão do vicio com todo o asco. O homem perdido parecia renovar emoções, e satisfazer o instincto, provocando á nausea uma sociedade, cujo abandono lhe accendia um desejo impotente de vingança.

Frei Antonio dos Anjos fora chamado para preparar este homem a conhecer a honra, levando-o pela vereda da religião.

V

Alvaro da Silveira não fora prevenido. A presença do sacerdote, apresentado por seu pae, moveu-lhe uma curiosidade selvagem. Parecia-lhe um sonho aquella visão extraordinaria, aquelle encontro tão disparatado com a sua vida. O seu olhar idiota era eloquente ao mesmo tempo. Revelava uma interrogação natural e desculpavel: — que me quer este homem?

Frei Antonio, limitado ao seu ensino de portas a dentro, e alheio á vida de Lisboa, não conhecia cabalmente a historia do seu discipulo. Os traços que seu pae lhe revelára eram logares communs da mocidade desenfreada. Não é crivel que o padre bem informado tentasse a empreza de conquistal-o para a virtude. E quem póde avaliar a coragem religiosa?

Alvaro sorriu, voltou as costas ao mestre, levando em galhofa o que lhe não parecia cousa de serio alcance. Este grosseiro procedimento magoou momentaneamente o padre; mas, reprehendido pela caridade, aquietou depressa os irritamentos do amor proprio. Foi então que o pae, tão culpado como desditoso, desenrolou o sudario das desenvolturas de seu filho. Chorava, arrependido do mimo com que o perdera, e perguntou ancioso se seria possivel salval-o da sua ruina total.

Frei Antonio não conhecia limites á sua confiança em Deus. Convicto das mercês visiveis que recebera da omnipotencia do Senhor, sentiu-se illuminado de uma fé que lhe afiançava um prodigio. A peleja travada, em nome da virtude, com o espirito do mal, tinha muitas vezes triumphado de uma parte da humanidade, revolta contra um só homem. Exemplos de maiores maravilhas alentaram o sacerdote. Desde esse momento afervorou as suas preces ao Senhor, a cujo aceno a virtude, morta no coração do impio, surgiria como a lagrima do remorso nos olhos de Magdalena.

VI

Esse dia de estreia para a missão do padre, foi mais um decorrido nas immoralidades do discipulo. Não viera a casa, durante o dia, e metade da noite. Parece que tudo dormia no palacio, quando frei Antonio sentiu o rumor de um cavallo no pateo. Orava ainda, fóra do leito, ajoelhado, com o lenço ensopado em lagrimas de dorida saudade. A imagem de sua sobrinha não lhe consentia o repouso de noite; obrigava-o ás tribulações de um amante desprezado. E, então, o ministro de Deus recolhia-se em oração, com a vehemencia de uma esperança infallivel do refrigerio do céo.

A essa hora, pois, chegava a casa Alvaro da Silveira. O seu quarto era immediato ao do sacerdote. Entrou assobiando as reminiscencias das cavatinas theatraes, e reclamou em brados imperiosos a ceia. Os servos, pon-

tuaes como escravos aos caprichos rapidos dos patricios da Roma dos imperadores, affluiam a servir o amo, que ordinariamente punia uma curta demora com a ameaça formal de quatro chicotadas. Conduzida a ceia, repellíra os creados com desabrimento e ficára sósinho trauteando e comendo promiscuamente.

Alvaro acabava de ceiar, esquecido da apresentação do padre, quando ouviu na porta um toque.

— Entre quem é! — bradou elle.

Quem quer que era cumpriu. A presença veneranda de frei Antonio, um passo dentro do quarto, era uma impressão nova para o mancebo! Involuntariamente sentiu curvar-se-lhe o pescoço á cortezia grave com que o sacerdote o saudára.

— Então ainda a pé?! — perguntou Alvaro.

— Ainda a pé, e Deus sabe se me deitarei!... As horas da noite são as horas da oração. Parece que o ermo, e o silencio excitam a conversação do espirito com Deus... E v. exc.ª recolheu-se agora, não é verdade?

— É verdade... — respondeu o mancebo com um embaraço, que revelava a sua estranheza n'estes dialogos.

— Precisa repousar — tornou o padre. — Eu, como estava a pé, quiz dar-lhe as boas noites. Agora recolho-me pedindo a Deus o seu descanso, como condição da vida, para ámanhã abrir os olhos á luz que bem póde não alvorecer para nós. Fique v. exc.ª com Deus.

E retirou-se. As ultimas palavras de Alvaro pareciam syllabas desarticuladas. O padre ferira-lhe um orgão ainda virgem d'aquellas impressões. Aquelle *memento*, áquella hora, por aquelle homem, acordára-lhe o mais nobre dos pensamentos, que o materialismo lhe adormecera nos gêlos do coração: Deus. Os confusos projectos do dia seguinte aturdiram-se-lhe na cabeça, como alvoroçados pelo pregão da morte, que mandava calar os designios humanos na presença do destino eterno.

O abalo fora vehemente, mas pouco duradouro. Alvaro da Silveira adormeceu. É que o som vibrado na corda da religião devia esvaecer-se entre o estrondo das paixões ruidosas, como o vagido da criança no alarido das turbas amotinadas.

VII

Alvaro da Silveira costumava tocar a campainha depois do meio dia, quando alguma empreza impertinente lhe não assaltava o precioso somno da manhã.

Frei Antonio, prevenido, foi visitar sua familia, cuja ausencia lhe parecia longa e incomportavel. Antes de saír trocou algumas palavras com o dono da casa, pedindo-lhe que entregasse a Deus a regeneração de seu filho.

Quando entrou na sala, sua sobrinha estava ao piano. Pé ante pé firmou-se onde de longe podia contemplal-a, e surprendel-a com palmas. Reparou que o papel de estudo não era musica. Esperou. De improviso ao arpejo melancolico das teclas casou-se uma melodia triste; profundamente triste, como as convulsões de um longo gemido. Aquelle papel continha a lettra do canto. Que versos seriam aquelles?

E o canto parou com a ultima nota do acompanhamento. Maria firmou os cotovêlos nos braços da cadeira, e escondeu o rosto entre as mãos. Ás vezes corria as mãos pela testa, e deixava-as pender enlaçadas sobre o regaço. As suas posturas eram todas afflictivas.

— Que tens, minha filha? — murmurou o padre, caminhando para ella.

Maria ergueu-se arrebatadamente; correu aos braços do tio, e não teve exclamação que revelasse o alvoroço d'aquella surpreza.

— Cantavas como um anjo — continuou o padre, acariciando-lhe a face pousada no seu hombro — mas tão melancolico era o canto e a musica!... Nunca te ouvi ainda esta lamentação! Vejamos que poesia é esta...

— Não, não, meu tio! — atalhou Maria, querendo affavelmente desvial-o do piano.

— Por que não? Mysterios para o teu amigo, que t'os adivinha no coração? Segredos para o teu mestre, Maria!

— Não é segredo... é vergonha... — exclamou a linda

menina com a voz entrecortada — Esses versos fui eu que os fiz...

— E tens reservado para ti esse dom? Quando disseste ao teu velho tio que fazias versos? — disse o padre, sorrindo com meiguice.

— Eu não sabia que o eram... Nem sei se o são... — balbuciou Maria, córando, e procurando fugir de estár presente á leitura.

Frei Antonio levou-a pela mão ao piano. Tomou da estante e poesia, e leu:

PRESENTIMENTO

Minha paz no infortunio,
Minha alegria na dor,
Quem m'a dera, qual a tive,
Qual m'a déstes vós, SENHOR!

Desbotou-se-me nos labios
Meu sorriso tão singelo...
E eu com elle premiava
Tanto amor, tanto desvelo!

Tanto amor, que eu vos pedia,
Do que os anjos tem nos céos,
Para amar meus paes, meu tio,
Como vos amo, meu Deus!

Não scismei outras venturas,
Outros gôsos não pedi:
Fui tão rica na pobreza...
Na pobreza empobreci.

Senti lagrimas no rosto...
Sei que tenho aqui no seio
Escondida uma tristeza
Que de vós, meu Deus, não veio!

Deu-m'a o mundo... sim... daria...
Mas que mal ao mundo fiz!?
Serei de alguem inveja?
Pois que eu não seja feliz!

Volva o tempo da penuria,
Quando eu fiz a pobre flor,
Que me dava um pão regado
Com meu pranto e meu suor.

Dae-me as noites não dormidas
De trabalho e de alegria;
Meu orar na madrugada,
Quando, tão feliz, me erguia.

Oh meu Deus! se a humilde serva
Não votastes ao soffrimento,
Abafae-lhe a voz que a punge,
D'um cruel presentimento!

Frei Antonio lera commovido essas singelas quadras, cujo toque de sentimento não póde enternecer-nos, talvez. Nos labios d'elle, trémulos e nervosos, a poesia soava como um canto funebre. Que tristeza no declamar! Poderia ter-se como uma elegia á innocencia de Maria? Por Deus, que não. O hymno, que transluzia da nuvem escura da sua tristeza, era como a luz do relampago que aclara, de repente, um amplo espaço: era a luz electrica das intelligencias privilegiadas; o abalo do presentimento que quer saír do circulo do mysterio: a adivinhação do futuro.

—Que é o que entristece a tua vida, Maria?—perguntou frei Antonio.

—Já me lembrou se seria a muita felicidade, meu tio.

—Não te comprehendo... abre-me o teu coração sem reserva... serias culpada se fingisses a teu tio as razões do teu soffrimento...

—Não posso mentir-lhe, meu tio... não sei ainda o que é fingimento... nunca na minha vida menti a alguem. Eu não sei por que estou triste. O meu coração não m'o diz, e a minha tristeza nasce-me do coração, esconde-se lá como um segredo afflictivo... E eu que mais hei de dizer-lhe, meu caro amigo? Que peço muito a Deus que me não quebre este calix de amargura, se a sua divina vontade ordena que eu o esgote.

Maria enxugava as lagrimas copiosas, que pareciam esfriar-lhe o calor febril das faces. Frei Antonio, contemplativo, olhava para a sobrinha silenciosa, como querendo ler-lhe no rosto a ultima palavra d'aquella revelação confusa.

O coronel entrou na sala, e correu a abraçar seu irmão, e dar a mão a sua filha, que lh'a não beijára ainda.

Maria, surprendida, quiz, á custa de um sorriso violento, converter em alegria aquella saudação; mas a dor de filha é necessario que seja peccaminosa para esconder-se aos olhos de pae. O coronel e sua esposa velavam as tristezas de Maria como lhe velariam perigosa enfermidade. Consultaram mutuamente os seus temores; e a severa experiencia do mundo alguma vez lhes inspirou bem tristes receios. Aos quatorze annos de melancolias no coração de uma virgem, que apenas tem de mysterioso a tendencia irresistivel, que Deus lhe imprimiu para o ideal de um amor terreno, que, no altar da innocencia, recebe uma adoração, senão semelhante, ao menos perfumada com o mesmo incenso do amor divino. E a mãe de Maria recordava-se da sua infancia, e perguntava a seu marido se as lagrimas da filha seriam as precursoras de alguma paixão infeliz. Era indiscreta a pergunta. Não se dera nunca o incentivo de suspeita. A vida de Maria não tinha um instante mysterioso a seus paes. Trabalho e oração — não tinha outro desvelo desde o amanhecer até á ultima benção pedida a seus paes.

Maria, valendo-se da conversação do pae com o tio, retirára-se da sala. O coronel assim o queria, para consultar o irmão, homem de Deus, que via o coração dos outros com os olhos puros da probidade. Mas não são esses olhos os mais penetrantes para devassar segredos, que se escondem no coração apaixonado pelo mundo. Quem adivinha as luctas intimas do espirito, escravisado aos caprichos das paixões, é o homem das paixões, encanecido na amarga experiencia d'ellas. Bem podera Maria dos Prazeres agonizar nas tribulações de um amor criminoso, e sua morte ser um mysterio para o padre, que não sentia acordar em sua alma o ecco dos gemidos de sua sobrinha. O amor de Deus preenche todas as necessidades, responde a todas as aspirações do coração de um justo. Não é o justo de uma longa vida irreprehensivel quem póde arrancar ao penitente, que se lhe ajoelha, uma revelação pungente, que o pejo emmudece nos labios. É necessario profundal-a com a sonda das proprias agonias. É necessario adivinhal-a no espirito do penitente, a favor de um symptoma que revela outro, de

uma palavra solta que vae prender-se á explicação de um longo silencio. E esta dolorosa syndicancia não póde exercel-a a simples theoria das paixões.

VIII

A arte, que ensina a levantar o véo das paixões silenciosas, era desnecessaria para Maria. A virgem não tinha segredos para alguem. Podesse ella entender a transfiguração da sua alma, a mágua confusa dos seus novos pensamentos, que, bem feliz, pediria conselhos e consolações á sua familia.

— Mas aquelle silencio!...— dizia o coronel, replicando ás santas convicções do padre, a respeito da innocencia de sua sobrinha.

— Aquelle silencio...— dizia frei Antonio, consultando a consciencia, que não lhe respondia de prompto — aquelle silencio... é a falta de palavras com que possâmos fazer sentir aos outros uma ideia, que só a Divindade nos comprehende... As horas de tua filha não são empregadas como d'antes na oração, no estudo e no trabalho?

— São, de certo, e mais continuadas na oração. D'antes orava em commum. Agora, encontramol-a, na hora do descanso, ajoelhada no santuario; mas vejo-a perturbada, quando reza. Ha lagrimas, e até aqui só lhe viamos o sorriso da consolação... Parece que n'aquelle orar ha a súpplica do perdão para o crime que a accusa.

— É impossivel!— exclamou o padre, energicamente commovido — É impossivel... não quero que em minha sobrinha se esconda um crime... uma falta! É uma injuria, meu irmão! Peccaste contra a innocentinha, e feriste-me a mim, que tenho formado aquelle coração, que Deus me confiou para crear-lhe um anjo.

— Meu irmão... não te afflijas... isto em mim é um receio.

A interrupção do coronel era tardía para evitar a exal-

tação nervosa do padre. As lagrimas davam-lhe ao rosto uma religiosa magestade. Assombrava-o o terror de uma conjectura cruel, como se visse caír á voragem do vicio a virtude, que elle, com sua propria mão, collocára em throno tão perto do céo. O coronel, tambem commovido, sentia-se nobremente exaltado pelo modesto orgulho de ter uma filha, cuja innocencia merecia tão fervorosa defeza. Abraçando seu irmão, parecia pedir-lhe carinhosamente desculpa do zelo paternal, que lhe inspirára receios por aquella que pertencia menos a seu pae, que a seu mestre. O lance era sublime; e o sentimento de ambos, vibrado na mesma corda, e acalorado pelo mesmo amor, elevava-se até Deus em oração de graças por Maria, anjo que lhes fora dado como galardão á paciencia de muitos soffrimentos.

IX

Quem poderia consolar a triste nas suas amarguras?

Quem póde cá da terra dissipar a nuvem, que escurece a face de uma estrella?

Quem póde, ao descaír da tarde, reverdecer a corolla da flor desbotada pelas sombras da noite?

O futuro é o presente perpetuo da Divindade. Mas o espirito que se enluta, sem lamentar a viuvez de illusões perdidas, veste-se de negro, como a virgem violentada a desposar no altar das lagrimas uma tribulação futura. É o presentimento.

Para as almas, provadas em supplicios immerecidos, mas secretamente providenciaes, o presentimento não é uma palavra sem significação.

O cantico de Maria, cadenciado pelas quadras do seu hymno, era a unica resposta, que ella podia dar, se lhe perguntassem:

—Anjo, por que soffres?

X

Decorreram algumas horas, e frei Antonio não podia demorar a sua visita. Alvaro da Silveira, fiel a seus habitos, deveria despertar ao meio dia. O padre retirou com uma saudade profunda, e uma dor nova. A ultima afflicção de um justo quer Deus que seja a agonia do passamento. A vida n'elle é uma cadeia de pezares, que tem no esquife o ultimo élo. Frei Antonio, feliz com esta certeza, poderia fraquear na primeira lucta com o soffrimento, mas a sua quéda era sempre de joelhos aos pés da cruz. E esta foi a sua postura, apenas entrou no quarto que lhe fora dado em casa de Silveira.

A oração foi-lhe interrompida pelo toque da campainha. Esse som, que provocava pragas aos servos da casa, como signal de estar acordado o tigre familiar, foi para frei Antonio um despertador da oração em favor d'aquelle, que tão longe de Deus, sem um decreto do céo, mal poderia ser lá encaminhado pelà debil mão de um peccador. E, terminada a oração, o padre chamou o creado, que saía do quarto de Alvaro, e mandou a s. exc.ª pedir licençá para fazer-lhe companhia ao almoço. A resposta, qual era de esperar, deferiu á humilde supplica, e frei Antonio, insinuante de brandura e civilidade, apresentou-se, pela terceira vez, ao seu educando.

A face d'este homem tinha uma alegre severidade, que não podia fitar-se sem respeitosa sympathia. Alvaro da Silveira ao vêl-o sentia uma impressão extraordinaria, como não sentira na presença de algum homem celebre em valentia, em talento, em devassidão, em prodigalidades, e em riqueza. A distincção da virtude ou do *fanatismo,* como elle dizia da religião, parecia-lhe uma cousa nunca vista na boa sociedade! Para não deixar-se vencer pelo panico da religião, Alvaro da Silveira dava-se uma explicação muito natural d'aquelle phenomeno: era a falta de convivencia com a classe dos padres.

Na verdade o jesuitismo e a hypocrisia pelos seus abu-

sos interesseiros, tornando a religião instrumento innocente de uma politica facciosa, tem dado causa a todos os homens de consciencia conspirarem a expulsal-os como vendilhões do templo. Essa a razão por que os falsos religiosos blasphemam quando presentem que uma minima centelha da razão illumina o campo da religião que elles pretendem pôr em trevas. Todo o homem sensato e sãmente religioso soffre uma intima dor quando os falsos religiosos impellem os ignorantes, e alguns immorigerados como Alvaro da Silveira, a irem lançar-se na impiedade, fugindo da hypocrisia, que elles não sabem discernir da purissima religião do crucificado.

Mas, a seu pezar, a entrada de frei Antonio, e as palavras urbanas, e poucas, com que o saudára, continuavam a impressional-o.

— Dormiu v. exc.ª socegadamente, não é assim?— perguntou o padre.

— Deliciosamente—respondeu Alvaro, apertando cortezmente a mão do sacerdote — E v. s.ª como se deu no seu novo quarto?

— O melhor possivel. Um egresso, afeito a dormir na casa de um lavrador, acharia boa pousada em todos os logares debaixo do céo. Uma boa cama não abona sempre uma noite deliciosa ao que se deita n'ella. O melhor gasalhado, senhor, é o que nos dá a consciencia, quando francamente se abre para receber-nos, e velar-nos o somno com o anjo da paz. Deus defenda v. exc.ª de revolver-se um dia nos espinhos, que perturbam o somno do máu, deitado em leito de cortinas douradas.

— Então v. s.ª — tornou Alvaro — tem andado por casa de lavradores? Eu cuidei que os frades eram ricos, e amigos das commodidades. Pelo menos é o que se diz por ahi...

— Os frades, senhor, não só eram ricos, mas tambem opulentos; procuravam todas as commodidades, gosavam todas as delicias, todos os prazeres que podem ser desfrutados na vida material da terra. A ociosidade e a riqueza perverteu-os. As excepções choravamos tal aberração. Como que olvidados do céo mergulharam-se em uma politica inconveniente e injusta. Em pena de Ta-

lião, a politica por elles hostilisada, por todos os meios, tão obstinadamente, puniu-os, expulsando-os das casas que não deviam mais pertencer-lhes.

Estava na mesa o taboleiro do almoço, frei Antonio pedia licença para servir o discipulo.

— Então v. s.ª não almoça? — perguntou Alvaro, offerecendo ao hospede uma chavena, não recebida.

— Almocei já, snr. Silveira.

— Com o pae, não é verdade?

— Não, senhor: com a minha familia.

— Então v. s.ª tem familia em Lisboa?

— Nasci em Lisboa, e tenho uma familia numerosa.

— Naturalmente pobre...

— Naturalmente, não, snr. Silveira; mas Deus indemnisou-a. Deu-lhe o amor do trabalho, e a noite e o dia para grangear o pão de uma hora. Tem sido feliz, penso eu. O temor de Deus é a coragem com que se vencem os infortunios...

Alvaro, com a chavena esquecida na mão, escutava-o religiosamente. A novidade da linguagem, e o gesto religioso apraziam-lhe, e creavam-lhe desejos de ouvir o padre longo tempo.

XI

— A sua familia é conhecida?

Esta pergunta de Alvaro da Silveira é textualmente o inquerito galhardamente fidalgo, que a nobreza d'estes reinos faz, antes de deixar aproximar-se por algum desconhecido, duvidosamente inscripto no livro dos costados. Perdôe-se-nos o estylo; mas, desgraçadamente, tudo que é ridiculo traz inçadas certas classes, e não sabemos quando se farão sérias, quando se aproximarão um dia as familias, de modo que não possâmos, sem offender a Deus, perguntar a nosso irmão se seu pae é conhecido...

— A minha familia — respondeu frei Antonio — foi

conhecida; mas não é de lamentar que seja hoje obscura. Mal d'ella se quizesse manter as vãs regalias da sociedade, que v. exc.ª chamou conhecida! Penso que a minha familia não é conhecida.

—Mas deve estar aparentada...—replicou o fidalgo, instando nas perguntas inauferiveis da pragmatica heraldica.

—Creio que sim... O coronel ***...

—Já sei—interrompeu Alvaro—pois não!... é muito fidalgo, e está aparentado com boa gente; mas não apparece. Então v. s.ª é tio de uma menina muito fallada?...

—Muito fallada!?—atalhou o padre com sobresalto.

—Sim, senhor, dizem que é poeta, romantica, e muito linda.

—É virtuosa, snr. Silveira. Não lhe conheço outra qualidade, que valha a pena de mencionar-se. V. exc.ª já viu poesias ou romances, ou o retrato de minha sobrinha?

—Não, senhor, mas creio que não é mentira o que se diz. A opinião de virtuosa tambem a tem; se não fallei de virtude, é porque não sei verdadeiramente o que é virtude; mas acredito que ella seja uma excellente menina a todos os respeitos.

—A virtude, meu caro senhor, é a censura prática do crime. Sabe v. exc.ª o que é crime?

—Tambem não—respondeu Alvaro com uma vaidosa entonação de espirito forte.

—Eis ahi—disse frei Antonio, sorrindo—uma violencia que está fazendo á sua alma, snr. Silveira. V. exc.ª disse que minha sobrinha era dotada de bellos attributos. Fallou pela bôca da fama, e chamou-lhe poeta, romantica, e formosa. Se minha sobrinha, apesar d'estas decantadas prendas e dons, que a sociedade encarece tanto, fosse má filha, e má irmã, poderia ella cegar os olhos da sociedade com a sua formosura e talento, para que lhe não vissem os defeitos...

—De certo não.

—Então é verdade que a sociedade reprovaria o procedimento de minha sobrinha?

—Creio que sim.

—E v. exc.ª?

Alvaro ficou suspenso, e balbuciou depois:

— Eu... eu... naturalmente...

— Juntava a sua voz á opinião publica — interrompeu o padre — embora v. exc.ª não antipathisasse com os actos reprehensiveis de minha sobrinha.

— Assim é sempre — disse Silveira, com uma forçada resolução.

— E assim será sempre, porque ha um juiz incorruptivel, chamado a «verdade». As sentenças d'este juiz, embora fulminem as paixões desatinadas, são sempre recebidas, senão pelo espirito de uma sociedade gasta e immorigerada, ao menos por a consciencia d'essa sociedade. Ora a innocencia é invulneravel ao contagio da corrupção, como a lampada do templo ás exhalações pestilenciosas dos tumulos. A consciencia é o pregoeiro das sentenças que a verdade profere, e v. exc.ª, insensivelmente, apregôa. Será necessario eu dizer-lhe que sentimento é esse que se serve de v. exc.ª como de uma maquina para se exprimir? É a virtude, snr. Alvaro, é a virtude que faz realçar os dons de minha sobrinha, que lhe dá a soberania de um anjo, que o crime não póde encarar sem curvar-se servilmente: é a virtude, galardão ao principio do bem, que triumpha na lucta incessante com o principio do mal. A verdade não se desmente, porque é o Evangelho identificado nos corações, e Christo ha dezoito seculos, encarnado na humanidade...

Alvaro parecia alegrar-se conforme ia perdendo o terreno, diante de um tão generoso como irrespondivel adversario. Como se anciasse pela continuação da resposta do padre, quando este se calou, tambem Alvaro não teve uma syllaba, das que se pedem á «philosophia» irreconciliavel, para responder.

— Crê na virtude, snr. Silveira? — perguntou o padre com summa bondade e modestia.

— Tinham-me dito que o crime e a virtude eram relativos — respondeu o mancebo com ar de quem desacredita as doutrinas de um mestre que respeita.

— Tinham-lhe dito, senhor, que a consciencia universal era uma mentira. Mentiram-lhe cruelmente, porque v. exc.ª não podia, sem horror, encarar um filho que

matou seu pae; um homem que trahiu seu bemfeitor; um juiz que entregou um innocente ao carrasco; um seductor que atou uma pobre mulher a um poste de ignominia eterna. V. exc.ª não póde, com indifferença, apertar a mão a este homem, não é assim?

— De certo: eu sou um extravagante, um vicioso, mas detesto infamias...

— Que todo o mundo detesta; mas o mundo onde a luz da verdade venceu as trevas do erro, que a palavra do Christo condemnou.

— Mas diga-me v. s.ª... não dizem que ha paizes onde os paes matam os filhos, e os filhos os paes, legalmente?

— Houve, e haverá ainda. Mas sabe v. exc.ª o que é permittido ahi pela lei? É justamente o que é reprovado pelo christianismo.

— Mas a consciencia não se revolta contra taes actos sem que seja preciso que o christianismo os declare criminosos?

— Revolta, sim. Quando as virgens indianas se lançavam nos tumulos dos maridos, ou nas fogueiras legalmente accesas, as lagrimas, vencendo a coragem da superstição religiosa, desciam nas faces de uma familia, que seria injuriada se não cedesse em holocausto a desgraçada viuva. Os gritos d'esta eram os gritos da consciencia contra a lei barbara; eram a adivinhação da verdade annunciada pelo Filho de Deus. Os filhos, que matavam os paes, eram algozes que a lei fizera, como entre nós a lei faz um carrasco. Poderemos nós argumentar contra a piedade, contra a virtude, e contra o amor, porque um justiçado morre entre os braços de um homem, que executa a sentença de um juiz!? Persuade-se alguem que o homicidio legal, na consciencia do algoz, é um acto de amor e caridade?

— Penso, que não.

— Pois bem, snr. Silveira; respeite a sua propria dignidade, já que os homens sem crença, sem Deus, e sem esperança, lh'a quizeram aviltar, dizendo-lhe que o crime e a virtude são relativos...

Frei Antonio fez menção de levantar-se e continuou:

— Tenho-o talvez privado dos seus divertimentos...

—Não, senhor... pelo contrario tem-me dado momentos de muita satisfação...

—Encho-me de prazer, se o consegui... E como tenho a honra de ser hospede de v. exc.ª...

—Mestre...—interrompeu Alvaro com alegria sincera.

—Não posso aceitar esse lisongeiro titulo;—*amigo*, se v. exc.ª me quizer honrar com este quasi parentesco.

—Não me embaraça... Tenho muito prazer em que esteja...— disse Alvaro, apertando-lhe cordialmente a mão.

—Tenho obrigações a cumprir para com Deus: não faltará tempo proveitoso para os meus deveres com o proximo. Não sabe v. exc.ª que os padres tem um breviario, que a cada hora do dia lhes recorda o dever de orar por aquelles, que não cedem alguns minutos á oração? Filhos de Deus, pedimos uns pelos outros; e Jesus Christo beneficiou-nos com a riqueza da prece, com este patrimonio commum a todos os irmãos... E não é isto uma consolação para os que são atheus por contagio, e não por convicções; fanaticos e supersticiosos por ignorancia e por estupidez?

—A respeito de atheismo... tenho... minhas... dúvidas...—disse Alvaro com palavras entrecortadas por aquella pausa emphatica, semelhante á ironia dos sabios, segundo a moda.

—Pois bem... Temos zelo e vontade para acertarmos... Deus ha de conceder-nos o tempo, que é o desengano de todas as dúvidas... Até outra occasião...

E retirou-se contra os desejos de Alvaro. Mas frei Antonio conhecia o coração do homem. Chamára-o Deus para uma empreza trabalhosa. A força descia-lhe do céo. Não era em si que elle confiava.

XII

Mal o padre saíra, entrou Gonçalo da Silveira. Era o pae que procurava o filho: cumprimentou-o com a sua habitual frieza; mas o que de outras vezes era proposito,

poderia então suppor-se distracção. Alvaro, absorvido nos seus pensamentos, quaesquer que elles fossem, parecia meditar uma das suas heroicas façanhas, sobresaltado, como quem recúa diante de algum perigo assustador. Julgára-o assim o pae, e julgal-o-hiam assim os domesticos, e os cumplices, e elle proprio, talvez, se se visse em um espelho.

— Que tens?... pareces-me somnambulo!? — disse o pae.

E Alvaro affavelmente respondeu:

— Pelo contrario: estou acordadissimo... muito acordado, penso eu.

— Fallaste com o egresso?

— Sim, senhor.

— Que te pareceu?

— Um homem bom, virtuoso e extraordinario.

— E realmente... que a virtude tornou-se em nossos dias uma apparição extraordinaria e milagrosa... Gostaste d'elle?

— Quem me dera ser o que elle é...

— Isso é que é extraordinario, meu filho — exclamou o velho.

— Amar um bem, que não podemos possuir, é tão proprio do homem... Que acha o pae de extraordinario n'este meu desejo?

— Muito, muito, meu caro Alvaro!... Tu hontem não fallavas assim...

— Tambem meu pae não amava a formosura de minha mãe, antes de conhecel-a... A virtude é como a virgem, que um homem estragado vê na vertigem de uma orgia, mas não póde amal-a sem aproximar-se realmente do original d'essa sombra phantastica. Sabe meu pae o que eu amo em padre Antonio? É a transparencia d'aquella face, que deixa ver um bello coração. Amo-lhe a paz, a firmeza, a confiança com que censura os crimes, sem irritar o amor proprio do criminoso. Amo-lhe a independencia com que falla, e a soberania com que responde. Parece que Deus o manda fallar! É um bello caracter! A sociedade, se conhecesse este homem, adorava-o!

O jubilo de Gonçalo da Silveira era um delirio. Parece que lhe não ouvira as ultimas palavras. A emoção sublimára-se até ás lagrimas. Alvaro, tocado por uma scena, que nunca elle se julgára capaz de estimular, recebera seu pae nos braços, com vehemencia, com transporte, com amor de filho, sentimento para elle novo!

XIII

Do abalo á conversão vae um grande espaço, eriçado de espinhos, que, primeiro, medram nas lagrimas, e, no fim, se transformam em flores.

Amar a virtude não é esposal-a. Rainha de dois mundos, com formosura immortal, a sua posse custa muitos sacrificios. No estrado do seu throno pisam-se as paixões do mundo. Os labios, que a saudam, devem ter sido abrazados pela oração contrita. Os olhos, que a contemplam, devem ter sido manancial de lagrimas purificadoras das máculas hediondas do vicio.

Mas ha muito que soffrer desde o amor á posse.

Alvaro da Silveira enamorou-se do anjo do bem, que lhe transluzira de entre a nuvem com que o ministro de Deus lhe escondia um novo mundo. Agitára-se-lhe o sangue no coração, e, no scepticismo, a esperança, que é a vida do espirito. Sentia-se com mais vida, mais alentos, e ideias novas. Aprendera a pensar. Mas o pensamento é o gerador das convicções; e as convicções são absolutamente um dom exclusivo da verdade; e a verdade é a perpetua conversação de Deus com o homem. Para Alvaro existia Deus!

XIV

A incredulidade tem um sorriso de escarneo para estas transfigurações. Erma do coração, e fistulada nas

entranhas pela podridão do epicurismo, ri-se, ri-se, ri-se, como um demente, a quem ninguem contesta o direito de rir.

XV

Frei Antonio dos Anjos concluira a sua reza. Gonçalo da Silveira esperava anciosamente o ensejo de poder visital-o. Mal ouviu passadas no quarto, entrou. Riam-se-lhe as feições, e pulava-lhe o coração na face. O sacerdote achou-se entre os braços do velho pae, que soluçava expressões de reconhecimento.

O padre maravilhava-se.

— Pois a que devo eu esta commoção de agradecimentos?—perguntava elle enternecido.

— Salvou meu filho! — exclamava o fidalgo, beijando-lhe as mãos — Amenisou-me a velhice... Deu-me um bom fim de vida, e uma boa morte. Vós arrancastes meu filho do máu caminho.

Era bem justificado o pasmo de frei Antonio! Gonçalo da Silveira contára-lhe o que vinha de passar com Alvaro. Exagerára, talvez, as suas expressões, as palavras do filho, os elogios do mestre, e as esperanças da sua boa alma. Frei Antonio, que não podia attribuir-se a rapida mudança do neophyto, agradecia tacitamente a Deus o raio luminoso de graça que fizera baixar ao coração escuro do convertido. Depois, quando a commoção do contentamento serenou em Silveira, o padre, magestoso como um propheta, apontou para um crucifixo.

— É alli! — exclamou com uma voz vibrante e pathetica — É alli, que v. exc.ª deve ajoelhar, e agradecer.

Gonçalo da Silveira ajoelhou. Pouco mais atraz ajoelhára o padre.

O lance era sublime, como o que ha de mais sublime debaixo do céo. Adorar com mais fervor, só os anjos na presença immediata do Altissimo!

Alvaro entrava no quarto do padre, cuja porta ficára meio aberta. Ao ver seu pae n'aquella postura estranha,

e, mais atraz, o vulto immovel do levita, recuou maquinalmente.

Que sentimento o fez recuar? Não saberia elle dizel-o! Susteve-se irresoluto. Ergueram-se os que oravam, e ambos olhavam para a porta. Viram Alvaro, que parecia ceder ao pejo. Pejo! um tal sentimento nas faces petrificadas pelo gêlo da libertinagem! Pejo! no mancebo, que se vangloriava de um cynismo inalteravel!

— Não quer entrar na sua casa, snr. Alvaro?— perguntou frei Antonio, collocando-se cortezmente fóra da porta do quarto.

—Vim perturbal-o...— murmurou Alvaro, hesitando entrar.

— Não era possivel... — O espirito quanto mais se avizinha de Deus, menos cede ás perturbações... Nós oravamos com fé e ardor. E, demais, a entrada de v. exc.ª não podia distrahir-nos para mal.

Alvaro tinha entrado.

Agitou-se uma conversação variada entre as tres pessoas. Frei Antonio, que vivera na casa do agricultor nas provincias do norte, fallava de agricultura. Gonçalo parecia versado n'este ramo, e applaudia os melhoramentos, a quem elle devia um duplicado rendimento de suas grandes propriedades. Alvaro escutava, pela primeira vez, um discurso serio, especialmente sobre agricultura, que elle ignorava desde a estação das sementeiras á das colheitas. E não parecia enfastiado, comquanto guardasse um justificado silencio na materia.

Era já outra a conversa. Frei Antonio estudava a maneira de entreter a attenção do discipulo. Fallou d'esta litteratura amena, que se tornou universal por ser perigosa, por ser destruidora dos costumes, e dos estudos serios. Fallou de romances, como fallaria de livros canonicos.

Conhecia-os como um vigilante examinador da origem da immoralidade. Alvaro conhecia alguns e honrava-os com a posse privilegiada de uma pequena estante que decorava o seu quarto. Frei Antonio reparava nas encadernações de marroquim douradas, e nos titulos com que os licenciosos *Paulo de Cock* e *Pigault Lebrun* as-

signalaram os seus thesouros de libertinagem, escandalos da pervertida arte de imprimir.

Alvaro, que não podia impugnar os argumentos do padre, e tivera a louvavel modestia de ouvil-o apenas, não quiz deixar-lhe plena gloria de triumpho, sem uma observação que elle julgava um golpe certeiro.

— Mas sua sobrinha — diz elle — é romantica...

— Que é ser minha sobrinha romantica?— atalhou o padre, sorrindo.

— Lê romances, escreve romances, pensa como nos romances... emfim, não vive, nem falla, como a maior parte das mulheres...

— Ora ahi está uma definição de mestre! — disse o padre, soltando uma rizada, que pareceria um motejo, se não fosse sua.— O romancista deve ser uma cousa bem extraordinaria! — proseguiu elle, batendo levemente no hombro do discipulo.— Quem me parece romantico, segundo a arte, é v. exc.ª, snr. Alvaro.

— Eu!?— interrompeu Alvaro com innocente admiração.

— Sim, meu caro senhor. Não póde assim fazer-se uma ideia tão singular de uma pobre rapariga, sem contemplal-a pelos olhos de uma imaginação maravilhosa! Minha sobrinha é uma artista, que trabalha muito para sustentar-se e vestir-se. Ora isto é muito positivo, muito trivial, muito commum com a vida dos pobres, onde nunca entrou a palavra romance. Minha sobrinha nas horas furtadas ao trabalho lê os livros que eu escolhi para a sua cultura espiritual, mas todos elles conselheiros da virtude, da probidade, da paciencia e do temor de Deus. A sciencia profana, que eu affeiçoei ás necessidades do seu espirito, é muito pouca, porque, se fosse muita, seria um desperdicio de tempo e de canceira inutil. A sciencia de ser boa filha, boa esposa, e boa mãe, limita-se a muito poucas regras; e uma mulher não precisa outra sciencia. Minha sobrinha não leu ainda romances. Sabe que existem enredos torpes, escriptos em bella linguagem, como os cadaveres fétidos envoltos nos velludos prateados da eça; mas os seus dedos não levantaram ainda esse envoltorio de podridão. Minha sobrinha falla

esta linguagem, senão geral, a melhor que os filhos podem aprender para fallarem a seus paes, porque minha sobrinha conhece apenas o metal da voz da sua familia... É isto o que v. exc.ª chama «mulher romantica»?

Alvaro demorou a resposta.

— Eu pensava — balbuciou elle — outra cousa:.. O mundo engana-se muito nos seus juizos.

— Pois — tornou o padre com tristeza — que juizos são os do mundo a respeito d'ella?

— Eu lhe digo... O mundo chama romantica uma mulher, como muitas mulheres, que os romances nos pintam. Por exemplo: uma virgem, que vive em um sonho continuado; que vê anjos onde as mulheres prosaicas não vêem nada; que scisma em contínuas tristezas; ao lado das que vivem em uma contínua gargalhada; que busca a solidão, encosta a face pallida á mão direita, como a estatua de melancolia, e se devora incessantemente sem poder explicar o motivo por que se devora. É o ideal que a mata; é a febre de uma paixão indefinivel que a consome, é a esperança de um sonho, de que não acorda; é, finalmente, a poesia, o romanticismo...

Frei Antonio ouvira religiosamente este harmonico de palavras, que algumas vezes lhe pareceram desapegadas, e vazias de sentido. Respeitador das conveniencias, fez calar a verdade austera, que o mandava pedir uma definição logica de todo aquelle espiritualismo, de toda aquella linguagem refolhuda. Absteve-se da sua auctoridade, e transigiu discretamente.

— Serão esses — diz elle — os predicados da mulher romantica; mas o que eu posso conscienciosamente asseverar a v. exc.ª, é que minha sobrinha está tão longe de ser romantica, quão longe de comprehender a definição que o meu amigo acaba de dar.

XVI

Duas occorrencias vieram interromper a prática: um creado, entregando uma carta a frei Antonio dos Anjos;

outro, participando a chegada do snr. conde de * * *, que procurava Alvaro da Silveira. Este fez um gesto de enfado, e saíu. Aquelle pediu licença, e abriu a carta. Gonçalo da Silveira retirou-se menos alegre, mas esperançado na mudança de seu filho.

Emquanto o padre lê a carta, entremos no quarto de Alvaro.

XVII

O conde de * * * era um homem de trinta annos, typo da galhardia na libertinagem, esbelto, gentil, apesar de resequido, na face, por certa aridez da dissolução, que requeima o corpo, ao passo que o viço da alma vae fenecendo.

O açor, pairando sobre a avezinha desprevenida, apenas viu que um rapaz de quinze annos transpozera o limiar do grande mundo, abateu o vôo, aferrou-o com as garras das paixões licenciosas, e desappareceu com a prêza através de uma atmosphera, onde o veneno se respirava pelo filtro do prazer. Alvaro da Silveira foi á prêza.

Muitos dos mais apontados em certa sociedade libertina de Lisboa, mescla de beaterio, hypocrisia, e despejo, quando viram Alvaro da Silveira ligado ao conde de * * *, disseram: «está perdido»! E quem o não diria?

O conde tinha uma instrucção mediana, que pozera ao serviço da sua immoralidade. No seu principio, quando, a favor do seu nascimento, era bem recebido nos salões de Lisboa, o conde insultava graciosamente a sã religião e a piedade. Lera com pertinacia alguns d'esses livros immoraes e grosseiros aos vinte annos, para grangear um bom cabedal de motejos contra a religião, e emancipar-se com elles de uma leitura a que sacrificava as longas horas da noite, como um sobrinho que se violenta, em noite de orgia, a ficar em casa com o velho tio, porque é esse o preço de uma herança, que deve, á farta, indemnisal-o depois.

Aos vinte e cinco annos sabia tudo o que era preciso

para insultar a Deus em nome de uma sciencia impia. Apostolo infatigavel da immoralidade, não respeitava sexo, nem idade, quando vibrava a ironia pungente, como uma frecha de fogo, ao seio da moral christã. A donzellas, a mães, a crianças, a velhas, a religiosas, e a devassas, fallava sempre no mesmo estylo. Se acontecia ser mal recebido, assumia uma auctoridade pedagogica, dava-se um ar de respeito, e justificava o que dissera em tom de mofa, discursando contra o christianismo, que elle dizia sepultado para sempre no tumulo que lhe abrira a sciencia.

Alvaro da Silveira descreu espontaneamente. Não deu trabalho ao companheiro, nem quiz profundar uma questão que lhe não importava. A negação formal era a ultima palavra da impiedade constituida sciencia. A Alvaro bastava-lhe saber essa ultima palavra.

Todavia, a assiduidade da companhia, e o habito de escutar o seu amigo em polemicas, animadas pela fé de uma parte, e da outra pelo orgulho, deixaram-lhe uma tintura scientifica de atheismo.

Alvaro não recebera de seus paes educação religiosa. Esta falta desmentia a classe d'onde viera. A jerarchia dos brazões em Portugal, comquanto viciosa, parece gloriar-se com o seu privilegio de fé e de virtudes christãs... *extra-muros*. A educação ahi é mais religiosa que scientifica: é mais para Deus que para o mundo. Não é milagre encontrar cá fóra o representante de oito seculos de heroes virtuosos e bravos, enxovalhando-se na lama das cobardias e das torpezas: mas raro encontrareis, no collo materno, uma criança de sangue *illustre*, como lá se diz, cuja primeira palavra articulada não seja Deus.

Alvaro da Silveira era uma excepção; o instrumento — quem sabe? — de um acto providencial.

XVIII

Os esplendidos festins da depravação não se fechavam para alguem. Ponto era que o conviva fosse bem apre-

sentado, e fechasse os labios da critica com mordaça de ouro. Já sabeis que Alvaro era rico, e quem o levou pela mão até o ultimo degráu da escala da immoralidade, fora um conde tão rico, e tão nobre como elle.

Este homem pavoneava-se de ter conquistado um nome, que exprimia uma seita. Chamavam-lhe cynico, e elle gloriava-se do nome. A sociedade nunca o maltratára, mas elle dizia que tinha uma vingança solemne a tirar da sociedade. Algoz da honra de muitas familias, a sua guilhotina era a calumnia, quando não podia mostrar as mãos salpicadas do sangue das victimas. Velava alta noite a porta de um amigo, que o recebera de dia, para que os passageiros ao vêl-o, o considerassem amante de sua irmã. Quando o murmurio do descredito chegava aos ouvidos de um pae, que rejeitava a mão do traidor que o visitava, o conde não tinha dúvida em offerecer galhardamente a esse pae uma pistola, ou um florete. Se o ancião recuava diante da morte, ou da ideia do abandono em que ficava sua familia, o cynico ria-se-lhe na face, e chamava-lhe *cobarde*, nas praças, ou nos salões.

Assim como conduzira pela mão Alvaro da Silveira ás bacchanaes, mais de uma virgem fora conduzida por elle á ultima estação da licença. E, depois, o maldito de Deus e dos homens aprazia-se de contemplar o desenfreamento d'essas mulheres, como se fossem feras restituidas á sua liberdade.

Estas linhas, esboçadas á pressa e com repugnancia, traçam a physionomia moral do conde, que entrára para o quarto de Alvaro da Silveira.

XIX

A carta que frei Antonio recebera, era de sua sobrinha. Era este o seu conteúdo:

«Pedi licença a meus paes para escrever-lhe, meu caro tio, e sorriram á minha súpplica. Como não pude adormecer a noite passada, trabalhei e conclui a ultima encommenda de flores que tinha. Graças ao Senhor, já vie-

ram novas encommendas; mas eu sinto-me fatigada dos braços, e não posso continuar. No espirito sinto eu muita vida, e não posso nem quero vencer esta consoladora força que o impelle para meu tio. Penso que o não verei hoje; mas... cedi agora á maneira commum de se exprimir a gente... eu vejo meu tio em todos os instantes e logares... Deixa-me escrever uma verdade, que não teria forças de dizer-lhe?... Deus quer que meu tio seja o prisma por onde eu devo contemplal-o. Será isto uma fraqueza de razão, ou uma liberdade peccaminosa? Peccado seria eu calar este pensamento, que o meu querido mestre póde reprehender-me.

«Estou triste, como ha pouco. Eu adivinho alguma infelicidade. Sinto-me com tanta coragem para ella!... Mas a natureza humana, e especialmente o espirito de mulher, e especialmente o meu espirito é muito fraco. Espero tanto em Deus!... tanto em Maria Santissima!... e parece que uma voz, nem humana nem divina, me diz que fuja, que trema, que recue ao combate do infortunio contra a paciencia! Muito triste é isto, meu caro tio! A minha vida tem faltas, que eu devo expiar? Por que m'as não dizem, se me amam?!

«Persigo-o muito, eu bem o sei! Não o deixo em paz, quando tão necessaria lhe é para estudar a grande lucta em que está empenhado! Não sei as forças do seu discipulo, mas eu admiro mais a conversão de Santo Agostinho, que as victorias de Alexandre. Aqui estou eu a fazer-me vaidosa e sábia diante de meu tio, que tambem conhece a minha humilde ignorancia!... E que estou afeita a conversarmos como escrevo.

«E a minha melancolia? E os meus versos? Nem me disse se tinham as syllabas todas, ou quantas deviam ter mais! Nem valia a pena... Adeus, meu extremoso amigo! Meu pae, e minha mãe, e meus irmãos estão muito saudosos. Não se esqueça um instante da sua familia, que o ama tanto como a sua sobrinha

Maria.»

— Coitadinha!... — murmurou padre Antonio, dobrando a carta — És um anjo!

XX

O conde tomára uma postura comica de pasmo, quando Alvaro entrou no quarto. Alguma cousa o impressionára; mas em homens taes as impressões são fugitivas, e frouxas, porque não ha ahi enthusiasmo, nem grandeza n'essas almas caídas do sublime para o raso dos sentimentos grosseiros e triviaes.

O procedimento do seu amigo devia maravilhal-o. Era extraordinario! Apenas entrou no quarto, Alvaro estendera-lhe friamente a mão, e mandára-o sentar-se com um gesto, muito significativo de fastio. Que o hospede lhe era aborrecido, bem o denunciava elle no franzir da testa, onde por força vem á luz da physionomia sentimentos que a delicadeza quizera algumas vezes abafar.

—Doe-te a cabeça?—perguntou o conde.

—Não... doe-me o espirito—respondeu Alvaro.

—As dores do espirito matam-se com *espirito*... mas é de vinho... Bebe... Obriga a materia a pensar de outra maneira, como diz *Rousseau.*

—E diz *Rousseau* que a materia pensa?—perguntou Alvaro, com um sorriso motejador.

—Que dúvida!... A materia organisada, chamada homem, é uma cousa que pensa. Quando pensa mal, isto é, quando nos apoquenta, modifica-se a materia, imprimindo-lhe uma acção nova. A maneira de modifical-a é simplicissima. Disseste que estavas triste, não é verdade?

—Sim.

—Pois bem: bebe cognac, come fiambre, afoga-o em vinho de Setubal, que é de mais a mais um triumpho patriotico sobre o *Champagne* e o *Bordeus.* Seja o que for, o bolo alimenticio, que alojas no estomago, é materia: esta, posta em contacto com a materia que pensa, altera-a; e d'esta alteração chimica e physiologica resulta um novo sêr pensante, uma solemne pirraça á tristeza.

O conde esperava merecer uma risada com a sua dis-

saborida theoria. Foi para elle uma segunda surpreza o silencio de Alvaro da Silveira. N'este silencio transparecia o desprezo a que nos movem as chufas desengraçadas de um truão, *invicta Minerva*, que nos enoja, quando pensa recreiar-nos. O conde não estava afeito a estas decepções. O orgulho doía-se. Alvaro seria o ultimo de quem elle devia esperar um máu acolhimento.

— Agora vejo eu — disse elle, contrafazendo o pejo, que mais acertadamente chamariamos *despejo*. — Agora vejo eu, que o teu cerebro de hoje conspira contra a tua felicidade de hontem... Que tens tu, mancebo gentil?! A briza da noite desfolhou-te a rosa, que te embalsamava o olfato do coração? Sonhaste alguma virgem de olhos garços, que não podeste realisar em materia corrente e sonante n'estes reinos?

Alvaro, nem um sorriso! Era de mais para *tanto espirito!* O conde só agora comprehendeu que os seus ditos causticavam a paciencia do discipulo. Este, apesar de molestado, não queria ser incivil. O predominio do conde sobre o seu genio não estava inteiramente extincto. Era-lhe necessario justificar-se de algum modo. Qualquer evasiva podia servir-lhe; mas a transfiguração do seu caracter, n'aquelle momento, não lhe permittia uma mentira. Bem podera Alvaro queixar-se de um padecimento physico, e tinha bem justificada a sua indolencia para as caricias folgazans do conde; mas não o fez assim, e, se consultarmos o coração humano, ouviremos um applauso á franqueza que depois ostenta Alvaro. É que, se, porventura, um sentimento novo acorda em nós desejos bons, o primeiro d'esses desejos é communicar aos outros uma felicidade, que tanto menos egoista, tanto mais perfeita se nos afigura. A passagem da indifferença para a observancia da religião revela-se sempre com esses symptomas. O zelo de um neophyto manifesta-se mais corajoso e ardente, que o apostolado de um orador feito, e encanecido em desalojar a impiedade dos seus ultimos reductos. E, depois, no espirito illuminado pela effusão rapida e imperceptivel da graça divina, ha um desejo forte, uma vaidade santa de attrahir espiritos contumazes, de curvar joelhos arrogantes, e de vencer razões, cuja

pertinacia nos parece impossivel na presença dos argumentos que humilhàram a nossa. O que então se dá na alma, é uma paixão sublime. A eloquencia do que falla, convicto de verdades que lhe promettem uma aspiração immortal, parece um emprestimo da linguagem dos anjos. Eil-os ahi, de repente, credulos, os apostolos, que estendiam ha pouco as redes no lago de Gethsemani, e surgem agora entre os interpretes da lei, nas praças da Galiléa, fallando linguas que nunca ouviram.

XXI

Alvaro da Silveira sentira-se capaz de converter um impio. Ha pouco, ainda, balbuciára as primeiras palavras de fé, e crê-se já robusto para vibrar a funda contra o gigante do materialismo, cuja arrogancia não vencem forças de homem, sem o impulso divino, que arrojára a pedra, que prostrou o gigante philisteu.

—Que tens tu?—repetiu o conde.

—O que eu tenho—respondeu Alvaro—é o desejo de um amigo; mas queria um amigo, que nascesse n'este momento, e em um momento me comprehendesse. Não podes avaliar-me, conde. Se podesses, ser-te-hia bastante uma só palavra...

—Pois bem,—replicou o conde—diz ao menos essa palavra... ou diz sequer tres palavras conceituosas como as de Cesar...

—Ora attende-me. Tendo nós vivido sempre juntos, nunca me persuadi que podesse estar tão longe de ti como estou agora.

—Serás tu romantico?!—atalhou o conde, dando-se uns ares grutescos de espanto.

—Se ouvisses—tornou Alvaro, sorrindo—a definição que ha pouco ouvi do que é ser romantico, e se concordasses com ella, respondia-te que estava romantico.

—Pois quem anda cá por casa a dar definições? Teu pae deu agora n'essa?

— Não foi meu pae... Meu pae o que soube foi definir a minha posição.

— Apre! estás mysterioso como o boi Ápis! Vou-me embora, que não sei ler jeroglyphicos humanos. Palavra de honra! Soletra lá o conceito d'essa charada, do contrario vou-te mandar preparar quarto na enfermaria de S. José.

— Então queres saber quem define os homens e as cousas cá em casa?

— Quero conhecer esse escolastico; deve ser um monstro de paciencia humana!

— É um padre!

— Um padre?— exclamou o conde, erguendo-se, e apertando as mãos á cabeça — um padre em casa de Alvaro da Silveira! Malagrida em 1844 a fazer exercicios espirituaes contra os exercicios da materia!...

XXII

N'este momento abriu-se a porta do quarto. Os que a abriram eram o pae de Alvaro e frei Antonio dos Anjos.

A presença do sacerdote devia augmentar o pasmo comico do conde; mas a impressão foi diversa. Este homem do grande mundo perdia muito da sua altivez sarcastica, se não tinha em redor de si um rancho que lhe applaudisse as chufas. A unica pessoa de sua confiança, n'aquelle momento, era Alvaro, mas este apostata do «grande tom» não era hoje o homem de hontem. E, portanto, o desenvolto conde na presença do padre sentiu-se embaraçado, como devera sentir-se o padre na presença de tres cavalheiros da força moral do conde.

Frei Antonio dirigiu sua humilde saudação ao cavalheiro, que não conhecia. Alvaro apresentando-lh'o, disse:

— Tenho a honra de apresentar-lhe o meu amigo con-

de ***. É mais velho que eu, mas posso dizer afoutamente que sabe menos que eu da verdadeira sciencia.

— A verdadeira sciencia — disse o padre — é um exclusivo de Deus, e não tem academias cá na terra.

— Concordo absolutamente na negativa — disse emphaticamente o conde.

— Então em que é que concordas? — perguntou Alvaro.

— Em que não se sabe nada a respeito da verdadeira sciencia.

— E em que é que não concorda, senhor? — interrompeu frei Antonio, com risonha benevolencia.

— No exclusivo divino, em que vossa reverendissima monopolisa a sciencia — respondeu o conde, sorrindo sardonicamente á palavra *reverendissima*.

— Não me parecem respeitosas as palavras da resposta, — retorquiu o padre — mas nem por isso hesitarei em fazer-me comprehender melhor, para depois avaliar a opinião de v. exc.ª Quando eu disse que a verdadeira sciencia era um exclusivo de Deus, poderia fazer-me entender melhor se dissesse que o objecto do estudo, que promettia consequencias seguras de principios certos, é Deus. Se v. exc.ª quizer insistir na primeira intelligencia que deu ás minhas palavras «que a verdadeira sciencia é um exclusivo da divindade, porque só Deus é omnipotente...»

— Assim reza a cartilha do padre Ignacio — interrompeu o conde com acatamento ironico.

— É verdade, — replicou o padre — a cartilha do padre Ignacio, que v. exc.ª citou em ar de mofa, assim o diz, e deve dizel-o, porque essa cartilha, por onde estudam os meninos, contém as verdades eternas como ellas foram recebidas pelos sabios e illustrados doutores da igreja. E como é possivel que não sôe bem aos ouvidos de v. exc.ª esta minha linguagem, buscada de emprestimo na cartilha do padre Ignacio, eu não poderei, fallando-lhe a sciencia de Deus, empregar os termos que a falsa philosophia emprega contra Deus.

— V. s.ª faz uma grave injustiça á philosophia. Sem

a philosophia — disse o conde, assumindo um ar de séria profundidade — sem a philosophia não poderiam os padres da seita christã seduzir o espirito dos homens, a ponto de convencer alguns, menos reflectidos, da divindade do christianismo.

— E portanto — acudiu o padre — deixe-me v. exc.ª concluir que a philosophia é uma mentira, por isso que os padres da seita christã, como v. exc.ª gratuitamente appellida a igreja catholica, se serviram d'ella astuciosamente para convencer os menos reflectidos. Ora pergunto eu agora: quaes são os mais reflectidos?

— São os que vêem as cousas pelos olhos de uma razão illustrada!

— Mas a razão illustrada não é a philosophia?

— É.

— Logo a razão illustrada é uma mentira, por isso que a philosophia é uma mentira, que seduz os menos reflectidos a julgarem divino o que não passa de uma humana impostura. Póde v. exc.ª elucidar-me n'esta grave questão, que não vem resolvida na cartilha de mestre Ignacio?

O conde embaraçado, e surprendido pela argumentação escolastica do padre, parecia engasgar-se em uma resposta, cuja frivolidade estava bem denunciada no rubor que lhe subia á face. Este rubor era a arrogancia despeitada. Frei Antonio, repeso de assolar tão cêdo o fragil edificio do seu adversario, remediou o mal que, segundo a sua humildade, tinha feito, dando elle proprio a mão ao fraco contendor.

— Estou como v. exc.ª persuadido — disse elle — que ha uma philosophia, á qual faria grave injustiça se não dissesse que muito lhe devemos, por nos ter aplanado algumas difficuldades em sciencia. Estas difficuldades vencidas serviram a casa de Deus, e confirmaram verdades claras que a razão humana julgára mysterios. Citar-lhe-hei um exemplo. Ha um seculo escreveu-se contra o christianismo, e disse-se que a religião assim chamada era um encadeamento de embustes desde Moysés até Jesus Christo, desde o *Genesis* até o *Evangelho*. Os que assim escreviam eram philosophos, snr. conde?

— De certo, porque os que assim escreveram foram Voltaire, de Alembert, de Holbac...

— E outros muitos, que não é força citar. Pois, senhor, esses reputados philosophos disseram que Moysés era uma impostura, por isso que a philosophia não podia consentir que a relação dos successos da creação do mundo, descripta no *Genesis*, fosse verdadeira. Passados annos, as academias scientificas, especialmente a sociedade de Calecut, expressamente organisada para testificar ou destruir o testemunho de Moysés, declara que é impossivel comprehender a cosmogonia, isto é, a formação do mundo, sem admittir as infalliveis bases de sciencia, escriptas ha cinco mil annos nos livros do povo hebreu. Agora pergunto eu se devemos julgar philosophos os primeiros, que negaram Moysés, ou os segundos, que, partindo das veredas da incredulidade para o caminho recto da sciencia, declararam, após cem annos de progresso em sciencias naturaes, que a narração de *Genesis* era a unica admissivel em verdadeira philosophia. Se acreditamos os primeiros, a sciencia é uma mentira, por isso que tanto mais progride, tanto mais se afasta da verdade. Se acreditamos os segundos, os primeiros eram os mentirosos, e portanto eu proclamarei a philosophia progressiva como aquella que conduz ao conhecimento de Deus, tanto quanto é possivel ás indagações da limitada razão do homem.

— A razão do homem não é limitada — retorquiu o conde.— Á razão do homem é que devemos o vasto terreno da sciencia, grangeado pelos esforços d'esses homens que conquistaram verdades axiomaticas sem as armas do *Evangelho*, e sem as esterilisadoras argucias da theologia. A razão do homem é amplissima e immensa como Deus, porque Deus é a razão.

— Não estamos já na questão que discutimos — tortou o padre.— V. exc.ª devia destruir os meus argumentos, provando-me que os verdadeiros philosophos eram os do seculo passado que desthronaram Moysés do seu prestigio de legislador inspirado directamente de Deus. Devia provar-me que a sciencia moderna, restaurando as tradições da historia antiga, e restituindo Moy-

sés ao patriarchado das primitivas verdades, era uma nova impostura, ou a continuação d'aquella sordida ignorancia que Voltaire combateu triumphantemente, segundo a maneira por que v. exc.ª vê as cousas. E, estando eu muito convencido da impossibilidade que v. exc.ª ha de encontrar em provar-me as theses que lhe apontei, vou responder á apologia que fez á razão do homem.

—Não ha dúvida que a razão humana procura todos os dias tirar, em sciencia, novas consequencias de velhos principios; e effectivamente esse incansavel trabalho do espirito humano, ancioso de progredir, tem conseguido tudo isto que nos maravilha nas sciencias e nas artes. Já vê v. exc.ª que eu concedo grandes fóros e sublimes honras á razão; mas, já que tão opulenta a considero, não terei escrupulo em pedir-lhe que me explique os principios de que ella tira as suas consequencias scientificas. Pedirei aos chimicos que me expliquem o seu grande principio axiomatico da «affinidade». Responde-me v. exc.ª em nome d'elles?

—Eu de certo não, porque ninguem soube dizer o que era affinidade.

—Não é tanto assim. Os chimicos dizem que a affinidade é a força que attrahe as moleculas de differente natureza. Respondem assim, porque observaram a combinação d'essas moleculas; mas queria eu que me fosse explicada a natureza d'essa força, o segredo d'esse movimento de corpos inertes, sem que a mão do homem lhe imprima tal movimento. É a «attracção», dizem os physicos; mas o que é a attracção? D'onde vem a força impulsiva que faz girar o globo que habitamos em redor de um outro globo, que não conhecemos?

—Não temos precisão de conhecer até á evidencia esses segredos da creação.

—Mas v. exc.ª concede que o Creador não os ignora?

—Seria um absurdo não o conceder.

—E a razão humana não póde conhecel-os?

—Já disse que não.

—Mas v. exc.ª disse que Deus é a razão humana! Eu sinto grandes difficuldades em combinar a sua these com as consequencias que se tiram d'ella. Se a razão

humana é Deus, o homem é forçosamente divino pela celeste razão que o illumina. Se o homem, com a sua razão, não póde profundar os segredos da creação, eu não posso conceder que Deus, pelo facto de modificar-se em «razão» unindo-se á humanidade, reservasse para si certos mysterios como «Deus», e cedesse a si proprio o conhecimento de certas e determinadas verdades como «razão».

— Não combinamos em principios, meu caro senhor, e d'ahi vem a desintelligencia em que estamos nas consequencias. Eu vou explicar-me com clareza: Eu digo que a razão do homem é uma emanação de Deus.

— Mas eu não entendo, snr. conde, o que é, e como se opéra essa emanação de Deus. Deus é indivisivel; Deus é inalteravel; Deus é immutavel. Não posso, por mais abstractas que sejam as minhas intuições, imaginar que a emanação de Deus não seja uma parte de Deus; e, portanto, não concebo como essa parte seja substancialmente diversa do todo. Deus considerado em si, segundo v. exc.ª, é omnisciente, e vê os segredos da sua obra: Deus, convertido em razão pelo effeito da emanação, segundo os mesmos principios, perde os attributos de Deus omnisciente, e restringe-se ao conhecimento de algumas verdades, por meio das quaes é impossivel conhecer os mysterios, que, ha perto de seis mil annos, os homens debalde tentam descortinar.

— Pois v. s.ª não admitte que todo o sêr creado é uma emanação de Deus?

— Não, senhor, não admitto.

— Essa é boa! Pois a creação não é uma producção de Deus?

— E a producção é porventura emanação? A estatua de barro, que sáe das mãos do esculptor, é uma emanação do esculptor? Deus incorporeo poderia materialisar-se nas massas inertes, que foram producto de sua omnipotencia, tanto como o homem, que foi feito á sua imagem?

— Ahi está um grande embaraço para mim. Não comprehendo como o homem corporeo foi feito pelo modelo de Deus incorporeo.

— A imagem de Deus, snr. conde, é a alma, não é o involucro material da alma. Memoria, vontade, intelligencia são os traços d'essa physionomia espiritual affeiçoada pelo typo divino. Attribuimos á memoria tudo o que sabemos, diz S. Bernardo, posto que esta sciencia não seja a causa de nossos pensamentos; attribuimos á intelligencia, e algumas vezes á memoria, tudo o que o pensamento nos mostra verdadeiro; imputamos á operação da vontade tudo o que reconhecemos ser bom e verdadeiro pelo soccorro da intelligencia. A memoria nos assemelha ao Pae, a intelligencia ao Filho, a vontade ao Espirito Santo. Seja-me permittido citar Santo Ambrosio, emquanto v. exc.ª invoca os textos de Voltaire. «Do mesmo modo que Deus, diz elle, creador do homem á sua semelhança, é caridoso, bom e justo, doce e soffredor, puro e misericordioso... assim o homem foi creado para possuir a caridade, ser bom e justo, doce e paciente, puro e misericordioso. Quanto mais o homem sente em si essas virtudes, mais se aproxima de Deus, e mais semelhança tem com elle. Mas, se ulcerado pelo crime e pelo vicio, elle se afasta e degenera d'esta nobre semelhança com o seu Creador, descerá á realidade d'estas palavras escriptas em predicção bem desgraçada: «O homem não comprehendeu a sua elevada posição; comparou-se aos irracionaes, e assemelhou-se a elles.»

— Parece-me muito metaphysica a sua explicação, snr. padre. Eu gosto da geometria em todas as demonstrações, e não admitto verdades sem evidencia mathematica. O seu Santo Ambrosio e S. Bernardo explicariam perfeitamente a semelhança do homem com o seu Creador, mas foi n'esses tempos em que fallavam ás turbas credulas, que juravam em suas palavras sem entendel-os. Hoje é muito perigoso esse assumpto, e não me consta que desde o seculo do grande Rei, desde Bossuet até Frayssinous, algum orador christão torture a intelligencia do seu auditorio, querendo á força persuadir-lhe que o homem foi creado á semelhança de Deus.

— V. exc.ª não tem obrigação de ter lido tudo; mas tambem não a tem de calumniar Bossuet. Se a memoria não me falha, eu lhe cito as palavras textuaes do grande

orador: «Façamos o homem; e, proferidas estas palavras, a imagem da Trindade appareceu. Ostenta-se luminosa na creatura racional: semelhante ao Pae tem o sêr; semelhante ao Filho tem a intelligencia; semelhante ao Espirito Santo tem o amor; semelhante ao Pae, e ao Filho, e ao Espirito Santo, tem, no seu sêr, na sua intelligencia, e no seu amor, uma mesma felicidade, uma mesma vida. Feliz creatura, e verdadeiramente semelhante, se ella se occupa unicamente d'elle! Então, perfeita no seu sêr, na sua intelligencia, e no seu amor, conhece quanto é, ama quanto conhece: seu sêr e suas operações são inseparaveis; Deus torna-se a perfeição do seu sêr; a nutrição immortal da sua intelligencia, e a vida do seu amor... Ditosa creatura, se sabe conservar a sua felicidade!»

— Esta é a doutrina de S. Bernardo, de Santo Ambrosio, de Bossuet, de Frayssinous, e de todos aquelles que bebem o leite da fé no seio da esposa de Jesus Christo.

— Não duvído; mas não comprehendo. O que eu sei é que repugna com a menos desenvolvida razão a semelhança espiritual do homem com Deus. Eu conheço homens tão degradados da honra, tão hediondos de crimes, que reputára-me blasphemo se os considerasse semelhantes no typo divino.

— Ha de ter paciencia de escutar-me com attenção de philosopho, se não póde prestar-me outra.

— A revelação figura-nos o homem, não só como o mais perfeito de todos os sêres animados, mas ainda como o rei da natureza, para o qual foram feitas todas as cousas. Por ella aprendemos que Deus fez o homem á sua imagem e semelhança, para que presidisse ao universo. Sabemos ainda que, depois de dar-lhe uma companheira, disse a ambos: «Crescei, multiplicae, enchei a terra da vossa posteridade, submettei a vossas leis tudo o que respira; pois tudo é feito para vós.» «Vós o fizestes senhor de todas as vossas obras! — exclama o psalmista — todos os entes vivos são submissos ao seu imperio, e destinados para seu uso.» É verdade que a escriptura varía a linguagem, quando lembra ao homem a sua construcção de terra, que em terra se tornará. As-

sim era necessario para suffocar os orgulhos do coração. Não é, porém, o longo viver sobre a terra que constitue a dignidade do homem. Não é sobre a terra que a felicidade lhe sairá ao encontro. Creado para Deus e para a eternidade, só no seio de Deus e no seio da eternidade poderá ser feliz d'esse gôso inalteravel que não se finda. É aqui onde começa a cadeia de objecções por parte da incredulidade. Nega primeiramente que o homem fosse feito á semelhança de Deus. Quem quizer, porém, convencer-se d'esta verdade, observe com attenção o modo como a alma exerce suas funcções, e o dominio que ella tem sobre o involucro de materia inerte, que lhe obedece. Consideremos a variedade infinita de nossas ideias, a rapidez com que ellas se formam, a communicação por intermedio da palavra, a fidelidade de nossa memoria, esse presentimento que raras vezes nos engana, tudo parece aproximar-nos da suprema intelligencia, que abraça de um lance o céo e a terra, as passadas, as presentes e as futuras revoluções da humanidade. A alma, quando furiosas paixões não a agitam, é capaz de reprimir seus desejos, de acalmar seus movimentos desordenados, de dirigir sua vontade, e ahi se observa uma, posto que imperfeita, imitação do imperio que Deus exerce sobre todos os sêres. O sentimento que ella tem de sua immortalidade, seu olhar penetrante nas profundidades do futuro, e suas esperanças anciosas além do tumulo, são indicações do seu destino, assignalado por Deus.

— Essa imagem de Deus — atalhou o conde — está bem degenerada; e, se o não está, Deus é um ente bem imperfeito.

— Concordo — tornou o padre — que não é muito semelhante esta imagem do homem imperfeito com o seu perfeito Creador; era-o, comtudo, no momento da creação; foi o peccado que o desfigurou. Mas se o homem degenerou por causa do peccado, lapso da sua innocencia primitiva, foi depois regenerado pelo sangue do Salvador, e, assim resgatado, tornou-se pela graça filho de Deus.

— O homem, no estado da innocencia, devia dominar-se, dominar as creaturas todas, e viver perfeitamente

com Deus, seu Creador. Eu quereria poder aqui especificar a substancia da alma, para satisfazer plenamente ás dúvidas do snr. conde, mas, se eu posso provar, que a sua espiritualidade está provada pela sua origem, devemos convir que tudo mais nos é desconhecido. Porque Deus soprou o barro que amassára, não se segue que a alma humana é uma porção da Divindade, como os antigos egypcios acreditavam: esta supposição levar-nos-hia ao pantheismo, de todos os systemas o mais insensato. Deus é um espirito, o espirito é indivisivel; e, recebendo cada homem no halito creador uma porção de Divindade, cada homem seria um Deus. O que devemos entender do sôpro de Deus não é uma emanação da substancia, mas sim a creação de uma substancia semelhante, isto é, espiritual, mas nunca identica ao Supremo Espirito.

— Não existe entre o corpo e essa substancia espiritual uma união real? — interrogou o conde.

— Certamente, existe, porque o corpo é o instrumento de que a alma se serve para obter o conhecimento dos objectos.

— Mas qual é a natureza d'essa união?

— Essa questão não póde ser solvida pelos homens: é um mysterio d'aquelles em que a Divindade se manifesta com mais magestade ao debil entendimento da humanidade. Se, porém, não é possivel chegar á ultima consequencia d'essa pergunta, não é difficil provar-lhe que uma tal união existe. A alma possue sobre o corpo a soberania e a independencia da vontade; rege-o pelo pensamento, sem comprehender a disposição dos orgãos que rege, e sem que perceba a potencia que move e anima as fibras. Sabe, porventura, v. exc.ª explicar-me a natureza de certas operações incognitas, que se passam em si? Sem a degradação produzida pelo peccado, este imperio da alma não acharia estorvos no seu exercicio; mas, no estado actual, a vontade é muitas vezes vencida pela resistencia dos sentidos.

— Pois bem — tornou o conde — eu ponho de parte a esteril pretensão de querer saber onde está a alma, e peço que me diga, snr. padre, que culpa tenho eu no

peccado de Adão, para estar pagando as suas dividas? Isto parece-me uma flagrante injustiça!

— Deus é soberanamente sabio, bom e misericordioso; disse-nos que o peccado de Adão era uma herança de culpa para todos os seus descendentes: devemos acreditál-o. São-nos desconhecidos os motivos d'esta responsabilidade; mas não se segue que possâmos, como ignorantes, alcunhar de injusto o Altissimo. N'este mundo ha alguma cousa semelhante. Diz-se que as faltas são pessoaes, e que a vergonha de uma acção criminosa deve só recaír n'aquelle que a pratíca. E, quando um crime estrondoso se dá, que é o que nós fazemos? perseguimos com odio e com desprezo o condemnado e a familia do condemnado, até lhe cortarmos os vinculos que a prendem á sociedade. Não quero dizer que Deus sinta estas repugnancias proprias dos homens, porque não sabemos o motivo porque elle produziu obras, que apenas podemos contemplar: o que dizemos é que Deus é infinito, eterno, e que a pena do peccado, para estar em proporção com a sua natureza, deve ser eterna e infinita. No estado de innocencia, o homem tinha a luz da sua intelligencia, e, degradado pela culpa, caíu nas trevas; de senhor absoluto da sua vontade tornou-se escravo dos sentidos; pelo repouso e felicidade, que possuia, trocou a tristeza e o tumultuar das paixões, que o infelicitaram: em logar da vida espiritual e eterna, encontrou a vida material e a morte.

O conde atalhou as razões do padre, espreguiçando-se rudemente, abrindo a bôca, esfregando os olhos, com a mais sensivel ostentação de escarneo.

Frei Antonio sorriu-se com bondade, e disse para o pae de Alvaro:

— Eis aqui como a philosophia do orgulho, esta rainha comica do mundo, responde aos que lhe perguntam pelos seus fóros de realeza...

— Não é isso, snr. padre — interrompeu o conde. — É que eu passei uma noite pouco orthodoxa, e não posso digerir o succo nutriente de sua theologia sem dormir algumas horas, para restabelecer a boa harmonia entre as funcções do entendimento e as dos sentidos. Bem

sabe v. s.ª que os apostolos dormiram, e mais era Christo quem lhes pediu que velassem. Ora eu não tenho a audacia de comparar-me a Cefas, e vossa reverencia não quer de certo tambem comparar-se ao Mestre... Meus caros senhores, a minha noite começa agora... Vou dormir, naturalmente sonharei com S. João Chrysostomo e S. Bernardo... Boas noites.

XXIII

As argucias galhofeiras do conde não agradaram a algum dos ouvintes. Alvaro pareceu vexar-se d'aquella despedida, mais insultuosa que engraçada, ao padre. Este, porém, supposto que vexado, não se denunciou pelo mais ligeiro gesto de enfadamento. A coragem para receber impassivel as ironias sarcasticas da incredulidade, déra-lh'a a desgraça; e aconselhára-lh'a a caridade.

Na ausencia do conde, Alvaro e seu pae esperavam do padre palavras resentidas; e maravilharam-se quando lhe ouviram dizer com profunda compaixão:

— O desgraçado precisa muito das orações de um justo!... Quem me dera sel-o, para que a luz do céo lhe descesse ao espirito, antes que o desalento do mundo lhe aconselhasse a religião como refugio das extremas desgraças da vida! Oh! quando isso acontecer... muito infeliz deve elle ter sido!...

Desde este momento apertaram-se os vinculos de piedade, de sympathia religiosa que prendiam Alvaro e o frade. O mancebo vira a vergonhosa retirada do seu antigo mestre de atheismo, e decidira-se de coração a favor do modesto triumpho do humilde padre. Como espirito illuminado pela fé, Alvaro precisava formar a sua razão pelos elementos de uma philosophia que frei Antonio lhe dissera existir, mas que não era aquella do seu amigo conde.

O estudo attencioso, reflexivo, e continuado tornou-se a vida, quasi invariavel, do educando. Uma transição,

assim rapida, assentava o padre que não podia, sem intervenção divina, explicar a improvisa regeneração de um homem, que deixára no mundo mil incentivos de paixões que o não tinham enfastiado ainda.

A vergonha da virtude, que não podera vingar em um coração ulcerado de vicios, principiou a desabrochar flores que enfeitavam a conversão do mancebo d'essas galas de educação, que parecem vindas do berço, e herdadas dos paes. Era o imperio da religião, e unicamente da religião.

Frei Antonio dos Anjos, vaidoso com razão da obra, cujo instrumento elle fora, não cessava de agradecer ao Altissimo a escolha que fizera de um peccador para a conversão de um outro peccador, para quem o remorso seria tardio.

XXIV

Na «grande roda» fallava-se muito da conversão de Alvaro. Infelizmente, porém, esta conversão tomaram-a irrisoriamente a maior parte d'aquelles que se occupavam d'ella, por não terem um caso semelhante de que se occuparem. Os da sua plana, particularmente, pareciam vexados da religiosidade do seu antigo camarada, que tão bellas esperanças dava de correr parelhas no cynismo philosophico do conde.

Na incerteza de semelhante boato, muitos vieram procurar Alvaro, e acharam-o prompto sempre a recebel-os; se, todavia, os seus hospedes tentavam chamal-o ao assumpto, que alli os trouxera, Alvaro contava-lhe uma historia assim resumida:

— Eu era discipulo do conde ***, assim como vós o sois. Casualmente o meu mestre de philosophia falsa encontrou-se com outro que me dizia ser o mestre da verdadeira philosophia. Disputaram por algumas horas: o primeiro, quando se viu esmagado no seu orgulho, fugiu, cantando um hymno em seu triumpho, mas um hymno injurioso ao modesto vencedor. Sabeis o que de-

pois me fez alistar na escola do frade, e fugir á escola do conde? Foi, talvez, muito pouco: vi que o frade pedia a Deus a conversão do conde que o insultára, e insultára a Deus.»

Os que o ouviram diziam depois: «Aquelle pobre Alvaro endoudeceu!... Coitado!... Seria uma paixão infeliz? Seria desorganisação do cerebro? Seria alguma grande perda no jogo?»

LIVRO TERCEIRO

I

Eram passados seis mezes depois que frei Antonio dos Anjos tomára a seu cargo a educação de Alvaro. Este mancebo, vivendo uma vida quasi de reclusão e de immobilidade corporal, fazia grande violencia ao corpo, se bem que á alma não fazia nenhuma. É que a materia, posto que sujeita á vontade do espirito, adquire certos habitos, que não seguem facilmente as modificações do espirito, principalmente quando estas são boas e aquelles máus. É como os relevos abertos no marmore pela mão do homem, cuja imperiosa vontade não póde desfigural-os sem que a mão os destrua.

E a passagem da vida agitada para a meditação sedentaria fora em Alvaro rapida, talvez de mais. Frei Antonio conhecia a inconveniencia d'essa transição; mas superior a taes receios, o religioso esperava que, na conversão do seu discipulo, se operasse um continuado milagre.

A Providencia, porém, imprimira no espirito do mancebo o impulso da graça, e deixára-o sósinho na lucta do bem e do mal, para que as fadigas do seu triumpho lhe fossem expiações das cobardias em que se deixára vencer.

Ao cabo de seis mezes, Alvaro da Silveira dera sensiveis mostras de um abatimento, não de espirito, não de coragem, mas d'essa languidez de todos os orgãos, que parece o cansaço de uma febre intermittente. A melancolia fizera-o mais concentrado, mais solitario, e até mais aborrecido de si e dos outros. O estudo não lhe valia já de distracção, nem as práticas eloquentes do mestre lhe captivavam o espirito. Quasi sempre fechado

no seu quarto, Alvaro, por fim, repellia os alimentos que lhe levavam, e carregava o sobr'olho ás admoestações que o pae ou o mestre lhe fazia. Frei Antonio quiz ver n'este estado critico os elementos ainda não inflammados de uma reacção. Tremeu com a ideia de não vingarem os frutos da boa semente que elle, com tanto esmero e tanta esperança, cultivára n'aquelle coração desbravado, ao que parecia, dos espinhos da impiedade. Orou fervorosamente, pediu com anciedade a tutela do céo para aquelle orphão de pae, de amigos e de mestre que podessem amparal-o na sua recaída no abysmo, d'onde parecia ser salvo. O santo homem chegára a persuadir-se que os seus trabalhos seriam inuteis, porque o Senhor queria punil-o da vaidade que elle tivera em fazel-os proveitosos.

II

N'este conflicto de doridos pensamentos, em que a alma do padre andava trabalhada, inspirou-lhe a sua afflicção um pensamento, que longas e veladas noites lhe alvoroçou o espirito, antes que seus labios o proferissem.

Frei Antonio lembrou-se de conduzir Alvaro á sociedade; leval-o elle proprio ao mundo, e buscar ahi uma roda de pessoas que se interessassem, tanto como elle, na regeneração d'aquelle mancebo.

Mas as relações do egresso eram muito poucas, e quasi se limitavam ás do parentesco, e ás novas que adquirira na casa em que vivia.

Onde elle, cheio de confiança, poderia apresentar seu discipulo era em sua casa, na roda de sua familia, onde desde 1834 não tinha entrado uma pessoa estranha d'essas que são apresentadas pelo seu nome, pela sua posição, ou pelo seu dinheiro. Ahi, porém, vivia uma menina que não sabia ainda distinguir o homem que nascera bom, e bom perseverára, do homem que fora máu e parecia bom.

A consciencia do padre não lhe aconselhava confiadamente esse passo, cuja firmeza era toda responsabilidade sua, porque bem sabia elle que Alvaro da Silveira, apresentado ao coronel, seria recebido como filho, e, apresentado a Maria, seria recebido como irmão.

E foi por isso que em sua alma se debateram com violencia dois sentimentos oppostos: a confiança e a prevenção.

Ou porque do céo lhe descesse a inspiração, ou porque as propensões de sua indole lhe fizessem ver a face do bem, empanada pelo véo da maliciosa suspeita, frei Antonio convidou Alvaro para acompanhal-o a casa de sua familia, onde, se quizesse, encontraria as affeições que se encontram em uma familia recolhida, que, de ordinario, parece desvelar-se em communicar aos estranhos a felicidade de amor que lhe trasborda do seio.

Alvaro, sem fingir-se, não apreciou muito o convite, mas não se recusou a elle. O habito de obedecer aos insinuantes conselhos do padre foi talvez o unico movel, que o fez aceitar um offerecimento, que lhe não promettia distracção á profunda tristeza que se lhe entranhára no espirito.

Frei Antonio comprehendera esta hesitação, e n'ella viu um próspero agouro. Seriam illusões de uma boa alma?

III

O padre prevenira sua familia da proxima visita que lhe era destinada. A mãe de Maria, tão innocente como sua filha, e tão confiada na prudencia de seu cunhado como na de seu proprio marido, recebeu a noticia com jubiloso assentimento. O coronel fitou em seu irmão um olhar de interrogação, que devia ser uma pergunta intima, que os labios tinham mêdo de balbuciar: «Porventura nada receias tu, meu irmão? Sabes que ao pé de minha filha só póde sentar-se um anjo como ella? Tens a certeza de que esse mancebo entra em minha casa co-

mo no santuario da honra?» Frei Antonio lera estas perguntas nos olhos de seu irmão, e, como se precisasse de empregar a palavra, que o coronel não ousava pedir-lhe, o padre apertou-lhe a mão com ternura, e murmurou a meia voz: «Não temas!... Tu és honrado, tua mulher é uma santa, tua filha é um anjo... Eu serei um peccador, mas não sereis vós os que haveis de expiar as minhas culpas... Não temas, meu irmão.»

Maria, quando a nova lhe foi dada, experimentou uma sensação, d'essas raras sensações que não hão de ter nunca na terra uma palavra fiel que as defina. Ao ver que nos labios de sua mãe estava um riso de beneplacito e contentamento, Maria sorriu tambem maquinalmente, e ficou silenciosa, durante a longa conversação que se travára a este respeito.

Recolhida, comtudo, ao calado abrigo do seu quarto, ao mystico colloquio das suas tristezas com a imagem de Maria Santissima, a melindrosa menina consultava-se, com doloroso interesse, no que seria essa nuvem escura de melancolia, que viera turvar-lhe o espirito, quando ouviu dizer que Alvaro da Silveira, por cuja conversão tantas vezes ella orára, ia ser recebido como amigo no seio de sua familia.

Esta interrogação era como as consultas que nós fazemos do nosso proprio destino; era como a anciedade vã de levantarmos a cortina do nosso quadro de existencia d'aqui a annos. Maria, quando uma vez escrevera uma poesia intitulada PRESENTIMENTO, dissera tudo quanto podia dizer, vira o futuro quanto podia vêl-o, caminhára através da vida quanto podia caminhar; e, como se os passos lhe cansassem, parou, chorando. É que o seu poema fora uma prophecia de lagrimas nunca represadas.

IV

A apparição de Alvaro em casa do coronel impressionou estranhamente aquella numerosa familia, cuja maior

parte não se recordava de ver na sua sala um estranho.

Maria foi com sua mãe cumprimental-o, e, pela hesitação com que ia, podera julgar-se que a violentavam. O acanhamento das suas maneiras, a inflexão tremida das suas poucas palavras, denunciariam uma inculta rapariga da aldeia, a quem por passatempo aparamentaram de vestidos senhorís. Na grande roda seria fertil assumpto de risos e gracejos.

Alvaro, por uma d'essas incoherencias da natureza humana, revelára um acanhamento quasi semelhante ao de Maria. A prevenção em que o vimos a respeito d'ella, o conceito sublime que a religião lhe ensinára a fazer das suas virtudes, e, mais que tudo, a belleza d'essa menina, que elle nunca encontrára nos bailes, nem, semelhante a ella, se recordava de ter visto outra, foi porventura tudo isto a estranha emoção que o sobresaltou e collocou, como costuma dizer-se, em uma falsa posição.

E, demais, quem sabe se assim ficam bem explicados os embaraços de Alvaro?

Qual de nós não teve na vida uma situação semelhante, d'onde melhor possa ver a de Alvaro da Silveira?

Quem é o homem forte, e senhor de si, quando a virtude e a formosura, illuminando a mulher de um santo prestigio, lhe fascinam os olhos da face e os da alma?

E, quando o espirito, purgado das fezes da irreligião, contempla a mulher virtuosa como a depositária de sentimentos que mais genuinamente simulam o amor de Deus, é tão natural esse enlevo, esse culto, essa idolatria no homem que póde encontrar um anjo, onde não esperava já encontrar senão estimulos de paixões materiaes!...

Nem se explica de outra maneira a surpreza de Alvaro na presença de Maria dos Prazeres.

A virtude tem uma fascinação particular sobre o homem, que não desceu, na escala da depravação, a ponto de negar a existencia dos corações immaculados.

Anojado de estudar a mulher, modelada nas fórmas invariaveis do salão, onde todas são semelhantes a cada

uma, Alvaro da Silveira abaixou os olhos diante da primeira mulher, que em outros tempos poderia abater-lhe o orgulho.

Foi n'esse respeitoso silencio, n'esse involuntario acanhamento de maneiras, que o mancebo justificou a regeneração do seu caracter. Mezes antes, se o tivessem apresentado a Maria, vêl-o-hiam empregar todos os recursos da eloquencia, adaptada a todas as mulheres do «grande mundo», intimamente persuadido de que aquella, deslumbrada pelos ouropeis da phrase, saudaria em sua alma a apparição de uma sympathia ardente pelo genio, pelo talento palavroso, e pelos arrebiques da linguagem estudada.

O coronel, attencioso observador da aproximação de Alvaro, gostou do pejo com que sua filha foi recebida. Frei Antonio, a quem competia encetar uma conversação em que respirassem aquellas duas almas retrahidas, principiou a elogiar modestamente as qualidades do seu amigo. Alvaro, silencioso, principiava a affligir-se da sua absoluta esterilidade de ideias, quando, em boa civilidade, lhe convinha agradecer o acolhimento com que era especialisado n'aquella casa. Não se acreditaria esta perplexidade, se cada qual não podesse justifical-a com um momento semelhante na sua vida.

Alvaro achou a inspiração na propria fraqueza, que o mortificava. Voltando-se para frei Antonio, com as faces rosadas, disse em voz trémula:

— Eu creio que perdi na solidão os habitos do mundo, meu caro mestre. Nem já sei fallar, e era d'antes um fallador importuno!... A sua familia deve fazer de mim uma ideia triste...

— Por que? — interrompeu a mãe de Maria, com insinuante delicadeza.

— Por que, minha senhora? — retorquiu Alvaro — porque me acho aqui coacto, entrei aqui grosseiramente, como um saloio, que vestiram de casaca, e de um modo que v. exc.ª de certo não esperava receber um hospede que vive na roda onde as etiquetas chegam a ser enfadonhas pela demasia de reparos.

— Ora, snr. Alvaro, — interveio o coronel — nós sabe-

mos o que são essas cortezias, e palavreados da tal roda, que v. exc.ª frequentou. Minha filha Maria, essa não as sabe de certo; mas pouco lucrariam, ella se as aprendesse, e v. exc.ª se lh'as ensinasse. Aqui, a unica pessoa exigente,— continuou o coronel, sorrindo — exigente das genuinas etiquetas da côrte, é talvez v. exc.ª, que de lá vem. Tenha, porém, paciencia, se nos encontra sem o polimento com que se envernizam os mimosos da fortuna, alegres sempre, e sempre cuidadosos de ensaiar-se, quando a ociosidade os enfastia, na arte de agradar. Aqui tem v. exc.ª as minhas ideias a respeito dos galhardos falladores de salão, que, segundo ouvi dizer, por ahi se chamam *fazedores de espirito*. Sejam lá o que forem, eu aprecio muito a economia de palavras com que v. exc.ª abriu relações com esta familia ignorada. Até por generosidade, nenhum hospede, chegado a esta casa, deve exigir de nós os tratamentos apurados de uma refinada delicadeza. Não os sabemos, nem poderiamos sustental-os. Tudo isto vem a serenar a impaciencia com que o snr. Alvaro da Silveira parece queixar-se das ideias, que lhe não abundaram, quando tivemos a honra de o receber.

V

Emquanto o coronel prendiá os olhos attenciosos de Alvario, Maria, cobrando novos alentos d'aquella especie de familiaridade adquirida pelas franquezas de seu pae, levantava os olhos meio timidos para frei Antonio, que até então não desviára os seus das faces encarnadas de sua sobrinha. Alvaro continuou com o coronel um dialogo sobre o assumpto das etiquetas, que ambos julgavam, umas vezes, indispensaveis, e, outras, fastidiosas, emquanto Maria, convidada por seu tio, foi sentar-se contrafeita ao piano, e suspendeu a travada conversação dos dois, que, á primeira corrida do teclado, levaram instinctivamente os olhos e os corações para o rosto incendiado da formosa menina.

O que ella tocou não se recordava Alvaro de o ter ouvido. A meia voz perguntou á mãe de Maria a que opera pertencia aquelle rico trecho de musica. Em resposta teve um sorriso de modestia, a que o mancebo achou duvidosa explicação, e pouco depois comprehendeu, quando frei Antonio, alma franca e sem reservas de falsa modestia, declarou que a musica era de sua sobrinha. Maria córou, e apressou-se a declarar que não era absolutamente original aquella composição modelada por alguns fragmentos de musica, que ouvira no orgão das Therezinhas. A evasiva não era de todo inexacta. Maria, affeiçoada á musica do templo, nas suas composições procurava sempre como texto as notas que mais lhe afinassem com o profundo sentimento de terna melancolia, que a dominava, nos ultimos mezes da sua existencia.

Frei Antonio estava sendo penoso á natural modestia, filha do pudor, que, a cada instante, se manifestava no rosto purpureado de sua sobrinha. Homem estranho ás mil conversações, com que a sociedade consome as horas em inutil trocadilho de palavras, entendia que o mais judicioso passatempo, e até o mais accommodado ao espirito de sua educanda, devia ser a litteratura. Para isso chamou a campo sua sobrinha, e obrigou-a pela obediencia a entremetter-se em questões, que o proprio Alvaro de bom grado não quizera quinhoar, com receio de não saír-se bem. Maria, quando os primeiros terrores se desvaneceram, era sublime aos olhos do hospede, que não a concebera tão elevada a respeito de certas cousas, que se dizem, quando a auctoridade dos annos, gastos em aprender, lhes dá um tom de certeza, que, quasi sempre, ajusta mal com a natural simplicidade de uma senhora.

Fallava-se em romances. Frei Antonio dos Anjos empenhava os seus vastos recursos scientificos em condemnar esse genero de leitura. Alvaro abraçava a opinião de seu mestre, e citava-se a si como victima das perniciosas leituras da sua infancia. O coronel e sua esposa applaudiam a rejeição dos romances. Maria, porém, e só ella, cheia de humildade, sem levantar os olhos dos dedos rosados, que se distrahiam correndo a bainha do

lenço, contrariava as opiniões dos inimigos dos romances, depois que a cada um ouvira as razões, mais ou menos fortes, com que a leitura do tempo era votada ao exterminio. A sua argumentação era concisa, e quasi sempre balbuciante d'aquelle temor tão proprio em annos verdes, e em presença de um estranho, de um pae, e de um sabio.

VI

Uma hora de convivencia entre pessoas, que sinceramente se communicam em francas manifestações do que são, é bastante para a familiaridade, para a estima, e para isto que o coração ambiciona, este bem-estar, nascido da confiança, inteira e desprevenida, que depositamos em uma roda de amigos. Raro, porém, estas rodas se deparam. *Amigo* é uma palavra profanada pelo uso, e barateada a cada homem, que se nos apresenta, como a *palavra de honra,* que por ahi anda desvirtuando a honra e a amizade.

As delicias da conversação, expansiva como a confidencia, e despreoccupada como a ingenuidade, essa não se conhece nos salões, onde o epigramma recebe os louros da eloquencia, e o espirito acerado e cortante conquista as ovações do talento. A murmuração, bem salgada de ironias galhofeiras, é a rainha das conversações, coroada pelo diadema da hilaridade, que, muitas vezes, não poupa o primeiro da roda, que se retira, nem o dono da casa, que fica, pela sua parte, cotejando os vicios dos seus hospedes *espirituosos.*

D'esta feição eram as práticas, em que Alvaro da Silveira, adestrado pelo conde de ***, primára como bom artista de *equivocos,* e trocadilhos, em que o sarcasmo acre e engenhoso pegava delicadamente pelos cabellos da victima, e a empalava nos tratos da zombaria, iguaria saborosa, e a unica, talvez, para os paladares estragados.

Era, pois, uma novidade para o seu espirito aquella

franca exposição de sentimentos, de mais a'mais interessantes pelo lado da intelligencia, e sympathicos para o coração de todos, e especialmente do mancebo, que se extasiava, na presença de um talento de mulher, flor aberta em exhalações de um novo perfume, para elle, que nunca a vira tão bella, e tão fascinadora no dom da palavra.

Maria compartira do sentimento de confiança, que viera dissipar os temores de Alvaro. Sem a candura, e a innocencia, na franca exposição das suas ideias ácerca de romances, Maria não diria tanto, nem se lançára tão seguramente na opinião contraria á de todos. A sincera menina, ingenua como as suas intenções, viu no mancebo, que tão aceite era aos seus, um amigo digno de se lhe dizer tudo o que, em cousas litterarias, se diria a frei Antonio dos Anjos.

Alvaro da Silveira estava sendo digno da sua confiança. E tanto o era, que uma nobre vaidade lhe alegrava o espirito, ao ver-se, tão depressa, merecedor da franqueza com que o recebiam, e da irmandade com que Maria dos Prazeres lhe respondia aos seus argumentos na questão em que todos se interessavam.

Frei Antonio era um sabio; mas os sabios de todas as posições sociaes, e particularmente os sabios creados no claustro, sustentam prejuizos, que as mediocridades lhes combatem com as debeis armas de uma sciencia superficial. Frei Antonio pensava mal dos romances, porque lera um, ou dois, ou mil d'esses que por ahi envergonham a arte, e indignam o pudor. Alvaro da Silveira, que devorára tudo quanto os ultimos annos tinham creado de mais licencioso na litteratura franceza, odiava então os romances, aos quaes erradamente imputava os seus desvios. O coronel e sua mulher juravam nas palavras de frei Antonio. Maria, porém, que não lera romances, nem mostrára leve desejo de os ler, apresentava na defeza de tal leitura o instincto da adivinhação, a presciencia do talento, que um relampago, ás vezes, parece alumiar de improviso.

— Eu não sei — dizia ella — como os romances possam perturbar a minha tranquillidade! Que é o que elles

dizem? Contam a vida como ella é; matam as illusões de quem a suppõe melhor; anticipam o conhecimento da realidade? Isso que tem? Um bom mestre, encarregado de levar pela mão o discipulo na estrada do mundo, cheia de precipicios, que é o que faz senão apontar ao innocente os abysmos, que se escondem debaixo das rosas seductoras? Que é o que tem feito meu tio a meu respeito? não é levantar-me a cortina do que são segredos para mim, e mostrar-me a triste realidade do que por ahi ha, apenas agradavel aos olhos da innocencia? Eu penso que o romance, espelho fiel das boas e más situações da vida, não póde fazer-me desejar o que é vicio, nem aborrecer o que é virtude...

— Mas se o romance — interrompeu Alvaro — descreve o crime com as bellas tintas da seducção?

— Não importa, o escuro do quadro lá está no crime: as fezes do absinthio lá estão no fundo do calix,— retorquiu Maria — não sei se digo a verdade: mas imagino que ha nos romances um máu principio, que só deve prejudicar as pessoas, que os lêem com o coração arruinado, e os olhos fartos já de ver a realidade de tudo o que ha máu. É natural que o romance, para fazer bons certos actos do seu heroe, precise de aniquilar a moral religiosa d'esses actos, e justifical-os pela moral da falsa philosophia. Isto me tem dito meu tio muitas vezes, e eu tenho pensado, outras tantas, na influencia que poderiam exercer sobre o meu espirito essas más doutrinas, revestidas de seductoras falsidades. Nenhuma, creio em Deus e em mim, que não. Mal de mim, e da minha fé, se o primeiro incredulo, com talento de bem escrever, e falsificar a verdade, podesse alvoroçar a minha consciencia, a ponto de destruir com a pagina de um livro o que eu recebi pela educação, pela meditação, e pelo estudo!... Tomára eu saber tudo o que o mundo tem de bom e de máu... que me dissessem a flor em que a aspide se esconde, e o espinho que muitas vezes, soffrido com resignação, nos póde dar depois momentos de prazer. O que eu acho triste e perigoso é crescer, tocar a altura em que a intelligencia raciocina, e o coração se emancipa dos descuidos da mocidade, ser mulher, en-

trar no mundo, julgal-o a continuação do seio de sua familia, e ter de perguntar a cada instante á cabeça, que não sabe, até que pontó são razoaveis os preceitos do coração...

Maria foi de improviso tocada pelo receio de se ter excedido. Córou, e abaixou os olhos, como se sua mãe lhe significasse, em um gesto, o desgosto de ouvil-a.

Alvaro, suspenso dos labios d'ella, fascinado pelo som d'aquella voz, que parecia exercer o imperio do silencio sobre o coração de todos, sentia-se elevado a um assombro de admiração, onde quasi sempre o respeito profundo, ou o amor repentino se assenhoreiam do talento e do espirito.

Era um amor, que nascia, e respirava uma atmosphera embalsamada de perfumes, amor, que nunca, em suas passadas affeições, lhe coára no coração a vida suavissima da paixão tranqüilla, sem sobresáltos de remorso, sem temores de culpa, e sem receios de insultar a Deus ou aos homens. No coração de Maria, o que se passava era uma sensação de ternura, o desabrochar de uma nova flor de amizade para offerecer a Alvaro, como a offertaria a um seu irmão, que viesse de longe, pela primeira vez, reconhecer a sua irmã. Se, todavia, lhe perguntassem o segredo mais intimo da sua existencia desde aquelle dia, ella não teria nenhum a revelar. O mais que poderia acrescentar ao que a sua familia sabia do seu coração, a respeito de Alvaro, é que desde o dia em que o viu, as suas orações por elle foram mais repetidas, mais fervorosas, e mais tocadas pelo interesse de uma amiga, que quizera gloriar-se de ter concorrido para a regeneração de um anjo.

VII

Á primeira visita succederam outras.

Alvaro realisára as esperanças do padre. A sombria tristeza, que assustára o mestre, cedeu a uma alegria

doce, que sorria no semblante do discipulo. O pae d'este, compartindo do contentamento do filho, quiz tambem conhecer o asylo de paz santa, onde Alvaro fora encontrar a felicidade, que o mancebo dizia não ser cousa impossivel na terra, desde que visitára a obscura familia de frei Antonio.

Redobrou o prazer do padre. O velho fidalgo foi acolhido como pae de um moço que era alli estimado como parente, e recebido sem vislumbre de suspeita má. As noites passavam rapidas para todos. Cousas pequenas, passatempos quasi pueris, entretinham velhos e moços. Silveira, tão zeloso da honra do coronel como elle proprio, espionava as intenções de seu filho, como quem receia que a virtude não esteja ainda tão enraizada n'aquelle coração juvenil, que o torne frio para os mil encantos de Maria dos Prazeres.

Eis aqui um dialogo entre o pae e o filho, quinze dias depois que frequentaram juntos a casa do coronel.

— Parece-me que és feliz, Alvaro.

— Sou, meu pae, sou muito feliz. Se eu dissesse que o não sou, era ingrato a Deus.

— Pois, filho, sê digno das mercês que Deus te faz. Põe da tua parte a força e a virtude para continuar a merecel-as. A virtude, Alvaro, a virtude. Nunca te esqueça esta palavra: seja sempre a tua ancora, se a tempestade vier depois da bonança...

— Nunca a esquecerei, meu pae. Cada dia se me dobram as forças para vencer o mal. As reminiscencias do passado affligem-me e envergonham-me. Emquanto eu olhar assim para o homem que fui, nunca me será preciso luctar com as tempestades, em que o refugio está na ancora da virtude.

— Pois sim, filho; mas, por mais risonho que esteja o céo e calmoso o mar, não largues nunca a ancora: tem-a sempre apertada ao coração, porque é lá d'onde rebentam as maiores tempestades.

— No coração. Eu creio, meu pae, creio que é nas tempestades do coração que se morre...

— Se a virtude nos não vale...

— A intenção com que me diz essas palavras...

— É boa, Alvaro; é a intenção com que um bom pae aconselha um bom filho, e até um máu filho. Que perda para todos nós se o coração, que se te renova hoje, meu filho, obedecesse a uma impressão das que se não deixam vencer por pequenas resistencias...

— Falle, falle, meu pae... tenho precisão de ouvil-o, porque preciso que me anime a fallar-lhe.

— Adivinhei a tua alma?

— Não sei o que vae dizer-me... Quer-me fallar da...

— Da filha do coronel... quero fallar-te d'esse anjo, que nos tem captivos a ambos, e nem eu sei qual de nós daria mais depressa a vida para que nunca um desgosto por nossa causa lhe banhe de lagrimas a face.

— Que desgosto podemos dar-lhe, meu pae?

— Que sentes por ella, Alvaro?

— O pae adivinhou-me... *é um anjo, que nos tem captivos a ambos;* mas o meu captiveiro é cheio de consolações, é uma prisão que me não custa desgostos nem frenesis... Não vê que sou tão feliz assim? Se me dão a liberdade, fazem-me desgraçado. Amal-a...

— Amal-a!?...—interrompeu o pae com sobresalto.

— Amal-a, sim, pois não é isto amal-a? O que sinto, o que senti, vendo-a uma só vez, tem alguma semelhança com tudo o que me fez vertigens do coração em outro tempo? Amal-a, sem que eu lh'o diga, adoral-a com a devoção dos justos, recolhel-a em segredo á minha alma, e tão em segredo, que nunca ella possa temer uma só palavra menos innocente que todas as nossas conversações... amal-a assim, meu pae, será provocar as tempestades do coração?

— É, filho.

— É? então, meu Deus, não ha virtude que resista ao impulso de uma mulher! O homem, que quizer viver em boa paz com o céo, ha de renunciar a tudo que está na terra proclamando a grandeza de Deus? A religião, que nos não veda o amor, está em contradicção com a virtude?...

— Não está, Alvaro. A religião creou um sacramento para santificar o enlace dos corações, que se inclinam para um fim justo, para uma união em que a virtude é

o vinculo, de cuja quebra ha tremendas contas a dar, e grandes expiações a soffrer na terra.

— Pois bem, meu pae...

Alvaro sustára o pensamento que lhe vinha aos labios, emquanto as lagrimas se mostraram.

— Diz, Alvaro. Tu ias dizer alguma cousa que te fez chorar. É sensibilidade ou arrependimento?

— Melhor é que o não diga, meu pae... Eu preciso estudar-lhe o coração.

— De D. Maria dos Prazeres? não é necessario, filho. O coração d'essa menina não é um livro fechado, é um espelho. Vê-lh'o na face, nas palavras, na educação...

— Não é o coração de Maria dos Prazeres.

— Pois qual?

— O de meu pae.

— É o coração de um pae... que mais queres que te diga?

— Gostas de Maria dos Prazeres?

— Se gósto!... Não te tenho eu dito que o coronel não deve queixar-se das injustiças dos homens emquanto lhe deixam o throno d'aquella filha?

— O pae quereria ter uma assim?

— Quizera assim dar-te uma irmã, filho... Oh se queria!...

— E uma esposa?— disse Alvaro, balbuciante.

O pae não respondeu. As palpebras cerraram-se-lhe, que era esse o seu costume na meditação. Com os dedos da mão direita comprimiu o labio inferior, tirando por elle. Passou a mão esquerda por entre os cabellos; e, depois de alguns segundos, disse:

— Queria.

— Queria assim dar-me uma esposa?

— Queria. E serias tu digno d'ella?

— Não ouso responder.

— Pois medita.

Silveira ergueu-se. Tomou a mão do filho, e apertou-lh'a commovido, dizendo-lhe como quem profere um juramento na presença de Deus:

— O homem que maltratar aquella mulher deve dar terriveis contas da sua crueldade. Medita, Alvaro.

E deixou-o.

VIII

Ao mesmo tempo, Maria dos Prazeres, e sua mãe tinham o seguinte dialogo:

— Se tivesses uma amiga muito do coração, minha filha, não terias pezar se ella te adivinhasse um segredo, que tu deverias ter-lhe confiado?

— Pezar... conforme, minha mãe... Ha segredos...

— Que se não dizem a uma amiga?

— Que se não dizem, porque se não sabem dizer...

— E sentir, sim?

— Por que me faz semelhante pergunta, minha querida mãe? Não se queixe de mim, não?

— Pois eu vou queixar-me, Maria?!

— Fallou-me em pezar... e eu começo a sentil-o...

— De que?

— Se eu podesse... se eu soubesse dizer-lhe o que sinto... Deus sabe que o meu coração é incapaz de se esconder aos seus olhos, e mais depressa se esconde aos meus.

— Nada tens dito a teu tio, filha?

— De que?... diga, mãe, eu que devia ter dito a meu tio?

— Tudo o que sentes hoje, assim como lhe dizias tudo o que se passava em tua alma.

— E eu sei!...

— Sei eu, Maria. Olha, filha... O amor de tua mãe, de teu pae, de teu bom tio, de teus queridos irmãos é um amor immenso; é, eu e tu sabemos que é; mas... olha... ha no teu coração espaço para mais amor... Córas, Maria? Vês como a tua alma vem fallar-me no teu semblante?

«Pois por que não, se essa alma é a minha, a da minha filha, que não póde estar calada diante de mim, ainda que os labios se não abram! Sei tudo, Maria. Agora, se não queres que te falle como mãe, aqui me tens como amiga. Vamos... levanta para mim os teus olhos... con-

versemos sósinhas. Tu amas Alvaro. A tua melancolia é amor. Esse córar, quando não accusa uma culpa escondida, é amor. Na tua idade, se o contentamento foge do coração, é que não cabem lá os gôsos serenos da innocencia, misturados com as esperanças vagas, com os desejos desconhecidos, com as saudades de não sei que recordações de uma outra vida, em que todas as nossas visões se povoam de anjos.

«Ha um mez, filha, não me entenderias esta linguagem. Hoje sou eu a que fallo por ti, e cada palavra que me ouves é um peso que te levanto de sobre o coração, não é? Assim é que tu querias fallar-me, e eu desopprimo-te, explicando a confissão que tens nos labios, e não confessas. Pois bem, Maria, louvores sejam dados á tua bella alma! A tua sensibilidade não póde ser só da tua familia: deve estender-se a tudo que te rodeia.

«Eu esperava isto desde o momento em que vi entrar n'esta casa um homem protegido pela confiança de meu cunhado. Sem virtudes, Alvaro não seria aqui trazido; e, sem virtudes, Deus não quereria que tu sentisses por elle a sympathia que prende a innocencia á honradez. Poderei enganar-me eu, que sou velha? Posso, filha... E que farás tu, que és criança? Estaremos ambas enganadas, amando-o ambas? Porque eu tambem o amo, filha; estou familiarisada com elle, vejo-o aqui entrar sem me sentir constrangida. Custa-me a crer que o conheço ha tão pouco tempo!...

«E teu pae? Falla-me d'elle com certo interesse, que me parece providencial. Nunca me disse que reparasse nas tuas acções, nem reflectisse nas palavras de Alvaro. E eu, reflectindo, ainda lhe não ouvi uma que desdiga das primeiras. Sempre a mesma bondade, o mesmo acanhamento honesto, a mesma docilidade, e não sei que interesse de filho por mim, e de irmão por ti. Teu tio, cada vez mais alegre com estas relações; teu pae, nem a mais ligeira sombra de desconfiança; teus irmãos querem-lhe como a ti; o pae d'elle quer por força que sejamos seus parentes, e diz-me que veio saber entre nós o que era a felicidade domestica... Jesus! é impossivel que tudo isto seja engano!

«Oh minha filha, o teu coração é puro, e eu quero ouvil-o mais a elle do que ouvir-me a mim. Diz-me se não agouras uma grande felicidade para ti, e para os teus? Confessa-me o que pensas quando estás triste... Diz, diz, Maria...

A filha atirou-se a chorar ao seio da mãe. Balbuciava palavras sem sentido. O coração batia forte, e o tremor convulso dos braços, em redor do collo de sua mãe, suppria a falta da expressão.

Assim as encontrou frei Antonio, entrando sem se annunciar.

IX

—N'esta casa chora-se mais do que se reza—disse o padre.

—Não são peccaminosas as nossas lagrimas, meu irmão...—disse a mãe de Maria.

—Pois então dizei-me por que choraes?

—Logo, logo...

Maria beijou a mão do tio, e saía, enxugando as lagrimas.

—Onde vaes tu, menina?—disse o velho.

—Vou trabalhar, meu tio.

—Havemos de fallar logo.

Ella saíu, e o frade disse a sua cunhada:

—Vá chamar seu marido, e venha com elle.

O coronel entrava n'este momento.

—Eil-o aqui. Ora vinde cá ambos; temos muito que dizer e que pensar. Dizei-me cá: o que vos diz o coração a respeito de Alvaro?

—Bem; parece-me um bom moço.

—E o vosso, minha irmã?

—Tenho-lhe affeição de mãe, estou familiarisada com elle como se o conhecesse desde criancinha.

—E sabeis o que Maria pensa a respeito d'elle?

—Soube-o—disse a cunhada—no momento em que

meu irmão entrou. As lagrimas que viu nos olhos d'ella eram a confissão do seu segredo.

— Pois que disse ella?— atalhou o coronel.

— Nada, quasi nada... Vendo que eu lhe adivinhava o coração, lançou-se-me ao pescoço, chorando. Disse quanto podia dizer.

— Ama-o, em summa — disse o frade.— Não admira; o moço é digno d'ella, e a Providencia quer que se amem...

— E que tem ella que esperar d'esse amor?— interrompeu o coronel.

— Tem que esperar as consequencias de uma affeição approvada por seus paes...

— Se elles a approvarem, meu irmão.

— Pois tu reprovas o amor da tua filha a Alvaro da Silveira?! Eu fico por elle... Quereis melhor fiador? Dou-vos a virtude de Maria. Se nós não a defendermos, defende-se ella.

— Sabes pouco do mundo, meu irmão — redarguiu o coronel.

— Não sei muito, não; mas o que é preciso saber para o nosso caso, sei-o de auctoridade certa, que é o presentimento bom que me dá resolução. O pae de Alvaro diz-me que seu filho quer Maria para sua esposa, e elle pede-a para sua filha. Que respondeis?

— Eu respondo que sim, que lh'a dou com toda a vontade, com todo o coração — disse a mãe de Maria.

— E eu — disse o coronel — respondo que estudes bem o caracter d'esse moço, e quando, passados mezes, não vier algum accidente inopinado alterar a opinião que tens do seu merecimento, virás então consultar a minha vontade.

— Dizes bem, meu irmão— tornou o egresso.— Posso ter-me enganado, e ainda agora caí em mim, e na fraqueza dos meus juizos. Disseste bem: eu conheço pouco do mundo.

— E não sabes — continuou o coronel — que certos homens, sem serem hypocritas, apparecem inesperadamente bons; ás vezes uma pequena alteração no seu modo de pensar, produz grandes mudanças na vida ex-

terior. Eu recordo-me de um grande phenomeno na minha vida de mancebo. Aos dezoito annos era eu rapaz desenvolto, vicioso, desobediente a nossos paes, e desprezador de alguns deveres bem sagrados. Amava o escandalo estrondoso; e a publicidade das minhas loucuras desvanecia-me. Vi esta mulher, que é tua cunhada, e amei-a. Os paes d'ella eram exemplares de virtude, e quem houvesse de merecer-lh'a devia ser virtuoso. O talvez menos habilitado para lh'a pedir era eu. Resolvi ser hypocrita; deu nos olhos a minha improvisada virtude, e consegui levar a nova da minha conversão ao conhecimento da familia de minha mulher. Senti augmentar-se o meu amor ao passo que a violencia, que eu me fazia para ser bom apparentemente, ia diminuindo. Até cheguei a convencer-me de que os virtuosos sem mascara eram felizes. Pedi minha mulher, e concederam-m'a. Casei... e depois...

— Foste sempre um bom marido...— interrompeu ella.

— Se tu o dizes, devo acreditalo, e a consciencia tambem me diz que o fui; porém, a explicação da minha reforma tem alguma cousa singular. Fiz-me bom por orgulho, primeiro. Os nossos conhecidos, e particularmente os meus rivaes, diziam que eu te faria desgraçada. Entrou o meu amor proprio no combate, e tu foste feliz. Quando o mundo já não reparava nos meus actos, e calava envergonhado os seus vaticinios, era eu teu amigo, teu verdadeiro amigo, sentia-te muito dentro do coração, e já não poderia, se quizesse, expulsar-te de lá. Appliquemos o conto: Alvaro da Silveira, com quem sympathiso, foi o que tu sabes, meu irmão.

«Ainda não ha quatro mezes que o encontraste entregue aos prazeres de um gosto pervertido. Em poucos dias mudaste-lhe as inclinações; mas o aborrecimento em que o viste, deu-te receios de que o teu balsamo fosse inefficaz. Conduziste esse homem a minha casa; conheci que Maria o impressionára, e, depois de dois mezes de frequencia constante, Alvaro quer casar com minha filha. Quando se ama, meu irmão, é facil fingir dois mezes uma virtude que não tem raizes no espirito,

e as que tem sómente no coração morrem, quando o amor acaba. Não duvido que Alvaro ame extremosamente minha filha; mas receio que não seja amigo d'ella: cousas muito diversas, cuja diversidade só bem se conhece dos trinta annos em diante. Um casamento rico não me lisongeia. Habituei-me a esta pobreza, e sou feliz, não sei até se alguma vez o fui mais do que hoje. Maria tambem é feliz. Vê, sem deslumbrar-se, os esplendores da sociedade. Sentiu privações em criança, e hoje, não as sentindo, agradece a Deus uma prosperidade, que seria indigencia se ella tivesse conhecido a abundancia, o fausto, e as demasias de prazeres e dissabores que sua mãe conheceu. Não a casemos para a fazermos rica. Se esse moço póde dar-lhe ao espirito novos gosos, seja elle embora seu marido; eu, porém, não creio que elle possa communicar-lhe o que não sente. Estuda-o, meu irmão; estudal-o é esperar. Entretanto, Maria aprenderá de sua mãe as lições que deve receber uma menina que vae ser mulher.

X

Frei Antonio era esperado anciosamente de Alvaro. Dos labios do frade pendia a sua felicidade. Fora elle encarregado por Silveira de propor ao coronel o casamento, com que o pae queria recompensar as virtudes de uma familia, á qual devia a regeneração de seu filho.

O egresso recebera com tristeza o enthusiasmo do discipulo. «Esperemos» — foi a sua unica palavra. Alvaro sentiu-se ferido no seu amor proprio, e experimentou um abalo do seu genio antigo. Se o padre soubesse ler nos olhos o coração, veria mover-se a areia sobre que fora levantado o edificio da virtude de Alvaro.

O velho Silveira não se doeu menos das reflexões do coronel. Irritára-lhe a sua fidalga susceptibilidade. Pretextando-se incommodos de Alvaro, suspenderam-se alguns dias as visitas.

Maria, porém, estranha aos reparos de seu pae, não vendo em tres noites seguidas Alvaro, denunciou a impaciencia da saudade.

XI

Silenciosa em sua mágua, Maria deixava-se adivinhar, mas não gemia, nem perguntava a causa do ar sombrio de seu pae. Esperava anciosa as noites, via entrar seu tio só, e nem por um lanço de olhos lacrimosos lhe perguntava que mal fizera ella a Alvaro.

A pena, porém, era grande, e sem desafogo. Maria sentiu a desdita, que presentira um anno antes; comprehendeu a significação amarga d'aquelles singelos versos que fizera nascer uma musica triste, filha da sua imaginação.

Adoeceu, sem queixar-se; caíu no leito, quando já não podia esconder de seu pae a febre constante que a extenuava.

Veio o medico do corpo, e conheceu que a dor estava na alma. Frei Antonio sabia que ella podia morrer d'aquella febre. Foi, com sua cunhada, ao pé do leito de Maria, e disse:

— Menina, o nosso amigo Alvaro vem hoje visitar-te; se tiveres forças, sáe da cama, e vem agradecer-lhe o cuidado; se não, outro dia será.

Augmentou o rubor nas faces da enferma. Voou-lhe um innocente sorriso de ventura nos labios. Parou-lhe de repente a vertigem do sangue. Reappareceu-lhe o sol do coração, a florescencia da phantasia, o céo dos seus extasis, e a claridade radiosa do seu ar balsamico. Era a que fora, quando se lançára a chorar de feliz nos braços maternaes.

XII

E dizia o coronel a seu irmão:

— Deus me livre de ser cruel para minha filha... Os homens muito experimentados na desgraça vêem tudo pela face peior. Póde ser que sejam dignos um do outro. Casem embora, e queira o céo que eu me arrependa mil vezes de ter agourado mal d'este casamento. Diz a Alvaro que lhe dou minha filha, e diz-lhe mais que vae com ella a minha vida, vida que eu lhe dou, pois antes quero perdel-a, se hei de um dia vêl-a infeliz. Que elle me mate, antes de fazer chorar Maria as primeiras lagrimas de arrependimento.

— Não sabes como elle lhe quer...— disse o padre.

— Tambem eu queria muito ás flores, emquanto o viço d'ellas não desmaiava na minha mão. Depois, que valia uma flor sem perfume, sem seiva, amarellecida? Via-a caír sem dó, folha a folha, e, descuidado d'ella por amor das outras, punha-lhe em cima um pé indifferente. Comprehendes o que é o homem, meu irmão? Melhor o comprehenderás assim; não t'o quero pintar na linguagem propria... Na mão de Alvaro será Maria o que as flores foram na minha?

XIII

Foi restaurada a confiança entre as duas familias. Consentiram-se expansões sem testemunhas aos dois amantes.

A nuvem, que lhes encobrira alguns dias o bello horizonte do seu destino, afervorára-os para mais da alma saudarem a reapparição, para mais se quererem.

Alvaro apressava o enlace. O coronel não o retardava nem o accelerava. Entrára-lhe profundamente a descon-

fiança na alma. Sua mulher tentava em vão destruir-lh'a. O frade chegava até a consideral-a peccaminosa e ingrata aos favores do céo. Maria nem sequer imaginava que podia ser-se infeliz na situação d'ella; e contristava-se por não ver seu pae alegre como todos.

XIV

Frei Antonio foi o ministro do sacramento. Abençoou-os na capella de Alvaro da Silveira. A um dia de jubilo, seguiram-se muitos dias de felicidade intima. Em casa, porém, do coronel, chorava-se muito. Faltava alli a alma d'aquella familia. Os irmãos de Maria, alguns ainda crianças, estavam afeitos ao seu regaço, ás suas lições, e ás suas carinhosas reprehensões. O coronel não queria ver a cadeira em que Maria se sentava, o piano, o açafate da costura, tudo que parecia chorar com elle a falta da sua dona. Sentava-se a familia triste e taciturna em redor da mesa. Olhavam todos, sem consultar-se, para o logar de Maria, e rompiam de todos os olhos as lagrimas. Erguiam-se, vendo o pae erguer-se; apenas a mãe ficava, com o coração partido, dando o exemplo da resignação, e consolando com palavras animosas, esforço mais intenso na dor que a dor de todos. Ao oitavo dia a esposa veio visitar sua familia. Foi recebida em alvoroço. Queriam beijal-a todos ao mesmo tempo. Os irmãos mais novos perguntavam-lhe se ficava para sempre. Maria, entre risonha e lacrimosa, repartia-se em afagos por todos, desejando alguns instantes de solidão com sua mãe.

—És feliz, minha filha?—perguntava-lhe o coronel.

—Sou, meu pae, quanto se póde ser, longe dos seus. Falta-me lá esta familia; ainda não pude, nem poderei considerar-me desligada d'esta casa. Parece-me que sou mais d'aqui, e que a outra é uma casa de emprestimo.

O coronel voltou-se para sua mulher, e disse:

— Sentias isto quando casaste commigo? Tinhas assim saudades de tua familia?

— Não...— disse a mãe de Maria.

— Então...— tornou o coronel — tua filha é menos feliz do que tu foste! No gôso da abundancia tem occasião de sentir saudades da pobreza que deixou.

— O pae — replicou Maria — engana-se, ou não póde sentir como sente uma mulher. Minha mãe havia de sentir o que eu sinto; é que já se não lembra... Pois haverá felicidade que me faça esquecer a minha familia?! Eu não sei o que é abundancia nem pobreza. Ainda não pude ver a differença que vae do que deixei ao que hoje tenho, senão pelo coração. Sou feliz com Alvaro, mas seria mais feliz se Alvaro vivesse como irmão dos meus irmãos, aqui...

Alvaro entrava n'este momento, repartindo por todos amabilidades, chamando manos a seus cunhados, queixando-se de que o não tenham visitado, convidando-os para o seu camarote, offerecendo-lhes as suas carruagens.

— Cousa notavel! — dizia o coronel, tirando á parte frei Antonio, que tambem concorrera á primeira visita de sua sobrinha — Cousa notavel! As maneiras acanhadas de Alvaro desappareceram. Todos aquelles modos, a munificencia com que nos dispensa os seus favores, tem um ar de orgulhoso triumpho que me intimida. Ha alli alguma cousa que parece dizer: «Casei com vossa filha pobre, e tenho a fidalga generosidade de vos querer elevar com ella!» Não te parece?

— Parece-me que estás contaminado da má fé do mundo — respondeu o frade.

XV

Felicidade, o que és tu? Engano providencial, que nos alimentas na alternativa do desejo e do desengano. Amiga cruel, que nos foges com a esperança, apenas os la-

bios sentem o travo do absinthio que a taça do prazer esconde no fundo.

Quem te encontrou n'esta vida, felicidade? O que eras tu, quando eu te via espargindo flores desde o meu obscuro cantinho até aos imaginados horizontes do meu destino?

O que és tu hoje, phantasma severo, que desdobras o teu manto negro sobre a esperança, que, momentos antes, mandaste luzir no meu despertar de infeliz?

Felicidade, o que serás tu, se não és a filha dos homens, morredoura como elles, soberba do teu nome, embaindo, com a mascara do opulento, os pobres que te esperam, cavando, cada vez mais fundo, no coração do ambicioso, o vácuo da cobiça, chegando aos labios do sequioso, que te busca na terra, a esponja acerba do desengano?

Por que te não vejo eu debaixo do docel dos principes da terra? Enfloraste os berços de Carlos I e Luiz XVI: por que deixaste borrifar de sangue no cadafalso as tuas grinaldas?

Busquei-te no seio da familia laboriosa, que aceitou humildemente a condemnação do eterno trabalhar, do suar copioso das fadigas. Não estavas lá. O braço trabalhador enervou-o a fome, no anno da esterilidade, e as criancinhas d'esse homem, sem cobiça de mais pão que o necessario á sua familia, vagiam pendentes dos seios áridos de sua mãe.

Busquei-te na mediocridade honesta, na alegria da independencia. Era falso esse existir na vida. A mediocridade anciava saír da sua esphera; a alegria da independencia era um sonho de infelizes servos; a independencia era uma situação mentirosa como o teu nome.

Estarias tu na gloria das batalhas? Se fizeste Cesar o primeiro de Roma, por que o não salvaste do punhal de Bruto?

Na gloria da virtude? E a cicuta de Socrates? E a guilhotina de Malherbe? Como estremaste os destinos de Séneca e Nero? de Virginia e Agrippina? Quando és tu o galardão da virtude, a socia fiel do nobre espirito, o premio benemerito do coração immaculado?

Na gloria da sabedoria?

Entraste, porventura, na alma do philosopho, que tentou levar as multidões ao teu santuario? Orvalhaste-lhe a aridez do espirito abrazeado em ancias de achar-te aqui? Déste a Cicero, teu apostolo inspirado, a resignação na morte? Estará o teu busto levantado sobre as ossadas de centenares de homens prodigiosos, poetas que fizeram seculos, honras perpetuas das nações, pisados pela desgraça, mortos de fome de pão e de ti, que lhes mandaste arrastar a mortalha por toda a vida?

Passarás ao menos uma primavera no coração da virgem, que te chama do céo, que te crê filha de Deus, que se acolhe ao teu regaço como a asylo inviolavel de innocentes, que te vê na ternura maternal, que te beija nos labios de seus irmãos, que te respeita nas palavras ungidas de um velho, que te abraça sôffrega na idolatria de um amante, que aperta ao seio todos os teus dons, cingindo-se ao seio do esposo estremecido?

Não, maldita da esperança, tu não estás entre nós. Existirias na terra, se entre os homens e Deus não estivesse o infinito.

XVI

— Maria vive triste...— dizia padre Antonio dos Anjos a sua cunhada — Não diga isto a seu marido, minha irmã. Poder-me-hei ter enganado, e não lhe anticipemos um dissabor.

— E por que não vem ella a nossa casa?! — perguntou a mãe afflicta — Ha um mez que nos não visita, e disse aos irmãos que não tornassem lá sem ella os chamar... Alvaro já a trata mal? já não a amará?!

— Alvaro vive triste como ella. Encontram-se poucas vezes; ainda se não deram as mais ligeiras desavenças entre elles; mas o silencio, quando nos reunimos todos á mesa, é profundo entre ambos. Fogem de encontrar-se nos olhares; e, sem causa proxima, as lagrimas cáem

ás vezes sobre o prato de Maria. O pae de Alvaro pergunta-me o que tem seu filho. Interroga-o, e elle responde-lhe que não tem nada. Eu interrogo Maria, e ella pede-me que rogue a Deus por ella.

— É pois muito desgraçada a minha filha! — exclamou a lacrimosa senhora — Fomos nós que fizemos a infelicidade d'ella. Fui eu, fui eu só! Era eu quem devia destruir-lhe este amor no seu principio. Fiz o contrario... Dei-lhe auso para que tudo me confessasse, applaudi-lhe o puro sentimento que a levava ao coração de um homem que eu julgava digno d'ella; animei-a até a proferir palavras que o pudor não lhe deixava saír do coração! Minha pobre filha, é tua mãe quem te fez infeliz! Que direi eu a meu marido, quando elle me pedir conta da felicidade do nosso anjo, d'aquella santa, que tantas lagrimas nos enxugou, e nós não podemos enxugar as d'ella... Podemos, podemos... — proseguiu ella com exaltação — Que venha para a nossa companhia; vá, meu irmão, vá dizer-lhe que o coração de sua mãe só póde achar allivio ao seu remorso, sentindo-a chorar no meu seio... Vá, vá, antes que meu marido saiba que ella vive assim... Traga-m'a; póde ser que meu marido se não queixe na presença d'ella... Não se lembre que ella é casada... Não ha lei divina que obrigue uma mulher a ser victima de seu marido...

— Basta, minha irmã! — interrompeu com brandura o padre — não multiplique com o seu amor de mãe os soffrimentos de Maria... Ella não se queixa. Quer que a sua dor seja um segredo para seu proprio tio, e bem sabe que minha sobrinha me fez o confidente das suas alegrias e pezares. Póde ser que esta sombra de melancolia seja uma nuvem. Não vamos nós precipitadamente desafiar uma tempestade, que nem sequer nos ameaça. O anjo do Senhor está ao pé de Maria, e um desgosto passageiro é muitas vezes uma experiencia que Deus manda para a purificação das suas escolhidas. Confiança na justiça divina, minha irmã. Alvaro tem de responder hoje ás perguntas de seu pae, e talvez ás minhas. Póde haver n'esta melancolia de ambos uma causa dada por ambos. O silencio de Maria faz-me suspeitar

que ella não tem bastante confiança na razão da sua tristeza. Póde ser que a demasiada saudade dos seus, manifestada ao marido, o tenha desgostado. Se tal for, é preciso dizer a minha sobrinha que o sacramento do matrimonio opéra uma suave mudança nas ligações de familia. O amor de esposa tem uma santidade superior ao de filha: augmentam as obrigações, e vem com ellas o dever do sacrificio. Eu conheço pouco do coração humano; mas o de Maria sinto-o pensar, e sentir, e desejar dentro do meu. Maria deve amar, e ama de véras seu marido; porém êsse amor sem fausto, sem bailes, sem theatro, sem jantares, e sem visitas importunas e ociosas ser-lhe-hia mais grato, mais delicioso, mais em concordancia com o seu natural. Ora pois, minha irmã, menos lagrimas e mais reflexão. Repito que não diga a seu marido que eu vim aqui fazer-lhe o mal que não imaginava.

XVII

O velho Silveira chamou seu filho, e disse:

— Que tristeza é a tua, e a de tua mulher, Alvaro?

— Não fallemos n'isso, meu pae. O soffrimento calado é o mais nobre, o soffrimento irremediavel é criancice expôl-o á piedade dos outros.

— Soffrimento irremediavel!? De que soffres? Estás arrependido de casar com esta menina, que adoravas tanto?! Aborreces... enfastiou-te este anjo?!

— Não me enfastiou... receio que venha a enfastiar-me... Está bom, meu pae, mudemos de prática. Para onde vamos nós a ares este anno?

— Que modos são esses, Alvaro! Entrou outra vez em ti o demonio da perdição!? Foi, pois, uma mentira, uma impostura, uma infame astucia a tua emenda?

— Não dou motivo para semelhantes suspeitas, meu pae. O meu proceder é hoje como era ha quatro mezes. Ouvil-o-hei, senhor, mas v. exc.ª não me accuse sem fundar a sua accusação.

— É possivel que já não ames Maria?! — replicou o pae — Em que desdiz ella do que tu e eu esperavamos, Alvaro?

— Pois eu não a amo?! O pae que quer que eu faça? Ser-me-ha preciso trazer ao collo minha mulher, para o persuadir de que a amo?! Eu não sei fazer carinhos piegas... Creio que ella não dirá que a trato mal, nem a privo dos seus prazeres...

— Que prazeres! Pois a pobre menina raras vezes sáe do seu quarto, raras vezes, ha quinze dias a esta parte, se encontra comtigo... que prazeres lhe dás, Alvaro? É isto o que tu planisavas quando me pediste que empenhasse ao coronel a minha palavra de honra como abono do teu procedimento para que elle te não negasse a filha? Vejo que preparas para os meus ultimos dias uma grande deshonra, e um grande remorso! Com que cara me apresentarei ao coronel logo que elle saiba os surdos padecimentos da nobre menina, que não solta um gemido queixoso! Explica-te, Alvaro; não te offendo, sequer, pedindo-te, como pae, uma explicação d'essa frieza para com ella... O que é isto?

— Pois eu obedeço, senhor, respondendo em toda a verdade da minha alma. Creia que soffro, respondendo assim; mas eu preciso de dizer a terrivel verdade que me esmaga o coração. Maria não é a mulher, que eu devia procurar. Enganei-me. Foi um desencontro, uma desgraça, uma horrivel illusão! Eu não sou digno d'ella. Fui atraiçoado pelo amor que Maria me inspirou; julguei-me capaz de occupar, toda a vida, o coração com a posse d'ella. O demonio venceu. Sinto-me enfastiado; tenho o gêlo da indifferença na alma, violento este sentimento amargo a confessar as virtudes de minha mulher: vejo-a formosa, reconheço que é um anjo, mas não posso, ao pé d'ella, passar um quarto de hora sem fastio. Parece que o meu arrefecimento lhe passou á alma. Vejo-a triste, responde-me chorando se lhe pergunto que motivos tem de tristeza, evita-me quando eu faço sobre mim um grande esforço em mostrar-lhe agrado... Emfim, meu pae, não era eu o homem que devia fazer a felicidade d'esta mulher... Sou incapaz de a maltratar,

terei com ella todas as attenções de irmão; mas... é necessario que me deixem sentir o que sinto... A violencia é inutil... o amor não se crava no coração como quem crava um punhal... Basta-me o meu infortunio de não poder amal-a. Os desgraçados como eu são amaldiçoados pela sociedade, e Deus sabe se elles não são mais dignos de piedade que de maldição!... Não poder amal-a como a adorei ha tres mezes! Isto é angustioso, meu pae! Por quem é, não me aggrave as minhas dores com as suas censuras... Não receie nada por ella... Eu tirarei da delicadeza todos os pretextos para que ella se capacite de que ainda a amo. É uma piedosa mentira em que meu pae, por meu bem, e d'ella, e de todos nós, deve consentir, e até empregar a sua influencia auxiliadora. Consiga v. exc.ª que ella sáia do quarto, que vá aos theatros, que vá aos bailes, que frequente as nossas immensas relações, que aprenda na sociedade com as outras mulheres a esquecer os infortunios domesticos, que eu farei o mesmo...

— É uma alliança infame, que tu queres que eu proteja?— interrompeu o velho.

— Como *alliança infame!* — redarguiu o filho.

— Sim! consentes a tua mulher...

— O que? queira dizer, meu pae!

— Tenho vergonha de o proferir!...

— Então não me comprehendeu, ou me julga um homem destituido de honra. Lembre-se que sou seu filho, senhor! Eu não quero fazer com minha mulher allianças infames. Quero que ella não faça consistir a sua felicidade sómente na minha convivencia de todas as horas e todos os instantes. Quero que ella reparta os seus desejos e as suas ideias por tudo que possa dar-lhe uma distracção honesta, e concedida ás senhoras da sua posição. Não quero que o seu amor á solidão me force, me algeme a um gosto que não tenho. Estamos na sociedade, eu sou um rapaz, e quero viver para a sociedade. Gosar não é offender a Deus, como lhe incutiram a ella. Nunca a levei aos theatros, aos bailes, a uma visita, que não tivesse primeiro de destruir-lhe os preconceitos com que a crearam. Está sentada ao piano, ou ao bastidor:

quer meu pae que eu esteja alli constantemente ao pé d'ella, repetindo-lhe as phrases cansadas de um amor de convenção? É hypocrisia com que não posso...

O velho voltára as costas ao filho, e confundira as lagrimas com as de padre Antonio, que se fizera annunciar.

XVIII

Alvaro fallára pela bôca de todos os maridos máus ou infelizes, quando a libertinagem os não cura do veneno do desgosto com o veneno da deshonra. Era de certo o enojo, esse desfallecimento de alma incuravel, esse morrer do amor que nunca mais resuscita, quando a mulher que o causa é esposa, e quando o homem que o recebe não tem a força de virtude que converte a piedade em estima.

A paciencia de Maria azedava ainda mais o desgosto de Alvaro, porque as lagrimas em silencio eram a mais pungente censura que ella podia fazer ao seu procedimento.

A melancolia do padre, cuja convivencia elle afastava, e o sobrecenho do pae, irritavam-o até ao frenesi de raiva ás algemas que lhe queriam lançar á sua liberdade.

O padre aconselhava-lhe os bailes, e os passatempos que a sua indole apreciava. Pedia á sobrinha que o acompanhasse para compartir dos prazeres de seu marido; mas a pobre menina, se alguma vez accedia ao que lhe era imposto como dever de mulher casada, ia levar á sociedade o espectaculo da sua tristeza, e dar incentivo de arguições, umas justas, outras exageradas, ao procedimento de Alvaro da Silveira.

Menos instada por seu marido, e por seu tio, e por seu extremoso sogro, que lhe era segundo pae, deixou de saír, e mui raras vezes visitou sua mãe, porque não podia mentir ás suspeitosas perguntas de seu pae, a respeito da felicidade que o marido lhe dava.

Alvaro, pouco a pouco, foi-se absolvendo de seus deveres e respeitos á sociedade. Estudou o viver e o sentir dos maridos no circulo das suas brilhantes relações, e viu que entre tantos não havia um só que podesse atirar-lhe uma pedra. Entendeu que podia ser-se um homem importante aos homens, e importante ás mulheres, embora casado, embora propenso a esquecer-se todos os dias que o era. Relaxados os deveres, seguiu-se a tibieza nas apparencias do decoro, e da delicadeza, ultima ferida que uma mulher com dignidade póde receber de um máu marido.

O seu antigo amigo conde de *** foi reintegrado na sua particular estima. Era já recebido no seu quarto, era o seu confidente em segredos dignos de ambos, era tudo o que póde ser um amigo intimo, menos relação de sua mulher. Maria rejeitára com imperio, pouco natural ao seu caracter humilde, a apresentação do conde. Ouvira fallar d'este homem em sua casa ao pae, ao tio, e ao sogro, de modo que lhe ganhou asco, e não podia vencer o sobresalto com que ouvia annunciar um tal nome, que seu proprio marido, tres mezes antes, banira das suas relações.

Na primavera d'esse anno, Alvaro partiu com o conde, e outros de igual porte, para o campo em busca de touros para as corridas do campo de Sant'Anna. Demoraram-se vinte dias n'essa gloriosa expedição, digna dos netos de Vasco da Gama e de Affonso de Albuquerque... Durante esse tempo, Maria não teve de seu marido um bilhete, nem uma saudade. De volta, Alvaro achou sua mulher gravemente enferma d'essa molestia que entra no coração, e filtra de lá o veneno da morte por todas as fibras.

Disse-lhe palavras consoladoras, instigadas pelo espinho do remorso, palavras calculadas na frieza do seu desamor; mas a ideia satanica da viuvez entrou-lhe na alma como a esperança de uma felicidade imprevista.

É horrivel! mas não duvideis... Olhae de redor de vós...

XIX

Foram aconselhados a Maria os ares do campo. Saiu de Lisboa para Collares, acompanhada por seu tio, e dois creados. Alvaro partira para Villa Franca, e de uma quinta, muito conhecida nos arrabaldes d'aquella villa, fazia suas excursões á caça, em que entreteve um mez, distrahido de tudo, e embebido no seu affecto remoçado ao inseparavel conde.

Entretanto, Maria dera largas ao coração abafado. Padre Antonio sabia a causa do soffrimento, mas affectava estranheza, para não auctorisar queixumes de mulher casada. Fazia grandes rodeios, aconselhando a sua sobrinha a resignação, porém simulando, sempre, que não conhecia motivo para tristeza tão inconsolavel.

Uma vez, Maria cansou na lucta comsigo mesma, e fixou no tio os seus grandes olhos arrasados de lagrimas. Era um olhar de soffrimento que reage, uma accusação ao homem que concorrera para o seu infortunio, e parecia impôr-lhe a violencia da mudez, a morte surda sem a inoffensiva respiração de uma queixa.

Frei Antonio entendeu-a, e disse:

—Falla, minha querida sobrinha, accusa-me, e depois pediremos ambos ao Senhor que nos dê melhor vida a ambos.

XX

A mulher de Alvaro da Silveira balbuciou:

—Não o accuso, meu tio; peço-lhe sómente que me deixe chorar. É bem pouco pedir; mas eu sinto um grande conforto n'este unico prazer dos infelizes.

—O da oração é maior, minha sobrinha...—atalhou o padre.

—Pois eu não oro, meu tio? É quando sinto mais dentro do coração a doçura das lagrimas. Ou peça a

Deus paciencia para soffrer até ao fim, sem que a minha familia o saiba; ou peça que se digne tocar o coração de meu marido, choro sempre, e fico sempre mais desopprimida.

— Mas os teus dias são sempre iguaes, filha. Estás cada vez mais abatida, mais magra, e mais febril...

— Que importa o corpo? O que eu recebo de Deus é a força da alma... A morte não lh'a peço, porque sei que não faria com ella a felicidade de Alvaro... É impossivel que o remorso o não castigue depois... Isso é que eu não queria... O Senhor me livre de ser o instrumento das torturas de alguem... E, se eu morresse, a nossa pobre familia soffria muito... minha mãe, seguir-me-hia, e os meus irmãos pequeninos nos braços de meu pobre pae... matal-o-hiam com carinhos... É por isso que eu não peço a morte...

— Não peças, Maria. Diz-me o coração que terás melhores dias da tua existencia, e que eu hei de vêl-os ainda.

— Oxalá!... e como serão esses dias, meu tio?

— Será quando teu marido voltar ao que era, quando te queria tanto.

— Pois esse amor póde porventura tornar?

— Pois não póde, filha?! Estás passando por uma dolorosa provação; é impossivel que não recebas n'este mundo o premio da tua constancia. Assim como Alvaro passou do mal para o bem, e depois recaíu no mal, o anjo, que o alumiou uma vez, ha de alumial-o outra, minha sobrinha. Quando menos o esperarmos, estará comnosco, para nos restituir o bom coração que nos roubou. Crê, e ora, minha filha. Oremos ambos. As nossas súpplicas sejam por elle, e deixemos ao Senhor apiedar-se de todos, quando a sua bondade quizer.

XXI

Padre Antonio, horas depois, enviava um proprio com uma longa carta a Villa Franca. Era um humilde reque-

rimento ao coração de Alvaro. Lembrava-lhe, com delicadeza, os seus deveres. Contava-lhe o viver atribulado de sua sobrinha, pedia-lhe encarecidamente que viesse vêl-a, ou consentisse que algumas pessoas da familia d'ella a acompanhassem no ermo em que vivia.

O fidalgo recebera a carta no pospasto de um festim, em que se banqueteavam os caçadores, commemorando as façanhas venatorias do dia. O conde de ***, chamado por Alvaro a conselho, redigiu e escreveu a resposta á carta, visto que o seu amigo, turbado de vinho, apenas tinha entendimento para conhecer que o frade o incommodava, como parapeito dos tiros de sua mulher. A resposta, portanto, foi simples e peremptoria. Alvaro agradecia muito os pios conselhos do padre, sentia muito os incommodos de sua mulher; recusava, porém, acceder á convivencia pedida, e aproveitava a occasião para observar a sua reverendissima que a sua pertinaz assistencia em casa d'elle Alvaro era pouco delicada, provando-se que não havia n'essa casa meninos para educar. Terminava, ordenando que sua mulher se recolhesse a Lisboa quanto antes, visto que os ares campestres não conseguiam alliviar os seus padecimentos.

Esta carta foi lida a Alvaro, que deu no hombro do seu secretario uma sonora palmada, como signal de applauso e gratidão.

XXII

Frei Antonio fora assistir ao trespasse de um moribundo, e não estava em casa quando chegou o conductor da resposta. Foi Maria que recebeu a carta, e, vendo a lettra inesperada de seu marido, sobresaltou-a tanto o prazer, que nem sequer reflectiu para abril-a.

Leu... E mal viu as ultimas linhas, entrou em tremuras, escondeu a carta no seio, deixando uma parte d'ella visivel; luctou como querendo segurar o alento que lhe fugia; mas debalde. Padre Antonio ergueu-a des-

maiada de um canapé, quando voltou. Tirou-lhe do seio a carta, leu-a, e tornou a insinual-a sem a sobrinha dar fé. Esta, recuperando os sentidos, viu ao pé de si o tio, com ar risonho, trahindo-se em algumas palavras confortadoras; mas a pobre senhora, de momento a momento, levava a mão ao seio para certificar-se de que a carta lhe não fora tirada.

— Então que foi isso, minha filha?—perguntou o padre.

— Um desmaio, resultado da grande fraqueza que tenho, e de um passeio que dei longo de mais para as minhas forças...

— Pois tu saíste, Maria? não enganes o teu tio.

Aqui, Maria córava, e o frade vinha logo com o remedio, fugindo para outra ideia.

Depois de uma hora, em que dois corações angustiados estiveram a enganar-se mutuamente, padre Antonio abraçou sua sobrinha, e disse:

— Olha, menina, o extremo do soffrimento não se póde dizer qual é, nem quando chega; por isso não direi ao certo que as nossas penas estão a passar por serem culminantes. Mas é de fé para mim, filha, que isto assim não póde demorar-se muito. A piedade do Altissimo está por instantes a amerciar-se de nós. Maria, fica no teu quarto; pensa n'essa carta que tens no seio, eu vou pensar tambem: e, passada uma hora, estaremos juntos. Antes, porém, de decidir, Maria, pede ao Senhor a luz da graça.

Maria ficára como engolfada em profundo pasmo com a mão no seio. O frade saíra.

XXIII

Passada uma hora e um quarto, foi a sobrinha, atemorisada pela falta, que entrou subtilmente no quarto de seu tio. O velho estava de joelhos diante de uma cruz. Sentiu-a entrar, voltou um pouco a face, e disse:

— Espera um bocadinho, menina; eu fallo-te já.

Maria ajoelhou ao pé d'elle.

— Pois sim, oremos juntos — disse o padre. — Se já resolveste, pede commigo ao Senhor que mude a tua tenção, se ella não é do seu agrado.

Decorridos alguns minutos, ergueram-se ambos.

— Pensei, meu tio — disse Maria.

— E então?

— Creio que Deus permitte a minha vontade: o tio me dará a certeza da minha fé, se não se oppozer.

— Pois diz, filha.

— Eu fujo a meu marido.

— Como foges a teu marido?! — atalhou o velho espantado.

— Acolho-me ao seio de Deus, para morrer tranquilla.

— Entendi, minha filha! — exclamou elle com jubilo, abraçando-a — Queres dizer que entras em um convento.

— Sim, sim.

— Foi a minha ideia, quando orava...

— Sim? então, bemdito seja Deus! — disse Maria, erguendo as mãos com arrebatamento — Já vejo que o Senhor approva a minha resolução. Eu pedi muito á Virgem que lh'a inspirasse, meu tio. Vou para as Therezinhas. Tenho lá muitas amigas, que me hão de fazer digna de orar com ellas. Trabalharei para viver, em flores, em recorte de papeis, em tudo, porque pouco me basta. Poderei vêl-o todos os dias, meu tio, e verei meus paes, e meus irmãos. Se Alvaro um dia me quizer, elle irá procurar-me, e eu serei sempre para elle o que sou e o que fui. Não lhe tenho odio, não tenho. Sei que elle ha de ser ainda muito infeliz, e talvez seja eu, depois de meu tio, quem lhe restitua a boa alma que elle tinha, quando o conheci...

— Tu choras, Maria? — interrompeu o padre carinhosamente — Levas saudades de Alvaro, não levas?

— Saudades? não sei que sentimento é este!... parece-se mais com o da compaixão. É como se eu dissesse: «podiamos ser ambos tão felizes!... e assim não se sabe qual de nós será o mais desgraçado!» é o que eu sinto,

meu tio. Já vê que o estimo ainda como se fosse um meu irmão perdido de vicios, que maltratasse sua familia, e que eu tivesse conhecido, enchendo de carinhos minha mãe e meus irmãos. Lembra-me que elle era tão amigo de todos! entrava na nossa casa como se fosse nosso... agradecia tanto o nosso bom agasalho, sem saber que nós ficavamos sempre tristes quando elle nos deixava... É porque eu choro, meu tio... Isto é saudade do que elle foi, e compaixão do que é... Paciencia... Vou para as Therezinhas... Imaginei-me sempre lá desde criança, não se lembra? No tempo em que eu cantava aquellas palavras tristes, pensava tanto em pedir a minha mãe que me deixasse entrar no convento, ainda que fosse como creada...

— E hoje, Maria... talvez... tenhas de entrar como creada...

— E isso que tem, meu tio?! Pois nas Carmelitas não entravam tantas senhoras distinctas que faziam a cozinha ás semanas? Que tem que eu seja creada? Alvaro não póde envergonhar-se d'isso; porque ha muitas situações vergonhosas para um marido, mas esta — a de servir — não é uma d'essas... pois não?

Maria córou proferindo algumas d'essas ultimas palavras. Frei Antonio, depois de abraçal-a, disse:

— Eu vou para Lisboa, minha sobrinha. Fallarei com a prioreza; veremos como has de entrar; antes, porém, d'esse passo, é preciso que escrevas a Alvaro.

— Pedindo-lhe consentimento?

— Sim.

— Se m'o nega?! não vou?

—Vaes, Maria. A petição é a humildade da esposa; mas a fuga é o ultimo direito da victima. Onde ha algoz não ha marido.

XXIV

Era assim a carta de Maria a seu marido:

«Foste enganado por uma chimera, Alvaro. Não era

eu a mulher digna do teu amor. Quando vi apertar-se o teu coração á dor do arrependimento, tive mais compaixão de ti do que de mim. Eu, pobre mulher, posso soffrer e chorar, sem ser vista. Tu, Alvaro, nascido para os prazeres do mundo, cuja privação o meu amor não podia recompensar-te, soffrerias muito, se não tivesses animo de afastar com a ponta do pé os deveres, e esquecer que eu sou, ao mesmo tempo, tua escrava e tua tyranna.

«Felizmente que adoptaste o melhor expediente. Penso que as distracções, longe de mim, te deixam sentir as doçuras da liberdade. És, talvez, feliz. Se o és, Alvaro, olha que esse bem peço-o eu constantemente a Deus para ti. Não te deixes vencer jámais do remorso. Os meus padecimentos, bem o sabes, não se alliviam em queixas. Nunca te pedi explicação da tua frieza, nem te dei uma palavra aborrecida por outra. Até as lagrimas te escondia, não é verdade? Se me surprendias chorando, antes queria mentir-te uma invenção, que exacerbar-te com as minhas lastimas o pezar de me teres dado o direito de te arguir. Quando assim se soffre, Alvaro, não ha ideia de vingança, nem se aceita com prazer a expiação de quem nos mortifica.

«Vamos tratar da tua felicidade, meu caro irmão. Deixa-me dar-te este titulo, que tem tanto do affecto como da razão. Entre nós já não existe o grande amor, que me parece ser inflexivel aos dictames do juizo. Podemos suavemente caminhar cada um para seu lado, sem voltarmos as costas com arremesso. É o que eu queria, e espero conseguil-o, porque, sendo eu tão fraca, a força que sinto para dar um passo em teu bem, é Deus que m'a dá, e dar-m'a-ha até ao fim.

«Deixo-te mais livre do que vives, Alvaro. Vou entrar em um convento, e vou pobre como vim para tua casa. Sentirei lá que és meu marido, porque não cessarei de orar por ti, e offerecer em desconto das minhas e das tuas faltas o tempo que Deus me der de vida.

«Conheço que nasci para a solidão e para os prazeres ignorados da vida obscura. Esta consciencia é a absolvição de algumas cruezas do teu caracter para commigo.

Tu precisavas de uma mulher que te disputasse na sociedade uma parte da tua gloria. Querias, talvez, abrilhantar-me aos olhos dos outros com o reflexo da tua luz. E eu, educada na pobreza e na simplicidade, não pude, por mais que quiz, contrafazer a minha indole. Fui arrastada pelo dever aos raros bailes onde me levaste; voltava de lá contente com a esperança de estar sósinha comtigo, e muitas vezes me deixaste sósinha com a minha saudade, e tornaste aos bailes a aproveitar as horas que eu te aguava com a minha inexoravel melancolia.

«Era então que eu te lastimava, por teres sido enganado pelo coração, quando me dizias que a vida, no ermo, só commigo, era o teu sonho de ventura, e amaldiçoavas o brilho perfido da sociedade que te não deixára mais cêdo ver o que é este mundo, com os olhos da razão.

«Se me não tivesses dito isto, Alvaro, eu seria muito culpada por aceitar o sacrificio da tua liberdade. Fomos enganados ambos. Pensava eu que era verdadeiro o teu fastio dos prazeres ruidosos e vãos; cuidei até que o meu maior merecimento para ti estava no desprezo com que eu ouvia lá fóra do meu cantinho o bulicio da vida opulenta. Aqui está por que eu não te peço perdão de ter querido ser, contra a vontade de meu bom pae, tua mulher. D'esta culpa quem me ha de perdoar é o pobre velho, e eu conto com a bondade da sua alma.

«Aqui tens, pois, o meu destino, Alvaro. Vou para um convento; não devo, porém, saír de tua casa sem praticar este acto de humildade, rogando o teu consentimento. Quasi certa de que m'o dás, vou fazer os meus ligeiros preparativos. Ainda não disse tudo, Alvaro... Se um dia sentires a penosa necessidade de fallar a alguem que te diga palavras de allivio, procura-me, vae sem receio de encontrares uma queixosa. Eu farei quanto podér em teu bem contra o mal que o mundo te houver feito. Chamarei á tua alma as reminiscencias do que ella foi, quando eu t'a mereci, furtando-a ás outras paixões. Vae procurar-me, Alvaro, e acharás sempre uma irmã.

«De tudo o que te disse n'esta longa carta, deves ti-

rar a certeza de que, muito longe de odiar-te, estimo-te, sou tua amiga, offereço a minha vida pelo dom da tua ventura; mas quizera, Alvaro, que essa ventura não fosse mentirosa. A que presentemente gosas não póde ser duradoura, nem filha do espirito.

Adeus.

Tua mulher
Maria dos Prazeres.»

XXV

Maria entrou no quarto do padre. Estava elle ajuntando em um saco os seus livros, e uma pouca de roupa branca.

— Já escreveste, filha?! Vamos ver a tua cartinha... — disse elle, continuando o seu serviço — Eu estou aqui ajuntando estes farrapos, e estes quatro livros. A nossa bagagem, Maria, é tão pequena, que a póde um frade velho transportar debaixo de um braço. Ora vamos lá; lê a tua cartinha.

Maria leu, affectando serenidade. Não podia, comtudo. De instante a instante havia embargo de soluços, lagrimas pertinazes, e alterações na côr. Padre Antonio tomou-lhe das mãos a carta, e leu-a em voz alta.

— Está muito boa — disse elle, afagando as faces de Maria.—Vou mandar o proprio a Villa Franca. Ámanhã por noite está cá a resposta. Eu virei então saber qual ella foi.

— Pois, meu tio, já hoje me deixa?! — interrompeu Maria com vehemencia.

— Pois então, menina? A minha licença acaba logo que a trouxa esteja prompta. Eu não estranho isto... Quando me mandaram saír do meu convento, que era a minha casa, saí logo; agora mandam-me saír de uma casa, que não é minha, que hei de eu fazer? Saír mais depressa ainda, se é possivel, e sacudir á saída da porta o pó dos meus sapatos. De mais a mais, bem sabes que

preciso fallar á madre prioreza das Therezinhas no teu agasalho, que ainda não sabemos como será, e todo o tempo é pouco... Nada de lagrimas! Por amor de Deus, recebem-se todas as amarguras com olhos enxutos. O merecimento aqui não é chorar, é rir ao céo. Ha uma só causa justa para lagrimas, Maria: vem a ser a offensa a Deus, que é Pae, ou aos homens, que são nossos irmãos. D'estes peccados absolvo-te eu, menina, que os não tens. A offendida és tu, e, por conseguinte, perdão para os homens, e oração de graças ao Senhor.

XXVI

Alvaro da Silveira recebeu a carta, quando saía para Santarem, onde o esperava um brilhante saráu, em que era rainha uma nobre dama que se deixára ferir do nobre caçador. Era, portanto, muito improprio o ensejo da carta, cuja generosidade tinha para elle o valor odioso de uma accusação mascarada. Foi esta a opinião do seu amigo conde.

Alvaro respondeu vocalmente que mais tarde responderia por escripta. O portador, industriado pelo padre, replicou humildemente que não voltava sem resposta, ou signal de ter sido recebida a carta. Perguntou-lhe Alvaro quem lh'a tinha dado. O creado fallou a verdade.

— Pois esse hypocrita ainda lá está? — exclamou irado o fidalgo. — Leva, — continuou elle — ahi vae o signal de que recebi a carta.

E entregou-lhe, aberta, a carta de sua mulher.

Tal foi a resposta que Maria recebeu.

Diga quem podér as lagrimas que este desprezo lhe custou. O frade respeitou-as tanto, que, em logar de consolal-a com a paciencia, eloquente sempre em seus labios, chorou tambem.

— Vamos, filha — disse elle por fim.

— Já?! de noite? — reflectiu ella.

— Tens mêdo, Maria? A noite vae melhor ao estado

da nossa alma... Chegaremos de madrugada á tua nova casa. Passarás o dia no locutorio com a nossa familia.

—Pois está tudo arranjado?

—Tudo, Maria, tudo providencialmente arranjado. Vaes ser hospeda da snr.ª escrivã, emquanto eu não posso por meios certos, que Deus me ha de deparar, comprar-te uma cella no convento. Depois, o teu trabalho dar-te-ha uma subsistencia certa. Fallaremos, fallaremos... Vamos embora.

Maria foi, quasi desfallecida, encostada ao hombro do padre, até entrarem em uma sege de praça que os esperava no portão. Grande, porém, foi a surpreza da atribulada senhora, quando, ao entrar na sege, foi apertada por uns braços convulsivos de ternura, e beijada por uns labios que só podiam ser de sua mãe, pelo afogo com que lhe bebiam as lagrimas da face.

O chôro de ambas embargava as palavras soluçadas. O que ellas, porém, queriam dizer era pedirem-se perdão mutuamente: a mãe á filha, por lhe haver affervorado e absolvido o amor a Alvaro; a filha á mãe, porque fraqueava no martyrio, e, sem pedir-lhe conselho, abandonava aos juizos da sociedade a explicação da sua fuga, talvez bem infamada.

XXVII

A sege parou defronte de um mosteiro.

Rompia a manhã. Tão lindo estava o céo, tão balsamico o ar ao pé do arvoredo do convento, as aves deleitavam tanto o coração, o múrmuro despertar da natureza tão meigos arrobos filtrava ao seio de Maria, que, enlevada em mudo regalo, docemente lhe marejaram nos olhos as lagrimas de um contentamento infantil, se não eram antes o respirar suavissimo da abafação angustiosa em que penára.

Aberto o portão exterior, frei Antonio entrou com sua cunhada e sobrinha. Algumas religiosas desceram á por-

taria, e levaram comsigo mãe e filha, felicitando esta com grandes jubilos, e inventando graças para a desassombrarem da sua tristeza. Sabiam-lhe bem a magoada vida, e a virtude santa, aquellas servas do Senhor. A Mãe de Jesus, protectora sempre invocada de Maria, tocou talvez o coração das carinhosas freiras, que parecem porfiar qual mais mimos e agrados fará á querida hospeda.

D'ahi a pouco, volveu ao mosteiro frei Antonio com a familia toda. O coronel esmoreceu d'aquelle seu grande animo, vendo a magreza cadaverica da filha. O velho, alimpando as lagrimas, fez que nenhuns olhos ficassem enxutos. Diante d'aquella magestosa dor não houve uma só pessoa que tivesse espirito para consolal-o. O padre, esse, o que mais alli soffria talvez, abaixava humildemente a cabeça diante de seu irmão, como quem confessa a maior culpa de tamanha desventura.

Uma das religiosas, querendo consolar, censurou sem asperidão, ainda assim, o proceder inhumano de Alvaro da Silveira.

Maria fez um gesto de desagrado, e, sentindo amargamente que lh'o não entendesse a freira condoída, disse:

— Alvaro da Silveira é meu marido, minha senhora. Deus é que julga as nossas acções... Eu preciso a piedade de toda a gente, mas não queria que ella custasse a Alvaro a sua condemnação. Meu marido não é mais feliz que eu. Por isso que estou muito certa d'isto, peço ás senhoras d'esta casa que roguem a Deus por elle, quando lhe rogarem por mim.

Ficaram como assombrados todos os animos, e apiedados os corações. Ninguem, durante aquelle dia, proferiu o nome de Alvaro.

Á tarde houve um adeus de muito chorar; mas, no dia seguinte, lá estavam os irmãosinhos e a mãe da secular, e o tio padre, uns para chorar com ella, outros para distrahil-a com as suas innocentes graças.

XXVIII

Maria trabalhava em flores, em costura, em tudo que fazia independente o seu parco passadio; e, desde o segundo dia, oração e trabalho alternavam-se, afóra as horas das lagrimas, que eram de noite, sósinha, a occultas das consolações, ás vezes importunas, das amigas, que todas o eram.

Frei Antonio foi um dia mui alegre ao locutorio, e disse isto a Maria:

— O pae de Alvaro foi hoje a nossa casa, atribulado que fazia dó! É homem honrado, e quer-te como a filha. Sabia tudo, e abraçou-se a teu pae, pedindo-lhe compaixão para o mais desgraçado dos paes. Queria ver-te, não se afoutava a vir sem licença nossa. Concedemos-lh'a todos com muito prazer. D'aqui a pouco está comnosco, filha. Pede uma grade para o receberes.

E, ditas estas e mais algumas palavras da alvoroçada Maria, o velho Silveira chegou-se ao locutorio, dizendo que queria abraçar sua filha. O claustro negava-lhe satisfazer tal desejo, e d'alli foi para uma grade, onde foi pathetica a scena. Maria não se queixava, ao mesmo tempo que o velho amaldiçoava o filho. Ella, então, punha as mãos supplicantes, pedindo-lhe que levantasse a maldição de sobre o infeliz Alvaro.

Silveira apertava a mão do padre, e dizia:

— Com este nobre e santo coração recompensa o Senhor todos os padecimentos de uma familia; esta virtude, porém, exacerba a minha mágua, porque eu sou páe de um monstro, e este anjo é victima d'elle, e... talvez minha. Fui eu que lh'a pedi, snr. padre Antonio...

Occorriam então as pacientes reflexões de Maria, querendo absolver todos os que promoveram o seu casamento. E, sem affectação de virtude, a christã de coração e ensino dizia que mais devia agradecer a Deus as provações em que pozera a sua fé, e a sua esperança no premio celestial.

Silveira quiz saber que vida era a da sua nora. Contou-lh'a o padre. O velho, pasmado de tanta resignação, quiz logo alli chamar a prioreza para dizer-lhe que n'aquelle mesmo dia a esposa de seu filho era uma secular com fartos meios de subsistencia, e com todas as regalias possiveis em um convento.

Maria atalhou a liberalidade do sogro, dizendo que não aceitaria um ceitil emquanto podesse trabalhar.

Foram, depois, baldados esforços de sogro e tio. Não havia, com razões, demovel-a do seu proposito. As que se lhe davam eram frivolas. Silveira queria que sua nora tivesse alli a grandeza do seu nascimento. A isto replicava ella que nascera mui pobre, e cria que o saír da sua obscuridade fora infelicitar-se, e rebuscar novas pompas seria reincidir na desgraça voluntariamente. Só no trabalho esperava allivio, dizia ella; e por misericordia pedia que a deixassem com os seus recursos, porque a aptidão para o trabalho fora o seu inexhaurivel patrimonio.

LIVRO ULTIMO

I

Desde 1835 até 1842, a historia de Alvaro da Silveira é a historia de todos os homens perdidos.

A reclusão de sua mulher, no principio, recebeu-a como um ataque aos seus direitos de marido, e quasi esteve, por orgulho, a requerer um divorcio, ou, ainda mais, a annullação do casamento.

Outras ideias vieram desenleal-o d'esta preoccupação periodica. O seu amigo conde chasqueava-lhe a demasiada susceptibilidade, dizendo-lhe que poucos maridos deviam tanto á fortuna, que, por tão suave processo, o descartára a elle do tropeço conjugal.

O velho Silveira saíu d'este mundo, um anno depois que Maria entrára no convento, ralado de penas, infamado pelas immoralidades de Alvaro, que, de collaboração com o conde, redigira os famosos estatutos para a chamada *sociedade do delirio.* Ao estrondo das primeiras impudencias, o pobre pae correu a querer salvar o filho. Foi recebido com desdem, e repellido com o desprezo ás suas instancias. O velho coração não podia com o golpe. Morreu, sem seu filho ao pé do leito, quasi desamparado dos parentes que o inculpavam na educação licenciosa de Alvaro. Quem lhe ministrou as consolações do trespasse, foi um estranho: Frei Antonio dos Anjos, ao qual o senhor de uma grande casa disse, á hora da morte, que as dissipações de Alvaro não lhe tinham deixado seis vintens para mandar dizer por sua alma uma missa.

II

O marido de Maria viajava então por França, onde lhe foi a nova da morte de seu pae. Alvaro melhorava de meios, porque os recursos que seu pae lhe dava, comquanto superiores ao rendimento de sua casa, não bastavam á dissipação.

Veio prestes a Lisboa tomar conta dos seus vinculos.

Procurando um usurario que lh'os aceitasse como hypotheca de alguns contos de réis, ninguem os queria por mais do valor dos rendimentos de tres annos, porque a magreza livida de Alvaro aterrava os agiotas.

Um mercieiro, antigo creado de seu pae, sabendo que o fidalgo barateava á usura os seus bens, apresentou-se-lhe para aceital-os como hypotheca de uma somma quasi igual ao valor d'elles.

Alvaro abençoou o seu destino, e, receioso de que o mercieiro se arrependesse, apressou o contrato.

O comprador, porém, clausulou que em sua mão ficaria uma certa somma para acudir ás necessidades da esposa do vendedor, se ella um dia as sentisse. Alvaro aceitou sem hesitação, maravilhado de que o inepto logista não pedisse a assignatura consentanea de sua mulher!

Este mercieiro conhecia frei Antonio dos Anjos. Captivo do benevolo interesse d'elle, o padre fora-lhe contando os infelizes acontecimentos d'aquella casa. O velho creado de Gonçalo da Silveira, quando soube que seu amo expirára, quasi desamparado, e sem seis vintens em dinheiro para uma missa, chorou, e protestou valer ao filho, quando o soccorro lhe aproveitasse depois de uma lição amarga.

III

Em 1842, Alvaro, fugindo aos credores de Paris, de Londres, de Madrid, de onde quer que desbaratou o seu e o alheio, appareceu em Lisboa, pedindo ao mercieiro que lhe valesse. A desgraça quebrára-lhe a soberba. Alvaro pedia com humildade, senão era antes relaxamento, soccorro ao creado de sua casa. O logista deu-lhe a quantia, que ficára como em deposito para ser dada a Maria, dizendo que ella o mandára entregar a seu marido.

Recebeu-a com indifferença, e consumiu-a obscuramente em uma roda que não era a sua, na convivencia de individuos que, sómente no abysmo da desgraça, sem honra, se encontram.

Padre Antonio dos Anjos não sabia dizer a Maria onde seu marido estava. O mercieiro é que não perdia de vista o filho de seu amo, com a mira de levantal-o, quando elle abrisse os olhos no extremo caír de perdição.

Foi elle, pois, quem deu ao frade miudas novas de Alvaro da Silveira. Umas vezes recebia dos parentes uma dadiva, como esmola. Outras, achava-se entre a gentalha, buscando nas fezes sociaes esquecer os esplendores que dissipára. Era ahi que chegava a mão mysteriosa do logista.

IV

Um dia, Alvaro da Silveira quiz annullar o contrato feito com o desconhecido bemfeitor. Aconselharam-o que a acção de dolo devia ser intentada por sua mulher contra o comprador fraudulento dos vinculos. Alvaro escreveu a sua mulher uma carta, onde se via um espirito embrutecido pela desgraça, um ar de cynica indifferença, não affectada, porque é ella o caracteristico do ho-

mem a seus proprios olhos desprezivel. N'esta carta pedia Alvaro a Maria que o coadjuvasse a resgatar os bens, de que dependia a farta subsistencia de ambos.

Maria respondeu que não podia demandar o comprador de uns bens que ella nunca julgára seus. Acrescentava que os unicos bens de sua posse eram a propriedade do trabalho; e o resultado d'ella repartil-o-hia irmãmente com seu marido, se elle o aceitasse. O padre quiz ser portador d'esta carta.

Alvaro não pôde evitar a presença do tio de sua mulher. Estava elle vivendo em um quarto de emprestimo na casa de um homem, que lh'o offerecera, não conhecido seu. A providencial espionagem do mercieiro preparára-lhe esse quarto, ao mesmo tempo que o avisavam das intenções de Alvaro ácerca dos rendimentos comprados.

Eis aqui o que disseram Alvaro e o padre:

— Que futuro será o seu, snr. Alvaro?

— A continuação do presente, quando sua sobrinha não queira tirar-me d'elle.

— Minha sobrinha!?

— Sim. Se minha mulher annullar a escriptura que assignei do trespasse dos meus rendimentos por vinte annos...

— Já viu o que minha sobrinha lhe diz.

— Então, seremos ambos desgraçados, e eu mais do que ella, porque fui criado na opulencia, e ella...

— Na miseria: póde v. exc.ª acabar a phrase, que nos não envergonha. Maria offerece a seu marido um quinhão da sua miseria.

— Não entendo...

— Reparte com seu marido o salario de seu trabalho.

— Está zombando? Que póde minha mulher repartir?

— Migalhas.

— Eu não vivo de migalhas, nem queria que ella vivesse. Agradeço-lhe esse offerecimento que me faz. Se é castigo com que me pune, bem castigado estou, snr. frei Antonio. Diga-lhe que aos desgraçados da minha especie perdôa-se, porque a necessidade é um supplicio infernal para o homem que teve.

— E, comtudo, a honra na pobreza rehabilita o desgraçado.

— Não é n'este tempo, nem esta sociedade... E, demais, eu não sou deshonrado. Tenho gasto muito, tenho dissipado tudo, mas esse muito, esse tudo era meu.

— Tem v. exc.ª orgulho do seu feito?

— Tenho; tenho legitimo orgulho de ter fugido á sociedade antes que ella me repellisse.

— E se ella o abraçasse na sua pobreza?

— O senhor não conhece os homens. Se os conhecesse, sua sobrinha seria hoje a feliz virtuosa que foi.

— E é, se não feliz, virtuosa... mais, pela paciencia, e pela esperança...

— Esperança!...

— Esperança, sim, de o ver rehabilitado perante ella e o mundo. Ouça-me, snr. Alvaro. Comece hoje a ser amigo de sua mulher, se póde. Verá o que é um anjo. Verá como ella o faz esquecer da sua posição infeliz n'este mundo. Aquelle poder de Deus, que as minhas mãos indignas não souberam empregar na sua regeneração, verá v. exc.ª o que é nas mãos da pobresinha recolhida de Sant'Anna. Queira vêl-a, que ella não lhe fugirá. Vá vêl-a. Não cuide que tem de pedir perdões, accusando-se de ingratidões e crueldades. Vá como se não tivessem corrido seis annos sem se verem, sem se escreverem. A sua salvação é ella que a tem no thesouro da nobre alma, que Deus lhe enche todos os dias de conforto e esperança...

Alvaro escutára o longo discurso do padre, sem quebrar-lhe a successão de palavras, qual d'ellas mais tocante.

Frei Antonio, abraçando-o por fim com carinhosa effusão, perguntou:

— Vae, snr. Alvaro?

— Irei, se assim o quizer.

As muitas lagrimas de Maria, as de sua familia, as orações religiosas que pediam a Jesus misericordioso a regeneração de Alvaro, começaram a florir para fructos abençoados.

V

O padre separára-se no caminho, por suppôr que a sua assistencia constrangeria Alvaro na presença de Maria dos Prazeres. Alvaro, porém, desde que se viu só, e á porta do mosteiro, desanimou.

Não foi o receio de ser accusado de ingrato e cruel que o susteve. Essas accusações já o frade lhe tinha dito que não as ouviria. O que lhe esfriou o alvoroço com que ia, foi um sentimento de vergonha de si proprio. Acostumado a deixar-se sempre guiar, sem combate, pelas primeiras impressões, boas ou más, Alvaro depressa annuira a procurar sua mulher, e mais depressa foi vencido pelo orgulho, que lhe dizia quanto elle ia ser pequeno diante de sua mulher.

A soberba apraz-se, ás vezes, em escarnecer as suas victimas, depois que as acha despenhadas na miseria. É quando ella se converte em castigo duro, tormento incomparavel. Emquanto rico, Alvaro, mordido pela serpente da soberba, acudia á dor da chaga com o balsamo do ouro, essa alavanca poderosa do capricho e da vingança. Pobre, a ferroada da vibora entrava-lhe até ao coração, e d'ahi lavrava ulcerosa, porque a miseria constante lh'a estava descarnando sempre.

Por isso o pobre orgulhoso será entre os mais desgraçados o primeiro. Se Deus se não amerciar das angustias, que espedaçam o homem caído em miseria do alto da grandeza, o inferno das dores indescriptiveis estará no coração d'esse Lucifer despenhado.

VI

Maria recebeu esta carta:

«É o teu amor, ou a tua piedade que me chama, Maria? Se amor...! como hei de eu acredital-o? que fiz eu

que te não mereça odio? onde póde estar esse amor, depois de seis annos de ingratidões, e esquecimento, a peior de todas?! Esquecimento, não. Lembravas-me, Maria, e sabes quando, e com mais amargura? Quando me sentia caír. A cada empurrão, que o destino, ou o Deus da vingança, me dava para este abysmo, era então que eu te via, despenhada por mim, vendo-me caír; mas que differença entre as nossas quédas! Eu a precipitar-te, e um anjo do céo a erguer-te para onde a minha alma desesperada não póde já desafogar as suas afflicções!

«Não podes amar-me, Maria, não podes. A compaixão, se outro affecto me não tens, essa não a aceito. Além de certo extremo de infortunio, está o egoismo na desgraça, o desprezo da piedade vã, se não é antes humilhadora. Deixa-me esperar a morte n'este lodaçal em que vivo. A esperança não póde mais entrar em minha alma. Adeus.

Alvaro.»

VII

As lagrimas de Maria desfaziam as linhas que ella escreveu, em seguida á leitura d'esta carta. A penna obedecia ao ardor do coração. Era a primeira vez que ella o escutava, e lhe obedecia sem consultar primeiro o padre.

Era assim a resposta que Alvaro recebia pelo mesmo portador:

«Vem, meu amigo. Deus te guie o coração, que a sua divina mão abriu ao teu arrependimento. Tu és ainda muito rico: do thesouro de amor que te dei, e tu rejeitaste, não dissipei um só dos carinhos com que hei de restituir-te... restituir-te, não digo bem, com que hei de dar-te uma felicidade nova, nunca experimentada. O infortunio fez-te bom. Tu precisas de mim, e eu hoje tenho um santo orgulho de ser a unica pessoa que tens por ti, um coração amigo. Esse egoismo na desgraça é

uma soberba blasphema. Deus não te desamparou, meu amigo. Se de mim não queres consolações, vem ao menos ver como eu choro a perda das tuas esperanças.

Maria.»

VIII

O orgulho de Alvaro succumbiu. No dia seguinte procurou Maria. D'esta vez não o abandonou o animo á porta do mosteiro. A primeira pessoa que viu no pateo foi o seu mestre, o tio de sua mulher.

Eram oito horas da manhã. Frei Antonio entrava no templo para sacrificar, e convidou Alvaro a seguil-o, porque Maria estava no côro, e, só depois da missa, viria ao locutorio.

O abstrahido moço entrou na igreja e ajoelhou. Maria soltára, no seio de uma amiga, um *ai* que o denunciára. A amiga, electrisada pelas lagrimas felizes da secular, pediu á prelada se lhe consentia que tocasse o orgão durante a missa. Obtido o consentimento, fez soar, magestosa de tristeza, tristeza suavissima que dulcifica as lagrimas, a musica do *Te-Deum laudamus*.

Na fronte de Alvaro eriçaram-se os cabellos: a felicidade trasbordava-lhe do seio em lagrimas, corria-lhe o corpo o calefrio do arrebatamento, esse phenomeno inexplicavel, que tantas vezes abala as organisações delicadas.

IX

Soube-se logo a causa da perturbação de Maria. A prelada quiz saber por que chorava assim. A docil senhora não podia nem devia esconder o motivo das suas lagrimas. Pediu uma grade para receber seu marido, e a prioreza, ensinada pelo coração, que adivinhava os desejos de Maria, pediu-lhe para acompanhal-a á grade. A

mulher de Alvaro apertou-a ao seio com alvoroço de contentamento.

—Venha commigo, minha mãe — disse ella.—Eu preciso que elle ouça as palavras que Deus manda ao seu coração. Dê-lhe a elle a felicidade no infortunio, como m'a deu a mim. Não espero que elle me dê um amor como eu o esperava antes de experimentar as angustias do desprezo; mas, se for possivel convertel-o ao temor de Deus, elle ha de estimar-me, e com a minha estima soffrerá os trabalhos da vida, sem a impaciencia que o faz blasphemar. Oh! meu Deus! elle é tão novo, e tão desgraçado! Que longa vida de desesperação será a d'elle, se não conseguimos mostrar-lhe que se póde ser pobre e feliz!

A prelada pediu alguns minutos de espera. Recolheu-se em oração no seu oratorio, e voltou com o sorriso da esperança para Maria, e a confiança em Deus no coração.

Entraram na grade.

X

Alvaro estava em pé, com os olhos fitos na porta por onde Maria devia entrar. A prioreza, apenas entrou com a secular pela mão, disse mui affavelmente:

— Eu não esperei que me apresentassem o snr. Alvaro para ter o prazer de cumprimental-o. Conheci n'esta casa suas tias-avós, conheci sua mãe, e seu pae, e toda a sua familia. Até conheci um anjinho do céo, que me disseram ser esposa de v. exc.ª Tratei de averiguar se era verdade. O mundo dizia que sim; o anjinho tambem dizia que sim, e eu disse sempre que não, porque não acho natural que o possuidor de um thesouro, vindo do céo, o lançasse de si. Teima a minha Maria em dizer que é sua, e eu digo que não póde ser senão de quem eu quizer. Agora é minha filha, e não póde ser sua esposa, sem que v. exc.ª m'a venha pedir com todas as formalidades de noivo.

— E dar-m'a-ha v. exc.ª?—perguntou Alvaro, correspondendo com jovialidade á graça risonha da prelada.

— Dou-lh'a — replicou a prelada — com uma condição. Ha de vir viver ao pé de nós.

— Como, minha senhora?!

— Ha de vir viver comnosco. Aposto que está lá fazendo seus entes de razão contra a violação do claustro!? Eu lhe digo, meu genro, uma freira, que tem uma filha como esta, dá um testemunho de que se deixou arrastar por algumas d'essas paixões feias, que são a origem d'estes anjos tão lindos! V. exc.ª está-se rindo? Então ouça-me agora seriamente, e esta Maria, que está chorando e rindo ao mesmo tempo, escute tambem. O snr. Alvaro vem viver comnosco, não é bem comnosco, porque entre a nossa casa e a sua ha uma parede. Então já sabe para onde vae?

— Não, minha senhora; espero as ordens de v. exc.ª

— Vae para casa do nosso capellão, que é um egresso chamado Antonio dos Anjos, um santo, que foi algum tempo mestre de uma criança traquinas, que andou por esses mundos de Christo a fazer travessuras, e me dizem que ainda aqui ha de vir para ser muito meu amigo, e talvez para me pedir contas de um coração que eu, sem sua ordem, recolhi ao meu, para ambos pedirem juntos ao Senhor das misericordias a redempção de um escravo do mal, tão digno de ser o que eu sei, e Deus quer que elle seja.

Maria rompeu em soluços e lagrimas. A prelada tomou-lhe para o seio a face, como se afagasse uma criança. Alvaro estava immovel, com os olhos rasos de lagrimas, postos no sympathico grupo da encanecida prioreza e da ainda formosissima Maria.

XI

— Assim a chorar — continuou a freira, mudando para o tom jovial — não podemos combinar as nossas escripturas de casamento, nem as precedencias que hão de dar-se

antes de se unirem os meus filhos. O snr. Alvaro ha de estar dois mezes na companhia do nosso capellão; ha de vir todos os dias a esta grade almoçar com a sua velha sogra e com a sua futura esposa; ha de vir todas as tardes saber como está o rheumatismo da decrepita prelada, e traduzir-me do francez um sermão do padre Massillon, porque eu já não posso ler. Quando não estiver para ler á velha, ha de me contar o que viu nas suas viagens. Para tornarmos bem amena esta santa vida que projectamos, ha de vir para esta grade o dote que eu dou á minha menina: é um piano, e ella ha de perder o seu natural acanhamento e tocar umas musicas tristes que levam a consolação ao espirito, e trazem de dentro um tributo de lagrimas aos olhos. Ora pois, meu genro, responda se está pelas condições que eu acabo de propor-lhe.

— Minha senhora...— balbuciou Alvaro.

— Não está?! — interrompeu a prelada.

— Se estivesse ao pé de v. exc.ª... beijar-lhe-hia essa mão, que sinto no coração arrancando-me os espinhos que m'o rasgavam. Deixe-me verter este pranto, que é uma respiração de homem que se salva da morte de asphyxia. Respondam ellas, senhora, eu não posso dizer mais nada.

— Eu vos agradeço, meu Deus! — exclamou a freira, erguendo as mãos, e ajoelhando, com a face pendida para o seio. Fora como um toque celeste o d'aquella transição do sorriso para a humildade magestosa d'aquella postura, em que Alvaro e Maria pareciam absorvidos, contemplando-se, e contemplando-a mudamente.

XII

Frei Antonio dos Anjos, sabendo que a prelada o mandára entrar na grade passados alguns minutos, chegou no ensejo em que a veneranda senhora limpava as lagrimas.

— São lagrimas de felicidade...—exclamou ella —Venha compartir do nosso jubilo, frei Antonio. Ahi tem o seu discipulo, que vem do mundo mais instruido do que foi das suas lições. Traz a sciencia da desgraça, e entende que para ser um sabio completo só lhe falta a sciencia da resignação. Essa é que o padre-capellão lhe ha de ensinar. Já sabe que o seu quarto ha de ser mobilado por mim, e conforme for do meu agrado? Pois ha de ver como uma freira caduca tem ainda o gosto apurado. Hoje ha de remediar-se com a cama que o padre lhe der; ámanhã ha de ter um quarto que nem um palmito. Os quadros hão de ser os que a minha filha me deu; são flores, que significam o aroma que vae da oração até Deus; são um cãosinho, que é o symbolo da amizade; é uma cruz, que significa o throno onde todas as angustias são coroadas soberanas da gloria eterna... emfim, são obras de muito lavor e de muita paciencia, desbotadas quasi todas pelas lagrimas. Ora pois, está tocando ao côro; eu vou lá pedir a Deus que abençôe a escolha que fiz de um genro, e a minha filha, que está mais para chorar, qual quer, vir enxugar essas lagrimas aos pés da cruz, ou ficar aqui?

Maria não respondeu. Frei Antonio interrogou com os olhos a vontade de Alvaro, e conheceu-o opprimido.

— Vão, vão — disse o padre.—Nós voltaremos.

— Maria! — disse Alvaro — eu ainda te não ouvi uma palavra. Seja só uma... diz-me: «perdôo-te.»

Maria exclamou entre soluços:

— Deus sabe que nunca te accusei; se me tivesse queixado com ira, pedia-te perdão agora.

— É pois certo, meu Deus?—disse Alvaro.

— O que?— perguntou a prioreza.

— É certo que é possivel a felicidade para mim?...

XIII

Alvaro da Silveira hospedou-se em casa do capellão. As suas horas eram repartidas conforme o programma

da prioreza. Frei Antonio já não ousava confiar em si, e suffocava sempre a alegria do coração, que exultava com a rehabilitação de Alvaro.

Maria, porém, acreditava-o, e a prelada tambem. Alvaro parecia feliz com ellas, feliz com o padre, feliz com a leitura em que empregava o tempo livre.

Ninguem lhe fallava no seu passado, nem elle proferia palavra que despertasse recordações. Tambem não fallava no futuro, e, se Maria vaticinava delicias na pobreza, o melancolico moço revelava um soffrimento doloroso como a vergonha ou como o remorso.

O passadio de Alvaro era superior ás posses do egresso. Um dia perguntou elle se a capellania consentia tanto. Frei Antonio respondeu que podia muito o trabalho de Maria. Alvaro chorou, ergueu-se da mesa, e exclamou:

— Estou punido, meu Deus!

XIV

Alvaro, procurando Maria, disse-lhe:

— Não abusarei das tuas bondades, anjo. Vivo do teu trabalho, agradeço-te de joelhos a esmola, e não posso continuar a recebel-a.

Maria soltou um grito do coração, e disse a Alvaro que não a matasse.

— De joelhos sou eu que te peço, meu amigo, — exclamou ella — que me não abandones. Recompensa-me do muito que soffri, permittindo que eu sinta a santa felicidade de trabalhar para nós ambos. Oh! tu não sabes avaliar que ventura é esta! Se tivesses nascido pobre como eu, se tivesses ajudado com o teu talento a comprar o pão de teus paes e teus irmãos, não tinhas a crueldade de me roubar este prazer. Ó Alvaro, diz-me que é certo viveres para mim e para a esperança de melhores dias. Diz-me que entre a minha alma e a tua não ha uma linha de distancia que separe as nossas ultimas migalhas de pão.

XV

Passados dois mezes encontraram-se frei Antonio e o mercieiro que tinha emprestado dinheiro sobre os rendimentos da casa de Alvaro.

— Já sabe tudo?—perguntou o padre.

— Sei tudo — disse o logista.— O rapaz está outro. Vae ver sua mulher todos os dias, e ouvi dizer que chorava os seus peccados. Que faz elle agora, se está arrependido? Por que não tira a pobre senhora do convento? Que se arremedeiem com pouco, e vivam juntos.

— É pouco de mais o que elles tem para viverem.

— Eu darei o que lhe faltar; mas requeiro debaixo de juramento que nunca a minha protecção seja sabida por algum d'elles.

Oito dias depois, Maria dos Prazeres, ou dos Anjos, como a chrismaram no convento, para que o sobrenome não fosse uma falsidade, saíu do convento para uma pequena casa, onde seu marido a esperava com a face inundada de lagrimas felizes.

Aquelle viver dos tres era um santo frenesi de amor. Vinham compartir d'aquella alegria o coronel, a mãe de Maria, seus irmãos, e até a prioreza quiz acompanhar sua filha para lhe conter (dizia ella) os impetos amorosos da lua de mel. O padre estava sempre em contínua acção de graças. Ria e chorava ao mesmo tempo o bom do velho. No arrebatamento da alegria abraçava a prelada, que tinha sempre um equivoco mui engraçado que dizer-lhe n'esses expansivos abraços: riam-se todos, e o coronel rejuvenecia da intempestiva velhice.

— Quem dá os meios para esta casa?—perguntava elle.

— A Providencia de Deus — respondia o irmão.

— D'onde vem este dinheiro no principio de cada mez?—perguntava Maria.

— Da Providencia de Deus — replicava o tio ás repetidas instancias.

XVI

Alvaro da Silveira inspirava receios de reincidencia ao padre. A sua primeira conversão parecia sincera e firme, e o anjo do bem abandonára-o ás prezas do vicio resurgente. A segunda, semelhante á primeira, comquanto abonada pela experiencia de duras penas, poderia, chegando ao extremo, não vingar. Frei Antonio temia o tempo, tremia em segredo; e não ousava dizer os seus temores á sobrinha ou á irmã.

O marido de Maria, penetrando o coração do padre, dissera-lhe:

—Conheça o coração humano, meu caro bemfeitor. A minha conversão religiosa foi um abalo que devia parar. Eu era um homem que achava pequeno o mundo. Scismára muitas vezes na eternidade, quando voltava com enojo as costas aos vicios satisfeitos. O meu espirito, immergido no lôdo, não podia voejar acima do que os olhos abrangiam, e os sentidos confirmavam. Refazia-me novamente de forças para a libertinagem, procurava-lhe com cynica avidez as faces novas, e, desesperado de encontral-as, invocava outra vez a ideia confusa do meu destino.

Quando frei Antonio me appareceu, a minha alma era um vacuo horrivel. Ouvi-o, era a primeira vez que a voz de um homem respondia ás minhas perguntas a Deus. Afiz-me a consideral-o um justo, alteei-me onde os seus vôos me chamavam, e sentia rejuvenecer a minha alma de viço e alentos nunca experimentados. Maria, este anjo de Deus, fez que o meu coração se purificasse ao mesmo tempo que o espirito se regenerava. O amor que lhe dei, immenso e fervoroso, não era mentira; nem podia sel-o, porque a mentira não se sustenta á custa do sacrificio da liberdade.

O amor d'ella era para mim uma emanação do amor divino. No dia em que aquella ardente fé nos divinos preceitos se entibiasse, arrefeceria tambem o amor a sua

sobrinha. Estavam vinculados ambos os affectos: dependiam um do outro. A religião era como a lampada suspensa no meio do templo que reflecte o seu clarão em todos os altares. Logo que se apagou, fizeram-se trevas em todas as minhas affeições nobres, em todas, até vergonha senti de haver tido remorso dos meus vicios. Foi por isso que a sua presença, padre Antonio, me aborrecia, que os conselhos de meu pobre pae me enfastiavam, e que as lagrimas de minha mulher me levavam desde o desagrado até ao odio. Isto foi horrivel, mas verdadeiro.

Como a luz da religião se extinguiu em minha alma, não sei. Lembra-me que me assaltaram saudades de uma sociedade que me ridicularisava a conversão e o casamento. Saudades de uma vida mesclada de tedios e de alegrias. Necessidade de alargar o circulo de ferro que me apertava a respiração. Era o crime que me visitava com todas as suas galas perfidas. Era o anjo máu da tentação que triumphava, pintando-me insignificante de espirito, de «fortuna», e de belleza uma mulher que parecia violentar-me a adquirir os seus habitos, mesquinhamente caseiros e de baixa condição.

Ultrajei a minha pobre victima com o desprezo, e depois pensei que a mataria com o abandono. Fui um infame dos infames que se não definem.

Nenhum homem experimentou affrontas semelhantes ás que eu devorei. Todos os meus haveres hypothequei-os ao vicio e ao crime. Nunca tive uma alegria de alma por um punhado de ouro. Arrojava-o com desesperação aos abysmos onde me diziam que era possivel arrancar-se das mãos do diabo uma sensação de prazer novo. Nunca, nunca! Tocaria a ultima baliza da indigencia, se o meu fausto não apparentasse uma riqueza. Pedi quantias, algumas das quaes não pagarei jámais, porque estou pobre, e outras paguei-as com o vilipendio merecido de um carcere.

Algumas vezes vi a sombra veneranda, padre Antonio, e pavorosos sonhos eram aquelles em que eu via minha mulher a expirar-lhe nos braços.

Revivia-me então a necessidade de gritar pela miseri-

cordia divina; mas o grito de contrição era suffocado por um riso blasphemo. Quando o infortunio é superior ás forças humanas, apaga-se a luz da razão, fica o espirito na escuridade da demencia, e já não ha alma que se refugie na esperança de uma vida melhor.

Hoje, sim, frei Antonio. Já não é uma organisação susceptivel de impressões que obedece á eloquencia da sua palavra religiosa. Hoje é o desgraçado, que sente no coração fendido de golpes o poder do balsamo divino, ministrado pela mão d'aquella que victimei. O perdão da martyr é o que me está testemunhando a misericordia do céo. Vejo n'ella a omnipotencia de Deus: não a procuro nos livros, não a preciso da argumentação, não quero que me combatam com o raciocinio a impiedade que o meu coração rejeita. Creio em Deus, meu caro mestre, creio no céo, creio no inferno, creio em tudo que preciso crer para caír de joelhos aos seus pés, e supplicar-lhe que não duvide um momento da minha rehabilitação.

Padre Antonio recebera-o nos braços, soluçando palavras de benção, e de felicidade inexprimivel.

XVII

Em um dia de 1839, frei Antonio é chamado a casa de Joaquim Nunes, o logista, antigo creado de Gonçalo da Silveira. Vae, e acha-o enfermo.

— Snr. frei Antonio,— disse o mercieiro — chamei-o para me ajudar a saldar as minhas contas com o mundo, para levar diante de Deus os meus livros de razão sem nódoa. Estou muito doente, e não espero nada da medicina. O que eu tenho a dizer-lhe, não é o receio da morte que m'o faz dizer. Ha dias que eu preparava esta occasião, e oxalá que sendo a vontade de Deus, eu sobrevivesse á resolução que tomei. Ora diga-me: como se porta o snr. Alvaro?

— Melhor do que as minhas ambições.

— Já não teme que elle torne ao caminho da perdição?

— Confio em Deus, não é n'elle, nem em mim, confio em Deus que não.

— Elle sabe que sou eu o que lhe dou as mezadas?

— Não sabe: cumpri religiosamente a sua vontade.

— Deve ter dito muito mal do avarento creado de seu pae...

— Nem uma palavra, desde que está em minha companhia. Parece que confessa com o seu silencio gratidão á mão generosa que o soccorre.

— Ora diga-me, snr. frei Antonio, envergonhar-se-ha elle de vir visitar um creado antigo da sua casa, doente?

— Oh senhor, isso é duvidar do coração de meu sobrinho; essa licença estava eu para pedir-lh'a...

— Pois que venha, e venha tambem sua mulher, desejo vêl-os, e o mais breve que possa ser.

XVIII

No mesmo dia, Alvaro, Maria e frei Antonio dos Anjos visitaram o mercieiro Joaquim Nunes.

As lagrimas inexplicaveis deslisavam copiosas pelas faces do enfermo. Maria, cuja sensibilidade respondia logo á dor estranha, acarinhou o velho, e fez que Alvaro esquecesse a diminuta repugnancia que sentia em afagar um homem que possuia os seus bens, e o imaginaria capaz de humilhar-se para rehavel-os.

— Estou quasi só — disse o logista. — Tenho sido só toda a minha vida, e agora sinto necessidade de uma familia. Queria eu pedir á snr.ª D. Maria e ao snr. Alvaro, e ao snr. frei Antonio que me deixassem ir morrer a casa do filho de meu amo. Fazem-me a caridade de me aceitar em sua casa?

— Deus permitta que as suas forças o deixem ir para a nossa companhia! — exclamou a sobrinha do padre.

— Poucas forças tenho; mas transportar-me-hei em

uma cadeira, e o snr. padre Antonio tomará conta das chaves d'esta casa. O meu commercio acabou; não devo, e os que me devem foram riscados dos meus livros. Os meus negocios da vida estão fechados. Agora queria morrer, vendo duas pessoas felizes ao pé de mim, e tendo á minha cabeceira um santo homem que me ajude a pedir a Deus o perdão das minhas culpas. Se eu vencer a doença, viveremos todos, ponto é que o snr. Alvaro tenha a bondade de assentar á sua mesa um homem do povo que foi escudeiro de seu pae.

Alvaro apertou-lhe, commovido, a mão; Maria, do outro lado do leito, limpava-lhe com o seu lenço o suor que lhe inundava a fronte; e frei Antonio, com palavras de jubilo, annunciava ao enfermo que não morreria ainda, para testemunhar e ter quinhão na felicidade de seus sobrinhos.

XIX

Joaquim Nunes passou para a residencia de frei Antonio.

Nos primeiros dias a sua doença recrudesceu, consequencia do abalo physico e moral da mudança.

Depois, um ar de melhora fez crear esperanças aos facultativos. Esperanças não mentidas foram essas, porque, ao cabo de um mez de alternativas, o enfermo entrou em convalescença, e veio a restabelecer-se.

No primeiro dia que saíu a passeio, de sege, trouxe comsigo um tabellião.

Chamou á sua presença os consortes, e fez ler um testamento, em que instituia Alvaro da Silveira e sua mulher seus universaes herdeiros. O testamento foi alli rasgado, e o tabellião lavrou uma escriptura de doação de todos os seus bens a Alvaro e sua mulher, com a condição de o alimentarem na sua companhia. As especies sommadas dos bens doados excediam a meio milhão.

XX

Esta doação não alterou a felicidade d'aquella familia. Correram muitas lagrimas de alegria, mas essa alegria era a da gratidão, era o expansivo respirar das quatro nobres almas que alli se vincularam em uma sò vontade.

E a vontade de Joaquim Nunes respeitavam-a todos. Quiz elle que Alvaro fosse viver no palacete de seu pae, quiz que revivesse o antigo fausto d'aquella casa, quiz que a familia de Maria fosse a de todos. Cumpriram-se os seus bons desejos.

A felicidade d'esta numerosa familia é indescriptivel. Atė 1849, em que todos viviam, nenhum d'aquelles semblantes fora anuviado pela tristeza.

Alvaro é um modelo de honra. Frei Antonio um santo, que está constantemente agradecendo ao Senhor o galardão de tamanhas angustias. Maria, a amiga intima da baroneza de Amares, como o leitor a veria no Homem de brios, é um anjo que anda em cata de soffrimentos para consolal-os. Joaquim Nunes, no centro d'aquella familia, é um homem adorado, que, em 1849, jogava a bisca de nove com o coronel.

Bemdito seja Deus, que tem estes apostolos a glorifical-o na terra!

FIM

CATALOGO DE ALGUNS LIVROS

QUE SE ACHAM Á VENDA EM

CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO

18 — RUA DOS CALDEIREIROS — 20

Alma (A) do Justo, romance original portuguez, precedido de duas palavras sobre a vida do auctor, pelo *Dr. Guilherme Centazzi* — 2 vol. 8.º br. 500

Amor de maldição, romance por *J. M. A. T.* Porto 1870 — 2 vol. 8.º br. 800

Angelo Pitou, romance por *Alexandre Dumas.* Lisboa 1857 — 4 vol. 8.º br. .... 1$200

Angelo Pitou, pelo mesmo auctor. Lisboa 1854 — 1 vol. 4.º br. 600

Aventuras maravilhosas de Lazarilho de Tormes, extrahidas das antigas chronicas de Toledo por *G. F. Grandmaison y Bruno*, licenciado em leis; traduzidas da lingua franceza.— 1 vol. br. 400

Bravo (O), por *Fenimore Cooper*, edição illustrada. 1852 — 1 vol. fol. 300

Cachimbo (O) turco, por *Emmanuel Gonzalez* — **Noiva (A) de Inkermann**, por *Octave Féré* — **Camara (A) mysteriosa**, por *Paulo Féval* — 1 vol. 8.º br. 400

Caçadores de cabelleiras (Os), pelo capitão *Mayne Reid.* Lisboa 1855 — 5 vol. 8.º br. .... 1$200

Caldeira de Pero Botelho (A), por *Arnaldo Gama.* Porto 1866 — 1 vol. 8.º br. 500

Cambiantes de amor, romance original por *Antonio Lucio Tavares Crespo.* Porto 1871 — 2 vol. 8.º br. 1$000

Carlos Broschi, por *Eugenio Scribe* — **Joanna a louca**, por *Clemencia Roberto* — 1 vol. 8.º br. 300

Castello de Désertes (O), romance por *George Sand;* versão portugueza. Porto 1852 — 1 vol. 8.º br.. 200

Cavalheiro da Casa Vermelha (O), episodio de 1793, por *Alexandre Dumas.* 1853 — 1 vol. fol. br.. 300

Cousas que fazem rir. — 1 vol. 12.° br. 160
Collar da rainha (O), por *Alexandre Dumas*. 1853 — 1 vol. 4.° br. 600
Commendador de Malta, por *Eugenio Sue*. — 2 vol. 8.° br. 500
Companheiros (Os) do thesouro, por *Paulo Féval;* traducção de J. D. F. Chrispim — 4 vol. 8.° br. . 2$400
Conde-Duque (O) de Olivares (memorias do tempo de Filippe IV), por *Fernandez y Gonzalez;* traducção de Candido de Magalhães, illustrado por Manoel Macedo — 4 vol. 8.° br. .... 2$400
Consciencia (Na), romance por *A. C. Lousada*. Porto 1857 — 1 vol. 8.° br. 500
Contos de minha lavra, por *Francisco Leite Bastos*. Lisboa 1865 — 1 vol. 12.° br. 300
Contos do Tio Joaquim, por *Rodrigo Paganino*. Lisboa 1861 — 1 vol. 8.° br. 600
Derradeiro Abencerragem (O), por *Chateaubriand;* romance illustrado. 1852 — 1 vol. fol. 100
Diabo fechado na minha gaveta (O), pelo estudante *Rosalino Candido de Sampaio e Brito*. Braga 1861 — 1 vol. 8.° br. 600
Diana de Lys, cousas que se ignoram, por *A. Dumas, filho* — 1 vol. 8.° br. 500
Dois cadaveres (Os), por *Frederico Soulié;* traduzido do francez por Joaquim Marcellino da Silveira Mattos. Coimbra 1844 — 2 vol. 8.° br. 600
Duas (As) nobrezas, romance recreativo, traducção livre — 1 vol. 8.° br. 300
Duqueza de La Vallière (A), romance historico e moral por madame *Genlis*; vertido em linguagem por ***. Porto 1848 — 1 vol. 8.° br. 300
Elvenda ou Conquista de Coimbra por Fernando Magno, romance historico e moral, elaborado sobre factos do seculo XI, por *Manoel da Cruz Pereira Coutinho* — 1 vol. 8.° br. 360
Esaú, o leproso, chronica do seculo XIV, romance historico. Lisboa 1861 — 4 vol. 8.° br. .... 1$200
Escravo (O) branco ou o Companheiro do pae Thomaz, romance de *M. Hildreth,* auctor da historia dos Estados-Unidos; traducção livre — 1 vol. 8.° br. 300
Espião do campo neutro (O), por *Fenimore Cooper,* ornado de estampas lithographadas. Lisboa 1857 — 4 vol. 8.° br. .... 1$200
Estrella brilhante (A), por *Eduardo de Faria,* romance illustrado. 1852 — 1 vol. fol. 240
Fanny, estudo por *Ernesto Feydeau,* romance trasladado para portuguez por Camillo Castello Branco. Porto 1862 — 1 vol. 8.° br. 400

Fernando Duplessis ou Memorias de um marido, por *Eugène Sue.* 1851 — 1 vol. fol......... 360
Filha (A) dos Reis, por *Paulo Féval* — seguimento do *Saldo de contas á meia noite* — 1 vol. 4.º br....... 240
Filho (O) do Barqueiro, por *M. Carolina Lee Hentz;* traducção de J. L. R. T. — 2 vol. 8.º br........ 800
Gonçalo de Cordova, ou a Conquista de Granada, romance historico pelo cavalheiro de *Florian;* traduzido em portuguez por J. Ferreira dos Santos. Pernambuco 1847 — 2 vol. br................. 480
Guerra (A) das mulheres, por *Alexandre Dumas* — 1 vol. 4.º br.............................. 400
Herança de meu tio (A), novella por *Alexandre de Lavergne;* traduzida do original francez por * * *. Porto 1843 — 1 vol. br......................... 200
Historia dos Girondinos, por *Affonso de Lamartine;* versão sobre o original francez por Francisco Duarte de Almeida e Araujo. 1854 — 1 vol. fol. br.... 1$000
Historia do reinado de Luiz XVI e de Maria Antonieta, por *Alexandre Dumas;* traduzido por Francisco da Costa Braga. Lisboa 1862 — 6 vol. 8.º br. 1$600
Honra ou loucura, romance por *Arnaldo Gama.* Porto 1858 — 1 vol. 8.º br. 500
Impressões de viagem, por *Alexandre Dumas.* Lisboa 1854 — 2 vol. br......................... 600
Inglezes (Os) em Inglaterra, por *Francis Wey;* traducção de F. Ferreira da Silva Vieira — 1 vol. 8.º br. 400
Lamoriciere, Pio IX e Antonelli, romance historico contemporaneo, por *Benedetto Castiglia;* traduzido do italiano por A. C. F. de C. — 1 vol. 8.º br. ... 300
Leitura para caminhos de ferro. Porto — 1 vol. 16.º br..................................... 200
Leone Leoni, por *Jorge Sand* — 1 vol. 8.º br....... 300
Litteratura d'hoje, por *J. D. Ramalho Ortigão.* Porto 1866 — 1 vol. 8.º br. 200
Lendas, Tradições e Contos hespanhoes, colligidos e trasladados por Brito Aranha, e revistos por A. da Silva Tullio. Lisboa 1862 — 2 vol. 8.º br........ 1$000
Lourenço ou o Conscripto, pelo padre *Bresciani;* traduzido por J. A. V. de Sequeira. Porto 1865 — 1 vol. 8.º br..................................... 240
Manta de retalhos, por *Faustino Xavier de Novaes.* Porto 1863 — 1 vol. 8.º br. 500
Marcolfo o Maloino e Surcouf, ou Mysterios da familia Loc-Ronan; traducção de J. M. de Andrade — 4 vol. 8.º br.................................... 2$000
Martim o Engeitado, ou Memorias de um escudeiro, por Mr. *Eugène Sue;* vertido em linguagem pelo traductor dos *Mysterios de Paris.* Porto 1848 — 6 vol. 8.º br................................ 1$800

Memorias d'além da campa, por *Chateaubriand*. Porto 1853-1867 — 21 vol. 8.º br. .... 1$800
Memorias authenticas sobre Garibaldi, por *Camillo Leynadier;* traducção de A. M. P. Carrilho — 2 vol. 8.º br. 600
Memorias de José Garibaldi, traduzidas do manuscripto original por *Alexandre Dumas;* traducção do francez por L. T. C. — 2 vol. 8.º br. 720
Merlinde, duqueza de Arnau, romance original, por *J. M. B. L. V. B.* — 2 vol. 8.º br. 600
Mocidade de Henrique IV (A), romance historico seguido da *Rainha das trincheiras*, pelo *Visconde Ponson du Terrail*. Porto 1863-1866 — 10 vol. br..... 2$500
Noites alegres, por *Carlos Borges* — 1 vol. 8.º br... 300
Noites de amor e ciume, por *Luiz Marianno de Larra*.— 2 vol. 12.º br. 480
Noites de inverno, por *Tito de Noronha*. Porto 1867 — 1 vol. 8.º br. 400
Novo amigo dos meninos (O), por *Saint-Germain Leduc;* traduzido por Luiz Filippe Leite. 1854 — 2 vol. 8.º br. 600
Obras de Camillo Castello Branco:

Anathema, romance original. 3.ª edição emendada. Porto 1875 — 1 vol. 8.º br. 500
Carlota Angela, romance original. 3.ª edição. Porto 1874 — 1 vol. 8.º br. 500
Duas horas de leitura. 3.ª edição. Porto 1868 — 1 vol. 8.º br. 400
Filha do Arcediago (A), romance. 3.ª edição. Porto 1868 — 1 vol. 8.º br. 500
Horas de Paz, escriptos religiosos. 2.ª edição. Porto 1867 — 1 vol. 600
Lagrimas abençoadas, romance. 3.ª edição. Porto 1878 — 1 vol. 8.º br. 400
Livro Negro do Padre Diniz, romance em continuação dos *Mysterios de Lisboa*. Nova edição. Porto 1872 — 1 vol. 8.º br. 500
Mysterios de Lisboa, romance original. 5.ª edição. Porto 1878 — 2 vol. 8.º br. .... 1$000
Neta do Arcediago (A), romance. 3.ª edição. Porto 1874 — 1 vol. 8.º br. 400
Onde está a felicidade? romance. 3.ª edição. Porto 1864 — 1 vol. 8.º br. 500
O que fazem mulheres, romance. 2.ª edição. Porto 1863 — 1 vol. 8.º br. 500
Poesia ou dinheiro? drama em dois actos. 2.ª edição. Porto 1862 — 1 vol. 8.º br. 200
Purgatorio e Paraizo, drama em tres actos. 2.ª edição Porto 1871 — 1 vol. 8.º br. 200
Romance de um homem rico. Porto 1862 — 1 vol. 8.º br. 500

Scenas contemporaneas. 2.ª edição. Porto 1860 — 1 vol. 8.º br. 500
Scenas da Foz. 3.ª edição. Porto 1873 — 1 vol. 8.º br. . 500
Um homem de brios, romance em continuação *Onde está a felicidade?* 3.ª edição. Porto 1869 — 1 vol. 8.º br. . 500
Vingança (A), romance. 2.ª edição — 1 vol. 8.º br. 500

Obras de Julio Diniz:

Fidalgos da Casa Mourisca (Os), chronica da aldeia. 3.ª edição, com o esboço biographico do auctor. Porto 1878 — 2 vol. 8.º br. 800
Morgadinha dos Canaviaes (A), chronica da aldeia. 3.ª edição. Porto 1877 — 2 vol. 8.º br. 800
Pupillas do Snr. Reitor (As), chronica da aldeia. 4.ª edição. Porto 1875 — 1 vol. 8.º br. 500
Uma familia ingleza, scenas da vida do Porto. 3.ª edição. Porto 1875 — 1 vol. 8.º br. 600

Oculos da velha, ou Lente maravilhosa, romance critico original, escripto em portuguez por auctor novato — 4 vol. 8.º br. .... 1$200

Olderico ou o Zuavo pontificio, narração de 1860 pelo padre *Antonio Bresciani;* traduzida da ultima edição de Roma por J. A. V. S. Porto 1863 — 2 vol. 8.º br. 600

Padre (O), a Mulher e a Familia, por *J. Michelet;* traduzido em vulgar por José Maria de Andrade Ferreira. Lisboa 1862 — 1 vol. 8.º br. 500

Pastor (O) de Ashbourg, por *Alexandre Dumas.* Lisboa 1855 — 7 vol. 8.º br. .... 1$200

Patriarcha (O) do Valle ou a Linda hespanhola, romance original por *D. Patricio de La Escosura,* vertido em portuguez, e publicado por Filippe de Sá — 4 vol. 8.º br. .... 2$000

Paula Monti, ou o Palacio de Lambert, historia contemporanea por *Eugenio Sue.* 1854 — 1 vol. 8.º br. 300

Paulina, romance por *George Sand.* — fol. 100

Pelayo, ou o Restaurador de Hespanha, romance historico por *D. João de Dios Mora;* traducção de Filippe de Sá. Lisboa 1857 — 2 vol. 8.º br. .... 1$200

Preço da felicidade (O), por *D. Branca de Carvalho.* Porto 1866 — 1 vol 8.º br. 400

Prima-donna (A). romance por *Méry;* traducção de Fernandes Reis — 1 vol. 8.º br. 400

Rainha (A) das trincheiras, pelo *Visconde Ponson du Terrail,* continuação da *Mocidade de Henrique IV* — 2 vol. 8.º br. 500

Rei do mundo (O), por *Emilio Souvestre;* traduzido por F. F. da Silva Vieira. Lisboa 1859 — 3 vol. 8.º br. . 1$500

Retalho do mundo, por *Maria Peregrina de Sousa.* Porto 1859 — 1 vol. 8.º br. 600

Riquezas do pobre e miserias do rico, seguidas do *Livro de consolação;* traducção do francez por * * * — 1 vol. 8.º br. 240
Romance de um rapaz pobre, por *Octavio Feuillet;* traduzido por Antonio Maria Ferrari. Lisboa 1861 — 1 vol. 8.º br. 500
Romance de uma mulher, por *Alexandre Dumas, filho.* Porto 1862 — 3 vol. 8.º br. 700
Romances de Voltaire, traduzidos em portuguez por A. da Costa Paiva. Porto 1836 — 1 vol. 8.º br. 480
Rua Escura (A), tradição portuense por *Antonio Coelho Lousada.* Porto 1857 — 1 vol. 8.º br. 500
Saldo de contas á meia noite, por *Paulo Féval* — 1 vol. 4.º br. 240
Scenas contemporaneas da vida academica, quasi-romance da actualidade por *A. M. da Cunha Belem.* Lisboa 1863 — 1 vol. 8.º br. 500
Scenas da vida ingleza e **uma lôa do natal** em prosa, por *Carlos Dickens;* versão do inglez por A. C. * * *. Porto 1864 — 1 vol. 8.º br. 500
Se a mocidade soubesse! Se a velhice podésse! por *Frederico Soulié* — 2 vol. 8.º br. 600
Segredos de um cemiterio (Os), por *Léon Gozlan;* traduzido por * * *. Porto 1851 — 2 vol. 8.º br. 480
Sentimentalismo (O), romance por *João de Andrade Corvo.* Coimbra 1871 — 1 vol. 8.º br. 700
Servos e boyardos, ou a Escravidão na Russia, romance historico e inedito por *Clemencia Robert,* seguido de um resumo geographico da Russia e da Turquia; traducção de Rodrigo de Camara — 4 vol. 8.º br. .... 1$200
Testamento de sangue (O), romance por *Alberto Pimentel.* Porto 1873 — 1 vol. 8.º br. 500
Thereza-Demonio, romance; traduzido livremente por Camillo Marianno Froes — 1 vol. 8.º br. 500
Toureiro (O), pela *Duqueza de Abrantes;* traduzido do francez por Joaquim Marcellino de Mattos — 1 vol. 8.º br. 200
Um homem serio, por *Charles de Bernard;* versão de M. A. da Silva — 3 vol. 8.º br. 800
Urbano Grandier, 1634, por *Alexandre Dumas* — 1 vol. 8.º br. 400
Velhice de Camões (A), por *G. de la Landelle;* traducção de J. L. Rodrigues Trigueiros. Lisboa 1860 — 2 vol. 8.º br. 800
Vida de Lord Byron, traduzido da segunda edição hespanhola por M. Fernandes Reis — 1 vol. 8.º br. 500
Vigia (A) de Koat-ven, romance maritimo (1780-1830), por *Eugenio Sue* — 1 vol. 4.º br. 600